



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
CAMPINA GRANDE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

O RÁDIO COMO LUGAR DE MEMÓRIA EM CAJAZEIRAS/PB
(2009 – 2014)

FRANCISCA EDNA CLAUDIA FERREIRA

CAJAZEIRAS-PB

2016

FRANCISCA EDNA CLAUDIA FERREIRA

**O RÁDIO COMO LUGAR DE MEMÓRIA EM CAJAZEIRAS/PB
(2009 – 2014)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ceballos.

CAJAZEIRAS – PB

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

F383r Ferreira, Francisca Edna Claudia
O rádio como lugar de memória em Cajazeiras - PB / Francisca Edna
Claudia Ferreira. - Cajazeiras, 2016.
128p.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ceballos.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2016.

1. Radiocomunicação - memória. 2. Rádio - Cajazeiras - PB. I.
Ceballos, Rodrigo. II. Universidade Federal de Campina Grande. III.
Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

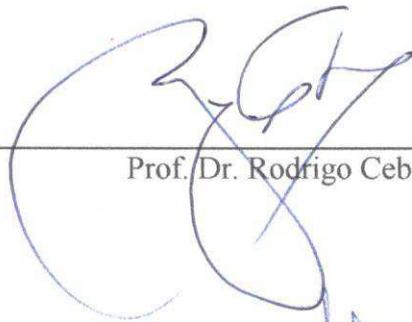
CDU - 654.16

FRANCISCA EDNA CLAUDIA FERREIRA

O RÁDIO COMO LUGAR DE MEMÓRIA EM CAJAZEIRAS/PB

Aprovado em: 27/05/2016

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Rodrigo Ceballos



Prof. Dr. Mariana Moreira Neto



Prof. Ms. Isamar Gonçalves Lôbo

Prof. Dr. Rosilene Alves de Melo (suplente)

Prece do Radiodifusor

Que eu tenha a sabedoria dos simples perante os homens

Para ter simplicidade dos sábios perante Deus e, assim,

Ser digno da minha missão.

Que o poder da influência não me traga a influência do poder.

Que eu me comunique sempre com responsabilidade

Para ter responsabilidade na Comunicação.

Que eu trate os meus concorrentes com o respeito que lhes

diz respeito.

Que aos meus empregados eu dê trabalho, sem lhes dar

trabalho.

Que eu seja honesto com os meus anunciantes

Irradiando direito o tempo que eles têm direito,

Mas que não tenha dúvidas em recusar anúncios de produtos

duvidosos.

Que eu faça o bem, não aceitando anúncios de serviços

Que façam mal ao espírito e à moral.

Em suma: em vez de fazer o Rádio necessário para ganhar

um bom dinheiro,

Que eu pense apenas em ganhar o necessário dinheiro para

fazer um Rádio bom.

Que, em Ondas de Luz, a minha mensagem vá aos campos

e às cidades,

Entrando nas mansões e nos casebres,

Nos veículos, nos clubes e hospitais,

Levando, principalmente, conforto ao doente, paz ao

deseesperado,

Fé ao descrente; ao triste a alegria; ao solitário, companhia

Lembrando sempre o Santo Pobre de Assis.

Aos que não têm sofrimento, que eu leve entretenimento,

Contribuindo, com informação, para a sua boa formação.

Enfim, em vez de grande entre pequenos,

Que eu continue pequeno entre os grandes,

Pois meus ouvintes são uma multidão de reis.

Autoria: Luis Homero¹

¹ Prece de Luis Homero, empresário e Diretor da Rádio Onda Nova FM de São José do Rio Preto (SP). Ver: NASCIMENTO, Pereira. **História da radiodifusão da Paraíba.** -João Pessoa/PB: Editora Persona, 2003, p.350.

DEDICATÓRIA

Ao meu sobrinho Lucas, que nesses 05 (cinco) anos de sua existência, me mostrou uma nova maneira de viver a vida. A ele que foi motivo de meus sorrisos e que me deu forças para lutar por esse sonho que estou realizando.

AGRADECIMENTOS

Dizer obrigada me parece pouco, diante do grande reconhecimento e valor que todas as pessoas envolvidas, direta e indiretamente para a conclusão deste trabalho, possuem em minha vida. Ainda assim, a forma mais pura e singela que posso retribuir a todos é dizendo, Muito Obrigada!

Agradeço primeiramente, a Deus, o meu Pai Celestial, que em momento algum de dificuldade e aflição na minha caminhada, seja ela pessoal, estudantil ou profissional, me deixou desistir e me deu forças para lutar sempre. Agradeço ao seu filho Jesus, que derramando as bênçãos do Espírito Santo sobre mim, cada vez que eu clamava, me fez forte e confiante. Agradeço a Nossa Senhora, a minha grande e magnífica intercessora junto ao seu filho, em todas as minhas preces diárias.

Agradeço de coração inundado de felicidades e amor aos meus dois espelhos e inspiração para a minha vida, os meus pais, Luiz Ferreira Neto (painho Luiz) e Sandra Maria Ferreira (mainha Sandra). Foi seguindo seus grandes ensinamentos de humildade, caráter, respeito e solidariedade, que me tornei o ser humano que sou hoje. É por eles e para eles que levanto todos os dias com vontade de crescer e me tornar uma pessoa mais justa e humana.

Ao meu amado e adorado irmão José Edgler Ferreira (Lêê), por todo amor a mim oferecido. Depois dos meus pais, meu irmão é meu exemplo de vida. É me inspirando nele que busco chegar ao longe. Agradeço incansavelmente a você, Edgler, por todos os puxões de orelha, por confiar e acreditar que posso muito mais do que acredito.

Ao meu sobrinho Lucas, por me amar como mãe e por me oferecer o mais puro amor que alguém possa receber. É seu sorriso e olhar sinceros que me dão coragem a cada dia.

Ao meu namorado Ulisses Melo, que vem me mostrando a cada dia a importância de ter ao seu lado alguém que você ame e que te faça sentir amada. Muito obrigada Ulisses, por ser motivo do meu riso frouxo e por me fazer cada dia mais feliz. E pela paciência na formatação e gravação dos arquivos do meu trabalho.

A Viviane Gomes de Ceballos, que me orientou e me ajudou sempre com muita dedicação e empenho. Mesmo com minhas falhas, sempre me transmitia confiança e sabedoria, enriquecendo cada vez mais o meu trabalho. Agradeço por ter estado comigo até o momento em que precisou se ausentar para concluir seu sonho pessoal.

A Rodrigo Ceballos, que na ausência de Viviane aceitou me acompanhar nos meus passos finais para a conclusão do meu trabalho. Obrigada por ter entrado nesse barco furado e ter sido meu bote salva vidas.

Agradeço a banca examinadora por ter aceito o convite e pelas colaborações que, sem sombra de dúvidas, enriquecerão esta pesquisa.

A todos os professores da graduação, que foram de extrema importância na minha formação acadêmica. Em especial, aos mestres que me proporcionaram uma visão extensa sobre o quanto é gostoso estudar História, a Francisco Eugênio Paccelli (em memória) com seu jeito espontâneo e alegre de ensinar Pré-História, a Francisco Firmino Sales Neto (Neto) por toda força e confiança repassada em sala de aula, a Isamarc Gonçalves Lôbo, por suas inovações em sala de aula, que tanto despertavam os alunos a cada período. Muito obrigada!

A todos que fazem parte da Rádio Alto Piranhas, na pessoa do Dr. José Antônio, que tão bem me acolheu e me deu total liberdade para pesquisar sobre o meu tema. Agradeço também a Dulce, recepcionista da Alto Piranhas, que se prontificou a gravar para mim o áudio dos programas que ia precisar. Agradeço também a todos que fazem parte da Rádio Difusora de Cajazeiras, na pessoa do ex-diretor Júnior, que me recebeu tão bem e me permitiu também pesquisar sobre meu tema.

Aos entrevistados, Antônia Quirino de Freitas, Francisco Quirino de Sousa, Moises Conrado Nogueira, Mariana Moreira Neto, Luiz Severino da Silva, Paulo Feitosa de Sousa, Rogério Pereira da Silva e Rubismar Marques Galvão, que através de seus depoimentos me possibilitaram construir este trabalho.

Aos meus queridos colegas de curso, que durante esses anos de universidade, dividimos muitos momentos importantes. Foram com eles, que pude ultrapassar cada etapa que o curso nos fez vivenciar.

Aos meus amigos/irmãos que a vida e a universidade me presentearam. Cada um com seu jeito e personalidade particular, me cativaram e me conquistaram. Fomos amparo um do outro, sorrimos e choramos juntos e dividimos momentos únicos que levaremos para vida. A Erivaneide (Vaneide), Evandy (Vandy), Andressa (Dedessa), Paloma (Palominha), Sabrina (Tchonguesa), Francisco Benedito (Benedi), Moises (Mozart). Mesmo distantes, não nos afastaremos e seremos sempre os “Tchongados”. Agradeço também a Erivan, Cléia Tamiris (Cangaceira), Jocasta, Luís Júnior, que também deixaram marcas sem fim na minha vida. Obrigada por se fazerem tão especiais e essenciais nessa jornada tão longa.

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade refletir como o rádio, um veículo de comunicação, pode ser um meio de reconstrução da memória da cidade de Cajazeiras no ano de 2009 a 2014, buscando analisar qual a sua importância como um espaço de construção de uma memória da população. Assim procuramos fazer essa reflexão através de duas emissoras de rádio em Cajazeiras: a Difusora Rádio Cajazeiras e a Rádio Alto Piranhas; a partir da análise de dois programas das respectivas emissoras: o Programa Boca Quente e o Rádio Vivo, além das memórias de alguns ouvintes e locutores dessas rádios.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio, Memória, Cajazeiras.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – DA ELITE AO POPULAR: O RÁDIO SE TORNA UM VEÍCULO DE MASSA	17
CAPÍTULO II – O RÁDIO CHEGA A CAJAZEIRAS.....	28
CAPÍTULO III – A HISTÓRIA DE CAJAZEIRAS VISTA ATRAVÉS DO RÁDIO	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICE.....	47

INTRODUÇÃO

O século XIX representou um período de mudanças e transformações vertiginosas no cenário brasileiro, principalmente no que se refere à Revolução-Científico-Tecnológica como nos mostrou Sevcenko (1998), ocasionando alterações no aspecto e no comportamento da população. As inovações tecnológicas marcaram a mente das pessoas muito mais que os avanços científicos. Entre essas inúmeras inovações, Ortriwano (1985) nos diz que a instalação definitiva da radiodifusão no Brasil aconteceu em 20 de abril de 1923, no Rio de Janeiro, quando começou a funcionar a Rádio Sociedade, e que até hoje se faz presente nos lares e no cotidiano das pessoas. Deste ano em diante, o rádio passou por inúmeros processos de testes e aperfeiçoamentos, até chegar ao estágio que se encontra atualmente.

Neste sentido, analisarei o rádio em Cajazeiras, buscando apresentar a sua relação com a população cajazeirense. Sendo um meio de comunicação existente na cidade desde meados do século XX, e que até hoje tem o seu lugar de destaque entre os meios de comunicação da cidade, busco problematizar como o rádio, um veículo de comunicação, pode ser um meio de reconstrução da memória de Cajazeiras, tendo como foco de análise o ano de 2009 a 2014. Pensando na trajetória que o mesmo percorreu desde fins do século XIX e início do século XX, quando o mesmo surgiu entre os inúmeros avanços científicos e tecnológicos, e por todo o seu processo de luta por permanência e afirmação nos meios de comunicação, pretendo mostrar como a população utiliza o rádio como um transmissor de sua própria história.

Partindo da análise que o rádio quando surgiu no Brasil enfrentou inúmeros problemas para se estabilizar, como também, posteriormente, em se manter firme em meio ao nascimento de outros veículos de informação, é necessário entender que o mesmo não era um veículo ao alcance e acessibilidade de todos, pois “[...] o rádio nascia como meio de elite, não de massa, e se dirigia a quem tivesse poder aquisitivo para mandar buscar no exterior os aparelhos receptores, então muito caros” (ORTRIWANO, 1985, p. 14).

Além disso, segundo Ortriwano (1985) em seu início o rádio não atingiu os objetivos de seus fundadores em levar educação e alegria a todos, pois servia mais para divulgar trabalhos de intelectuais e cientistas. Só aos poucos, mais ou menos nos anos de 1920, que o rádio passou a se propagar e se expandir por todos os cantos do país, começando também a sofrer transformações radicais, com a inclusão do setor comercial.

A partir desse período, o rádio sofreu inúmeros aperfeiçoamentos, atingindo finalmente sua popularidade. Como afirma ORTRIWANO (1985, p. 15), a introdução de mensagens comerciais transfigura imediatamente o rádio: o que era “erudito”, “educativo” e “cultural” passa a transformar-se em “popular”, voltado ao lazer e à diversão.

No seu início o rádio estava ao alcance da elite, depois torna-se popular, ou seja, se transforma em um veículo de massa. Passa a fazer parte do cotidiano das pessoas, do desejo de se manterem informados. A população em geral começou a utilizar o rádio por diversão e entretenimento ouvindo diariamente sua programação, uma vez que era um artefato moderno e de efeito arrebatador. “Cada um põe naquela voz aliciante o rosto e o corpo dos seus sonhos. Como o som se transmite pelo espaço, onde quer que se ande pela casa, aquela voz penetrante vai atrás.” (SEVCENKO, 1998, p. 586).

Ao passo que o rádio foi evoluindo e que transformações foram surgindo no país e conseqüentemente no rádio, a evolução e o surgimento de várias emissoras foram acontecendo naturalmente, cada uma com sua programação e objetivos específicos. Segundo Ortriwano (1985) a partir do início dos anos de 1930, o rádio sofre transformações radicais. Os anos 30 presenciaram o surgimento de importantes emissoras brasileiras, como a Rádio Record, a Rádio Kosmos, a Rádio Jornal do Brasil, todas em São Paulo; a Rádio Nacional, no Rio de Janeiro².

Nesse processo de expansão o rádio surge na Paraíba, inicialmente com sua primeira emissora, denominada de Rádio Clube da Paraíba. Segundo Sousa (2003), a Rádio Clube da Paraíba, teve suas primeiras transmissões datadas entre 1930-1931, e “[...] como ainda não havia aparelhos de Rádio para recepção dos programas, eles eram irradiados por meio de alto-falantes instalados no centro da capital” (SOUSA, 2003, p.1). No entanto, segundo Nascimento (2003), a Rádio Clube da Paraíba desaparece devido um incêndio em suas instalações, e com ajuda dos associados, em 25 de janeiro de 1937, surge a Rádio Difusora da Paraíba, a PRI-4, um empreendimento do governador Argemiro de Figueiredo. No mesmo ano, no mês de maio, houve uma mudança no nome da emissora que passou a se chamar Rádio Tabajara da Paraíba, em homenagem aos primeiros habitantes da Paraíba.

² Podemos verificar o nome de muitas outras emissoras de rádio que surgiram no Brasil na Relação das Estações Brasileiras de Radiodifusão disponível em <http://carosouvintes.org.br/pdf/061209-materia-as-pdf>. Acessado em 12 de dezembro de 2014.

Em Campina Grande, as primeiras experiências radiofônicas aconteceram nos anos 30, com trabalhos radioamadores. Segundo Freitas (2006) em 1936, o gaúcho Jovelino Farias, implantou um serviço de alto falante na Rua Marques do Herval. Mas foi na década de 1940, que surge a difusora A Voz de Campina Grande, sob o comando do cearense José Jataí, ampliando assim os serviços radiofônicos da cidade. Ainda na década de 1940, surge em Campina Grande, a Rádio Cariri, especificamente no dia 13 de maio de 1948, ficando conhecida como a pioneira da radiofonia campinense, pois mudou os costumes da sociedade, com uma grade de programas bem diversificados, como por exemplo, programas de cantoria, artistas da terra e programas esportivos.

Campina Grande também contou com o surgimento de mais duas emissoras no início da década de 1950. A Rádio Borborema surgiu em 08 de dezembro de 1949, sob inspiração do jornalista Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, que resolveu ampliar o complexo de comunicação de sua propriedade, antes denominado de Rádio e Jornais Associados. Segundo Freitas (2006) a Rádio Borborema foi um exemplo no Nordeste, podendo ser equiparada à Rádio Nacional do Rio de Janeiro devido à diversidade de sua programação. A Rádio Caturité foi inaugurada no dia 07 de abril de 1951, numa sociedade entre o jornalista Teófilo Benedito de Vasconcelos e o advogado Sávio Carvalho da Silveira. “A Caturité serviu de inspiração política para uma época em que o Brasil vivia a maior abertura para a democracia, os anos 50.” (FREITAS, 2006, p. 161).

Especificamente no interior do sertão paraibano, o rádio surge na cidade de Cajazeiras, por volta de 1938, com a instalação de serviços de alto falantes e se mantém firme até os dias atuais. Desde o seu surgimento, o rádio em Cajazeiras passou um processo de crescimento e aperfeiçoamento, com o surgimento de importantes emissoras de rádio, que fazem parte da história da cidade e da população, trazendo alegria e informação para seus habitantes e para toda a região. Nessa perspectiva, buscaremos responder a uma questão: qual a importância do rádio como um espaço de construção de memória da população cajazeirense na primeira década do século XXI?

Buscaremos assim ao longo do trabalho, verificar como o rádio, um veículo de informação surgido no século XIX, ainda se mantém firme na cidade de Cajazeiras e faz parte da rotina da sua população. Também pretendemos perceber como a população interage com esse veículo, servindo como uma ajuda para o funcionamento e recolhimento de informações, que serão transmitidas para os ouvintes através da voz do

radialista. Para assim, analisar qual o papel que a população atribui ao rádio, enquanto um construtor da memória dos cidadãos.

Apesar de já existirem outros trabalhos sobre o rádio enquanto meio de comunicação, esta pesquisa se difere quanto a sua perspectiva de análise e a sua problemática, uma vez que almeja através de testemunhos da própria população da cidade de Cajazeiras, mostrar a sua relação com o Rádio enquanto meio de comunicação. Portanto, desejamos entender a importância que a população estabelece para este meio enquanto um espaço de construção da memória da cidade.

Entre os trabalhos analisados temos o de Nicolau Sevcenko (*História da Vida Privada no Brasil: República: da Belle époque à Era do Rádio*), em que faz uma abordagem sobre as inovações que surgiram com a República, entre elas as tecnológicas. Para Sevcenko (1998), essas inovações mudaram a vida e os hábitos da população, e se mantiveram em uma sociedade cada vez mais sedenta por inovações. E nesse período, o rádio foi aos poucos criando uma nova cara e atraindo diferentes públicos, com programações cada vez mais atrativas e descontraídas, e aos poucos descobrindo o poder da publicidade.

No entanto, a história do rádio tem um desenvolvimento defasado e mais tardio, se introduzindo por volta do início dos anos de 1920 no Brasil. Segundo Sevcenko (1998, p. 587),

Sua introdução aqui só se deu no início dos anos 20, mas tantos eram seus problemas técnicos de transmissão, difusão, qualidade de sinal e programação, que só a partir dos anos 30 é que ele teria um impacto decisivo para transformação da cultura brasileira.

Outro trabalho sobre o rádio é o de Dóris Fagundes Haussen (2008), que em seu artigo “Rádio e Sociedade Brasileira no cinema: de 1940 a 2000”, procura identificar em seis filmes nacionais como uma mídia registra a participação da outra e que tipo de visão é repassado, revelando um panorama da sociedade brasileira ao longo do século XX. Durante o seu trabalho, Haussen ainda apresenta a trajetória do rádio em quatro fases, que se entende do ano de 1890, período em que o mesmo ainda é considerado apenas como uma experiência de transmissão de sinais à distância, até por volta dos anos 1985, com o fim da Ditadura Militar.

No intento de apresentar o rádio a partir de um novo olhar, nossa proposta de pesquisa está alicerçada sobre a nova história, pois traz uma renovação da compreensão

do tempo e do sujeito histórico pelos historiadores. A nova história não se prende a grandes eventos e grandes heróis, mas abre espaço para a história do indivíduo livre. Assim, surge uma renovação no campo das técnicas e dos métodos, uma documentação relativa ao campo econômico-sócio-mental.

Neste sentido, esta pesquisa está voltada para uma história social, preocupando-se em transmitir a história de uma cidade vista pelo olhar de pessoas que a compõem, e não apenas de pessoas ilustres, de indivíduos de uma sociedade. O trabalho busca retratar a vida das pessoas desta cidade, a partir de um meio informativo, interativo e divertido, o rádio.

Dessa forma, Cajazeiras, cidade localizada no sertão da Paraíba, tendo o seu surgimento ligado ao Padre Inácio de Sousa Rolim, sendo conhecida como “a cidade que ensinou a Paraíba a ler”³, traz junto a sua história o surgimento de um importante meio de comunicação presente até os dias atuais, o rádio, e que faz parte da vida e do cotidiano de sua população. Neste sentido, utilizarei como base metodológica para este trabalho a História Oral, com o testemunho de pessoas ligadas direta e/ou indiretamente ao funcionamento do rádio, e o áudio do Programa Boca Quente e Programa Rádio Vivo, respectivamente das emissoras Rádio Difusora e Rádio Alto Piranhas. Estas serão as minhas fontes para responder a problemática do meu projeto e alcançar os objetivos propostos. Buscando entender como o rádio se tornou um instrumento de memória em Cajazeiras, ou seja, como a população através do rádio constrói a memória da sua cidade, entrevistarei alguns de seus residentes. Essas entrevistas foram realizadas com cajazeirenses que moram na cidade, como ouvintes, locutores, comerciantes e professores, buscando alcançar pontos de vista e experiências de vida variados, para fazer uma conexão entre suas opiniões.

Quando escolhi a oralidade como uma de minhas fontes, não foi porque achava interessante ou por falta de opção, mas porque meu objetivo era ouvir das pessoas a sua visão sobre esse meio de comunicação e como ele as transforma. Desta forma, essa fonte aparecia como a mais instigante e a que me auxiliaria mais a responder a problemática desta pesquisa.

Sendo assim, o trabalho se estrutura em três capítulos. O primeiro capítulo Da elite ao popular: o rádio se torna um veículo de massa, tem o objetivo de apresentar

³ De acordo com a historiografia oficial, Cajazeiras teria surgido com a fundação de um colégio, pelo Padre Rolim, ocasionando assim, o nascimento da cidade. (ROLIM, 2010).

como o rádio, um meio de comunicação que nasceu voltado para elite, foi aos poucos se transformando em popular, o conhecido meio de comunicação de massa. Como esse meio de comunicação passou a trabalhar com programações de caráter cultural, educativo, informativo e político. Além de analisar a chegada do rádio na Paraíba.

O segundo capítulo O rádio chega a Cajazeiras busca mostrar a chegada do rádio em Cajazeiras, desde suas experiências radiofônicas até a instalação das emissoras de rádio, que ainda hoje existem na cidade e que possuem tanta força entre os meios de comunicação da cidade.

O terceiro capítulo A história de Cajazeiras vista através do rádio busca mostrar o lugar do rádio em Cajazeiras e a relação que as pessoas estabelecem com esse meio de comunicação, já que são os próprios ouvintes que contribuem com as informações. Pretende também mostrar como a história de Cajazeiras pode ser contada de várias maneiras pelos ouvintes das emissoras. E essa história, acaba se transformando em uma memória construída.

CAPÍTULO 1

Da elite ao popular: o rádio se torna um veículo de massa

Tendo surgido em meio às mudanças ocorridas entre o final do século XIX e início do século XX, o rádio representou umas das maiores transformações ocorridas naquela época, pois “[...] lançado como uma novidade maravilhosa, o rádio transformou-se em parte integrante do cotidiano. Presença constante nos lares, converteu-se em um meio fundamental de informação e entretenimento” (CALABRE, 2004, p. 7-8). Esse veículo de comunicação surgiu sorrateiramente e foi aos poucos invadindo a casa e a vida das pessoas trazendo principalmente alegria e informação para o dia-a-dia da população.

Segundo Calabre (2004, p. 7) “[...] o rádio criou modas, inovou estilos, inventou novas práticas cotidianas, estimulou novos tipos de sociabilidade”. A partir do seu surgimento até os dias atuais, o rádio viveu inúmeras transformações e aperfeiçoamentos, desfrutou momentos de glória e dificuldades, ganhou e perdeu espaço na vida das pessoas, mas ainda assim, tem o seu lugar na sociedade atual, buscando sempre acompanhar as exigências da modernidade.

Quanto à história de instalação do rádio no Brasil, temos algumas controvérsias. Segundo Nascimento (2003) e Alcides (1997) a radiodifusão no Brasil ocorreu em 06 de abril de 1919, com a Fundação da Rádio Clube de Pernambuco, em Recife, por Oscar Moreira Pinto. Em contraposição, Ortriwano (1985) mesmo reconhecendo ter existido experiências radiofônicas feitas por amadores de Recife, com a Rádio Clube da Pernambuco, a autora reconhece o dia 7 de setembro de 1922, como a data de inauguração do rádio no Brasil, nas comemorações do Centenário da Independência, na cidade do Rio de Janeiro.

Dessa forma, segundo Ortriwano (1985, p. 13) “[...] podemos considerar 20 de abril de 1923 como a data de instalação da radiodifusão no Brasil. É quando começa a funcionar a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Roquette Pinto e Henry Morize impondo à emissora um cunho nitidamente educativo”. O rádio trouxe transformações quanto à comunicação entre as pessoas, pois o mesmo tinha a capacidade de unir a todos através das informações transmitidas.

As pessoas se entregavam as vozes que saíam do aparelho e penetravam nas suas almas, vozes que mexiam com o imaginário de todos, quando passavam a imaginar

como seria o dono daquela voz. Sobre isso Souza (2006, p. 27) nos diz “[...] que o que é dito no rádio vale mais pelas qualidades sensíveis da elocução da voz do que pelo conteúdo do que é comunicado”. As pessoas se viam envolvidas com o que ouviam no rádio, muitas vezes não pelo valor da informação, mas pela forma como era transmitida, pela capacidade que o rádio tinha em envolver e encantar os seus ouvintes variados.

Segundo Sevckenko (1998), o rádio, assim como os outros meios de comunicação que foram surgindo, se tornou o eixo de irradiação das grandes transformações em marcha pelo mundo, permitindo que cidades como o Rio de Janeiro, passasse a ditar modas e comportamentos, e principalmente sistemas de valores e o modo de vida das pessoas. No entanto, o desenvolvimento do rádio foi defasado e tardio no Brasil em relação aos países industrializados.

Sendo assim, segundo Calabre (2004, p. 12) “[...] os primeiros anos de vida do rádio no país estiveram repletos de dificuldade, refletidas num constante surgimento e desaparecimento de inúmeras emissoras”, já que o rádio em seu início se destinou particularmente à elite, e os aparelhos de som eram muito caros e tinham que vir do exterior, impossibilitando a população mais pobre de possuir um desses aparelhos. Segundo Calabre (2004), umas das alternativas para o surgimento de novas emissoras foi a criação das rádios-sociedade. Essas rádios-sociedade seriam mantidas através de uma contribuição paga por seus associados mensalmente. Além disso, sua fundação era um empreendimento de intelectuais, com programações voltadas para o educativo e cultural, e naquela época nem todos possuíam formação acadêmica.

Como o rádio era mantido graças às mensalidades de seus sócios e por doações dos setores públicos e privados, com certo tempo as pessoas começaram a deixar de pagar, e o rádio passou a enfrentar problemas financeiros, exigindo assim uma solução a ser tomada. Além disso, como algumas pessoas tinham a finalidade de tornar o rádio um meio de comunicação de massa, foram tomadas inúmeras iniciativas para que a radiodifusão se espalhasse por todo o Brasil.

Mas, esse processo de passagem do rádio brasileiro da fase amadora para a fase comercial não aconteceu imediatamente. Segundo Calabre (2004), esse processo enfrentou uma série de circunstâncias adversas, como a escassez de aparelhos receptores, a falta de verbas, de ouvintes e a falta de regulamentação sobre a publicidade. É neste momento que a radiodifusão começa a mudar suas características,

passando a recorrer a outras manobras comerciais e a ampliar seu público ouvinte, com o intuito de atrair pessoas para as novas programações.

Segundo Souza (2006, p. 24),

O rádio talvez tenha sido o mais democrático aparelho de comunicação de massa a disposição do ser humano, pois independente da configuração ideológica que pudessem ter as suas informações, ele atingia a ricos e pobres indistintamente, ajudando cada um a elaborar ou reelaborar as informações ali veiculadas.

Isso nos mostra que o rádio tinha a capacidade de atingir a todos independentemente da classe social, pois passou a ser democrático e a possuir uma programação voltada para qualquer pessoa, em qualquer lugar. Até mesmo os que não possuíam aparelhos receptores em casa passaram a acompanhar as programações através das caixas de som instaladas nas ruas das cidades, podendo ainda retransmitir oralmente para os que não tivessem acesso a ele de forma alguma. O rádio se tornava um espaço de sociabilidade, permitindo que houvesse uma interação entre as pessoas, no momento em que se reuniam nas ruas para acompanhar os programas transmitidos pelas caixas de alto falantes instaladas nas ruas das cidades.

Neste sentido, Calabre (2004, p. 16) nos diz que,

Em 1927, em São Paulo, por exemplo, a Rádio Educadora Paulista, conhecedora do interesse de seus ouvintes pelos jogos de futebol, transmitiu do Rio de Janeiro para São Paulo uma partida do campeonato brasileiro entre paulistas e cariocas. Para permitir que um número grande de ouvintes pudesse acompanhar a façanha, foram instalados alto-falantes na Sorveteria Meia Noite, na Leiteria Brilhante e em frente à sede do Jornal *A Gazeta*.

Dessa forma, o rádio foi conseguindo alcançar o maior número de ouvintes possíveis, já que os sistemas de alto-falantes foram se espalhando por todos os cantos do país. Esses serviços também chegaram ao interior do país, como nos fala Souza (2006), onde o Sr. Jovelino Farias tornou-se pioneiro nesses serviços de alto falantes na Paraíba, como por exemplo, Campina Grande, que em 1937 possibilitou que a população acompanhasse as programações do rádio em vários cantos da cidade. Ainda sobre isso, Souza (2006) nos diz que o rádio adquiriu a capacidade de condicionar o tipo de informação, pois tinha que ser rápida e precisa para que o indivíduo mais simples tivesse acesso às notícias de qualquer lugar que se encontrasse.

A partir do momento que o rádio muda sua direção e se apresenta de forma aberta para todas as camadas populares, ele conseqüentemente muda os rumos das suas programações. Como os problemas financeiros foram se agravando a cada instante, o rádio foi obrigado a recorrer a outros meios para continuar mantendo o seu funcionamento. Para isso, a saída encontrada é passar a utilizar anúncios, já que os seus sócios não estavam mais se comprometendo com as suas doações.

É neste momento que a publicidade passa a ser permitida por meio de decretos, e que o governo se compromete com a radiodifusão, regulamentando o funcionamento do rádio e instituindo um decreto em que autorizava a veiculação de propaganda pelo rádio, ainda que de forma controlada.

Segundo Ortriwano (1985, p. 15),

A publicidade foi permitida por meio do Decreto nº 21.111, de 1º de março de 1932, que regulamentou o decreto nº 20.047, de maio de 1931, primeiro diploma legal sobre a radiodifusão, surgido nove anos após a implantação do rádio no país. As primeiras emissoras a entrar em operação, antes do Decreto nº 20.047, obtiveram suas licenças com base na regulamentação da radiotelegrafia, o Regulamento para Serviços de Radiotelegrafia e Radiotelefonía, Decreto nº 16.657, de 5 de novembro de 1924.

Calabre (2004) ressalta, no entanto, que por volta dos anos de 1920, ainda existia certo descrédito com relação à eficácia do rádio para a conquista de novos clientes e o crescimento do consumo. Em grande medida devido aos anunciantes estarem acostumados a levar seus comerciais através da imprensa escrita. Só no final da década de 1920 e início da década de 1930 surgiu uma mudança nesse aspecto já que “[...] o período da expansão das agências norte-americanas coincidiu com o do desenvolvimento do setor radiofônico” (CALABRE, 2004, p. 14).

Isso nos permite perceber que a utilização das mensagens comerciais trouxe um novo aspecto e uma nova roupagem para o rádio, já que o que antes se destinava ao cultural e educativo, agora abria as portas para uma programação mais descontraída e popular, permitindo que pessoas de qualquer camada social acompanhassem suas transmissões. É importante ressaltar que essas mudanças no rádio tiveram um fator negativo quando começaram a deixar de lado a finalidade de levar educação para as pessoas, e as emissoras passaram a disputar interesses mercantis.

Uma justificativa para isso é a eficiência com que o rádio se apresentava para os empresários, que passaram a perceber que esse veículo de comunicação era muito mais

eficaz que os impressos, já que o número de analfabetos era tão grande, e que esse meio de publicidade incentivava o estímulo para o consumo. Sendo que “[...] o rádio colocaria a serviço da vida econômica nacional todas as suas potencialidades, consolidando-se, definitivamente, como veículo publicitário de múltiplos objetivos, de expressão popular e integração nacional” (MADRID, *apud* ORTRIWANO, 1985, p. 16).

Com a chegada dos anos 1930, o rádio passou por um impacto, incluindo em suas transmissões programas políticos e mais tarde jornalísticos. Com as mudanças nos anos de 1930, surgiu nas pessoas o desejo em se manterem informadas sobre o que acontecia no Brasil e no mundo, e o rádio, por sua vez, se compromete com a população os deixando informados de todos os acontecimentos. Surgem também nas ondas do rádio os programas de política, como um aliado aos políticos, que buscavam se propagar aos seus eleitores e conquistar a confiança dos mesmos. Um político importante que utilizou o rádio para se propagar e até se impor para a população foi Getúlio Vargas, chegando até a criar um programa próprio para ele, o conhecido A voz do Brasil. Com isso, o rádio passou a assumir um papel de importância na vida política e econômica da cidade. Há na década de 1930 um investimento muito grande na propaganda dos governos, na tentativa de construir o carisma e a imagem dos grandes líderes políticos – como Vargas, e Hitler na Alemanha.

Segundo Ortriwano (1985, p. 19) “O decênio de 30 foi importante para que o rádio se definisse em seus caminhos e encontrasse o seu rumo na fase seguinte, acompanhando e auxiliando o desenvolvimento nacional como um todo.” O rádio criou assim, um elo entre o indivíduo e a coletividade, em que além da capacidade de vender produtos, ele mobilizava a população, fazendo que participassem ativamente da vida nacional. Isso propiciou ao rádio um lugar na sociedade brasileira, mesmo após o surgimento de outros meios de comunicação, como a televisão.

Após a implantação da radiodifusão no Brasil e as transformações ocorridas nas programações do rádio, com a introdução de programas culturais, jornalísticos e políticos, verifica-se o surgimento desse veículo de comunicação em outras regiões do país.

Depois da instalação da Rádio Jornal do Brasil no Rio de Janeiro em 10 de agosto de 1935, e da Rádio Clube de Pernambuco em 06 de abril de 1919, segundo Nascimento (2003) surge depois da Revolução de 1930 os primeiros sinais de

crescimento da Paraíba, com a saída da população do campo para a cidade, e consequentemente os sintomas da necessidade de se criar uma emissora de rádio para a Paraíba. É exatamente nesse cenário que começam a surgir os primeiros trabalhos de radioamadores, com a introdução de caixas falantes em pontos estratégicos de algumas cidades da Paraíba, nos quais os pioneiros nesses trabalhos foram as cidades de João Pessoa e de Campina Grande.

Em João Pessoa, segundo Sousa (2003) a primeira Estação de Rádio surgiu entre os anos de 1930 e 1931, na mesma época em que a população mudava do campo para a cidade. A Rádio Clube da Paraíba surgiu na tentativa de reagir a hegemonia econômica do vizinho estado pernambucano. “Para Newton Monteiro, filho de José Monteiro (um dos fundadores da Rádio Clube da Paraíba), a penetração da Rádio Clube de Pernambuco-PRA-8 na capital paraibana era muito forte. Isso favorecia o comércio recifense [...]” (SOUSA, 2003, p. 1). Segundo Nascimento (2003) a Rádio Clube da Paraíba funcionava como uma associação mantida por taxas mensais de seus associados, possuindo uma programação variada de recitais, audições, cantos, palestras literárias.

Segundo Sousa (2003, p. 2) “[...] a primeira transmissão externa realizada na Paraíba e que a torna pioneira no Radiojornalismo local, foi feita pela Rádio Clube quando cobriu a visita do Presidente Getúlio Vargas ao Estado”. A Rádio Clube tinha ainda o Jornal oficial da Paraíba como seu aliado, que criou uma coluna destinada para divulgar notícias sobre o empreendimento radiofônico, auxiliando na sua consolidação.

Segundo Sousa (2003, p. 3),

O jornal, por seu lado, não poupava linhas de notícias e elogios ao novo meio, considerando-o “*talvez a maior força auxiliar do nosso sistema educativo*”. Despertando a atenção de uma elite que passou a ter como símbolo de status possuir um aparelho receptor importado entronizado na sala de visitas, a Rádio Clube recebe a colaboração de jovens que nela “*exercitam sua veia artística*”.

No entanto, Nascimento (2003) nos fala que a Rádio Clube da Paraíba no seu início funcionava como uma emissora totalmente artesanal, o que acabou ocasionando no seu desaparecimento no ano de 1936, devido a um incêndio que ocorreu em suas instalações, levando seus associados a fazerem doações do que restou ao governo do Estado. A partir desse momento, surge em 25 de janeiro de 1937, a Rádio Difusora da Paraíba PRI-4, sob o empreendimento do Interventor Argemiro de Figueiredo.

Segundo Sousa (2003) a pressa em colocar a Rádio no ar, para homenagear os dois anos do então governo Figueiredo, acabou resultando numa instalação que não preenchia aos requisitos técnicos para uma boa sintonização da emissora. “Nesta fase inicial, havia poucos aparelhos receptores na cidade, apenas 10, quase todos de marca holandesa” (SOUSA, 2003, p. 8). Ainda em 15 de abril de 1937, a emissora teve uma mudança no seu nome, passando a se chamar Rádio Tabajara da Paraíba, em homenagem aos primeiros habitantes da Paraíba e ao cacique Piragibe.

Segundo Nascimento (2003) a Rádio Tabajara, como um empreendimento desejado por todos, ganhou do governador Argemiro de Figueiredo, no ano de 1939, instalações próprias para seu funcionamento, vivendo uma fase de glória, técnica e artística até o ano de 1946. Segundo Nascimento (2003, p. 36) “[...] daí em diante, o governo de Osvaldo Trigueiro de Albuquerque Mello, o qual não era nada afeiçoado ao rádio – pois não o tinha nas suas predileções – tirou a emissora do ar, ocasionando a PRI-4 o seu fechamento durante quatro longos anos...”. Devido este ocorrido, a Rádio Tabajara foi alvo de inúmeras críticas por parte do povo e da imprensa local. No entanto, com a chegada do novo ministro José Américo de Almeida, no ano de 1950, a Rádio Tabajara volta ao ar sob a administração de Antônio Coutinho de Lucena.

Surge ainda em João Pessoa, a Rádio Arapuan, uma Agência de Publicidades, que funcionava através dos serviços de alto falantes, mas que num ato de ousadia de Orlando Vasconcelos, em 17 de agosto de 1950, se torna a ZYX-2 – Rádio Arapuan Ltda. “A partir dessa data, iniciava-se uma nova fase na radiofonia paraibana” (NASCIMENTO, 2003, p. 74), com uma nova emissora em Ondas Médias. A Rádio Arapuan se transformou numa verdadeira escola radiofônica. Em 1978, com o declínio da Rádio Arapuan AM, surge a ZYC-973 – Rádio Arapuan FM, que possuía uma excelente programação e ao gosto da população. Segundo Nascimento (2003), ainda em 13 de setembro de 1999, o governo inaugurou a Tabajara FM, em frequência modulada de 105.5 Mhz.

Segundo Freitas (2006) as primeiras transmissões radiofônicas em Campina Grande aconteceram nos anos 30, com o trabalho de radioamadores, cobrindo os fatos da Segunda Guerra Mundial. Souza (2006) nos fala que em Campina Grande, o rádio não chegou com um nível de excelência na sua utilização e transmissão, tendo um processo mais demorado: “[...] houve a tentativa de radiodifusão através do sistema de alto-falantes. O primeiro deles foi o do sr. Jovelino Farias, um gaúcho que vindo da

cidade de Pelotas-RS, tornou-se um pioneiro nos serviços de alto-falantes...” (SOUZA, 2006, p. 28).

Em 1936, Jovelino Farias trouxe para Campina Grande as primeiras transmissões radiofônicas, através da implantação de um serviço de alto falante, servindo como único divertimento externo para a população que se reuniam satisfeitos nas ruas da cidade para acompanhar os programas transmitidos, pois segundo Souza (2006, p. 29),

Se por um lado os alto-falantes deram início à poluição na tranquila Campina Grande dos anos 30, por outro serviram para atrair moças e rapazes que nos meses sem clubes e festas de Padroeira tinham como único divertimento externo caminhar pelas ruas Venâncio Neiva, Maciel Pinheiro, Cardoso Vieira, indo até a Marquês do Herval. Também os moradores dos sítios e lugarejos próximos passaram a vir até o centro da cidade para ouvir os ‘programas’ musicais elaborados por Gaúcho.

Mas é na década de 40, que esse tipo de serviço radiofônico se amplia e surge a difusora A Voz de Campina Grande, “[...] a mais famosa prestadora de serviços na área, comandada pelo cearense José Jataí” (FREITAS, 2006, p.126), que desempenhou um importante papel nas comunicações da cidade. Vindo de Fortaleza, Jataí instalou um sistema de alto-falantes mais amplo que os anteriores, que se estendia pelas principais ruas de Campina Grande, e que se tornou o primeiro órgão de comunicação da cidade. Segundo Souza (2006), a difusora de Jataí contou com o apoio da Prefeitura até meados de 1945, que “[...] embora não fosse uma ‘estação pública’, desempenhou um papel importante nas comunicações da cidade pois, além das notícias sobre o cotidiano e dos informes publicitários, trazia informações sobre a guerra.” (SOUZA, 2006, p. 34).

No entanto, os amantes da radiofonia, tinham o desejo de trazer para a cidade uma verdadeira emissora de rádio, surgindo em 13 de maio de 1948, a Rádio Cariri – PRF - 5, pioneira da radiofonia campinense, instalada no Bairro Bodocongó, tendo como proprietário Epitacinho Pessoa, filho de ex-presidente Epitácio Pessoa. A emissora contava com programas voltados para a difusão da cultura. A Rádio Cariri na década de 60 foi adquirida pelo grupo dos Diários Associados, tendo à frente Hilton Mota, com uma programação exclusivamente musical e com anúncios nos intervalos. Na década de 80 a Rádio Cariri passa a ser chamada pelo nome fantasia de Rádio Sociedade já que “[...] por exigência da Lei que rege a radiodifusão, era proibida a existência de duas emissoras de um mesmo grupo operando com uma potência maior do que a permitida para a região.” (FREITAS, 2006, p. 132).

Um ano depois, em 08 de dezembro de 1949, surge a Rádio Borborema ZYO – 7 sob a administração do jornalista Francisco de Assis Chateaubriand B. de Melo, grande jornalista, conhecido por sua vocação progressista dentro das comunicações no país. Chateaubriand desejava ampliar o complexo de comunicação de sua propriedade, conhecida como Rádio e Jornais Associados, mais tarde Diários Associados, e segundo Nascimento “‘O Velho Chateaubriand’ só escolheu Campina Grande porque, naquela época, esta cidade vinha em franca ascensão, como o seu comércio algodoeiro para exportação, um comércio desenvolvido e promissor.” (NASCIMENTO, 2003, p. 287).

Chateaubriand se preocupou em dar para sua emissora, um padrão de qualidade altamente profissional, assim como de suas outras duas emissoras as Rádios Tupy do Rio de Janeiro e Tupy de São Paulo. Para isso, o mesmo trouxe todo o equipamento importado dos Estados Unidos.

A Rádio Borborema, assumiu rapidamente o comando da comunicação em Campina grande, recrutando os melhores profissionais da área, competindo com profissionais de grandes emissoras do país. Segundo Freitas (2006, p. 135),

Desempenhando um papel importante para o desenvolvimento da cidade, o Rádio ditou normas e modificou padrões de comportamento da sociedade através de sua programação dinâmica e moderna que a princípio se caracterizava pelas rádios-novelas e programas de auditório.

Isso nos mostra que apesar dos variados programas que a rádio Borborema apresentava, ela se destacou principalmente por seus programas de auditório e suas rádios-novelas, sendo considerado um trampolim para a programação de artistas em âmbito nacional e no exterior. As famosas radionovelas, marcaram época em Campina Grande, ditando padrões para a sociedade, pois “[...] aquilo que era dito no microfone funcionava como moda em função do gosto popular e atingia grande sucesso, criando ídolos que eram admirados principalmente pelo público feminino.” (FREITAS, 2006, p. 138). A Borborema contava também com programas jornalísticos, peça fundamental da programação da emissora, procurando sempre manter a população informada dos acontecimentos do Brasil e do mundo.

Mas não parou por aí, pois em 24 de agosto de 1950, surge em Campina Grande a Rádio Caturité. Segundo Nascimento (2003) a Caturité surgiu com um sonho da criação de uma cadeia de emissoras paraibanas, que abrangesse todo o estado da Paraíba. Para Souza (2006) a Caturité surgiu com o objetivo de promover a candidatura

do Ministro Pereira Lira ao senado. Já Freitas (2006) nos fala que a emissora serviu de inspiração política para a época de abertura democrática que o Brasil vivia, nos anos 50.

Segundo Freitas (2006, p. 46) “O rádio se tornou na cidade, como de resto em todo o Brasil, um ícone de adoração, um santuário, diante do qual todos se postavam solenes para reverenciar os locutores ou os outros artistas.” O rádio proporcionou às pessoas um momento de lazer, descontração, informação, pois ele transmitia um mundo de sonhos, que os ouvintes acabavam tornando realidade.

A Rádio Caturité possuía uma programação variada, com uma linha de programação bem diversificada. No entanto, segundo Nascimento (2003, p. 298) “[...] desde a sua inauguração a Rádio Caturité passou por várias transformações e enfrentou diversas crises.” Ocasionalmente assim, na sua venda para os membros do clero de Campina Grande, em 19 de fevereiro de 1965.

Surge ainda em Campina Grande as emissoras em Frequência Modulada (FM). Em 21 de outubro de 1978, o conhecido Hilton Motta, fundou a ZYC-970 Rádio Campina Grande FM, “[...] a emissora da dona de casa, dos estudantes secundaristas e universitários, dos comerciários, dos motoristas de táxi, e até mesmo, dos empresários, gente ligada nas músicas e nas notícias e na informação para quem está na luta diária.” (NASCIMENTO, 2003, p. 307). A Campina FM ficou marcada pelos eventos e as grandes transmissões ao vivo, sempre preocupada com os ouvintes.

No início dos anos 80, mais precisamente em junho de 1983, surge a Rádio Correio FM, como investimento do Sistema Correio de Comunicação. Segundo Nascimento (2003, p. 309) “[...] a 98 FM caiu na graça do povo campinense, tornando-se mais uma opção, mais um veículo para a propagação da cultura, da informação e do entretenimento local.” Surge ainda em Campina Grande, em 08 de agosto de 1991 a ZYC-987 Rádio Panorâmica FM, na frequência de 93.7 Mhz, pertencente ao Sistema Rainha de Comunicação Ltda, “[...] uma emissora, moderna, eclética, popular, jovem e, acima de tudo, de cunho filantrópico, procurando, na medida do possível, ajudar a todos aqueles mais necessitados.” (NASCIMENTO, 2003, p. 317).

Mesmo com o passar dos anos, o rádio continuou assumindo o seu importante papel na transmissão das informações. Ele permitia que pessoas de diferentes segmentos sociais, tivessem acesso a informação de forma rápida, prática e precisa. Apesar das dificuldades que tenha encontrado no caminho, desde os primeiros sons transmitidos em caixas de alto falantes até o surgimento de emissoras de rádio bem estruturadas, “[...] o

rádio se tornou na cidade, como de resto em todo o Brasil, um ícone de adoração, um santuário, diante do qual todos se postavam solenes para reverenciar os locutores ou os outros artistas.” (SOUZA, 2006, p. 46). É com toda essa força e potencialidade de veículo de informação, que o rádio se instala na Paraíba, e mais tarde no interior, se fazendo presente até a atualidade e que veremos no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 2

O rádio chega a Cajazeiras

Neste capítulo analisaremos a chegada do rádio em Cajazeiras, desde os primeiros serviços de alto falantes até a implantação de importantes emissoras de rádio, que ainda hoje são presenças marcantes na comunicação da cidade e de toda região circunvizinha. Buscaremos mostrar a história do rádio na cidade, tendo em vista os poucos estudos sobre radiofonia, como nos fala Nascimento (2003, p. 8) que “[...] a verdade sobre a História da Radiodifusão na Paraíba necessitará sempre da publicação de mais de uma centena de páginas acerca do assunto.”

Cajazeiras, cidade do interior da Paraíba, como nos fala Rolim (2010) surgiu através da fundação de uma Instituição de Ensino, como empreendimento do Padre Inácio de Sousa Rolim, no ano de 1829, com uma pequena escola localizada no Sítio Serraria. Segundo a autora, a escola logo teve sua fama espalhada, ocasionando na autorização por parte do Presidente da Província, em 1843, para que o Padre Rolim transformasse o estabelecimento em um colégio de instrução secundária.

Com o grande desenvolvimento do Colégio Padre Rolim, na década de 1860, o vilarejo que existia nos arredores do colégio também foi se ampliando, “[...] sendo em 1863 elevado à categoria de Vila e sede do município, o qual foi instalado em 20 de junho de 1864, subindo à categoria de cidade, somente em 10 de julho de 1876.” (ROLIM, 2010, p. 67). Segundo Rolim (2010), o Colégio Padre Rolim, ficou marcado pelo seu grande potencial de ensino e por ter educado grandes personagens da História, como Padre Cícero Romão Batista, Tomás Duarte Rolim (herói da Guerra do Paraguai), Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcante (o Cardeal Arcoverde), entre outros. Foi através do desenvolvimento e grande importância do Colégio, que Alcides Carneiro reconhece Cajazeiras como “[...] *a cidade que ensinou a Paraíba a ler*⁴.” (ROLIM, 2010, p. 68).

É a partir do ano de 1920, que Cajazeiras passa a vivenciar um processo de mudanças e avanços nos setores econômico, social e cultural. A cidade descobre os fascínios da modernidade, chegando a experimentar esses avanços assim como nas grandes cidades de todo o Brasil. A produção de algodão foi quem permitiu a Cajazeiras conhecer todas essas modernidades, como nos fala Rolim (2010, p. 68) que, “[...] como

⁴ Grifo da autora.

em outras cidades, a produção de algodão era bastante significativa no que se refere ao desenvolvimento comercial e industrial de Cajazeiras.” Segundo Rolim (2010), a produção do algodão era o ouro branco, responsável pela riqueza do município.

Com o comércio do algodão, Cajazeiras passou a vivenciar grandes mudanças na vida material e cultural, já que os comerciantes cajazeirenses passaram a manter transações com as cidades vizinhas. O comércio do algodão também se estendeu para as capitais vizinhas, como nos fala Rolim: (2010, p. 68) “[...] entretanto, os grandes negócios do algodão eram feitos com praças mais desenvolvidas, como a capital cearense ou a pernambucana ou ainda com Mossoró, no Rio Grande do Norte.”

Dessa maneira, a década de 1920 marcou a história da cidade de Cajazeiras, com o seu crescimento urbano, econômico e com a chegada de inovações que mexeram com o cotidiano da população. Todos queriam estar por dentro dos novos equipamentos que surgiam com a industrialização, e isso permitiu que todos quisessem participar dessas inovações de alguma maneira, se adequando aos novos costumes ditados pela tecnologia.

A cidade cajazeirense contou com a chegada da luz elétrica, do cinema, do trem, do telefone e do telégrafo, da impressão de jornais locais, da prática do futebol, construções urbanas e mais tarde do rádio e da televisão. Cajazeiras contou também com os serviços de melhoramento do espaço físico da cidade, surgindo a iluminação pública e o saneamento básico.

Enquanto o algodão era a principal fonte de economia de Cajazeiras, junto com todas as modernidades que surgiam, Rolim (2010) nos atenta para as obras do IFOCS (Inspetoria Federal de Obras Contra Secas), que buscavam controlar a seca através da construção de reservatórios de água, para não prejudicar a produção do algodão. O IFOCS trouxe para Cajazeiras uma empresa norte-americana, denominada Dwight P. Robinson, para a construção desses açudes e reservatórios. A vinda desses estrangeiros para o Brasil mexeu com o comércio e a cultura da cidade. Rolim (2010, p. 70) nos fala que “[...] ainda com relação à chegada dos estrangeiros, os comerciantes tiveram que se adaptar a uma nova clientela de gostos diferenciados o que acabou por influenciar a população local.”

Todo esse processo de modernidade marcou profundamente a vida da população. No entanto, toda essa modernidade não alcançou a todos da mesma maneira. Não era toda a população que tinha condições de possuir esses novos artefatos da modernidade.

Nem todos tinham condições de acompanhar as novas modas ditadas pelos estrangeiros e as modas impressas nos jornais da cidade. No entanto, a população, de forma direta ou indireta, queria estar por dentro de todas as novidades que surgiam, porque essa já era uma forma de estar ligado a modernidade que pairava aquela cidade interiorana.

É exatamente nesse processo de modernização, que Cajazeiras começa a vivenciar as novidades da comunicação pelas ondas do rádio. Ao mesmo tempo em que surgem as radiodifusões na Paraíba, surgem também na cidade, as primeiras experiências radiofônicas, em caráter artesanal, no final dos anos 30. Segundo Nascimento (2003, p. 156) “[...] foram os Serviços de Alto-Falantes que realmente representaram a primeira fase da radiofonia de Cajazeiras (o início de toda história).”

Nessa primeira fase da radiofonia em Cajazeiras, foram os serviços de alto falantes que impulsionaram o movimento da radiodifusão artesanal. Nesse período, surgiram três importantes difusoras que movimentaram a vida da cidade. Segundo Nascimento (2003), o primeiro serviço de alto falante, surgiu em 1938, denominado Difusora Rádio Cajazeiras, de propriedade da firma Carvalho & Dutra. Depois surge a Difusora Rio do Peixe, com uma programação bastante variada, captada das emissoras dos estados vizinhos. Surge ainda A Voz do Sertão, buscando fazer uma maior cobertura radiofônica na cidade.

A população só tinha a ganhar com o fato, pois segundo Nascimento (2003, p. 156) “[...] os serviços de Alto-Falantes sempre cumpriram com o real papel nas importantes conquistas materiais das comunidades, referindo as necessidades e os problemas da cidade em sua programação e, até hoje, continuam [...]” Um exemplo disso, é o Sistema de Comunicação NPR (Norte Publicidades Radiofônicas), da propriedade do Sr. José Adegildes Bastos, um dos radialistas mais antigo da cidade. A NPR é uma rede instalada em pontos estratégicos da zona sul de Cajazeiras, abrangendo várias localidades, inclusive o centro da cidade. A NPR funciona “[...] usando mais ou menos dez mil metros de fios (drop’s), e mais de quatro dezenas de caixas acústicas e projetores de som instalados nos principais logradouros públicos (ruas, avenidas e praças), nos postes de iluminação pública e frontões de prédios [...]”

No ano de 1963, durante as eleições, Cajazeiras vivenciou a transmissão da primeira emissora de rádio, de forma pirata, com o nome de Rádio Patamuté. A rádio que entrou clandestinamente no ar, foi criada pelo Técnico em Eletrônica Pedro do Rádio. Segundo Nascimento (2003), a partir desse momento, os cajazeirenses sentiram

a necessidade de criar uma emissora de verdade, para que servisse de entretenimento e principalmente como um meio de divulgação das questões do município, como sua cultura, suas necessidades sociais, tudo que se enquadrasse no interesse coletivo.

Com isso, surge em 19 de março de 1964, a ZYJ-22, a Difusora Rádio Cajazeiras LTDA, como iniciativa do Sr. Mozart de Souza Assis. Mas é em 31 de maio do mesmo ano, que a rádio é oficialmente normalizada. A Difusora Rádio Cajazeiras surgiu como uma sociedade por cotas limitadas, tendo como fundadores Mozart de Souza Assis, Antonio Carvalho, Antonio Dutra e Jessé de Souza Assis. Com o passar dos anos foi aumentando sua potência em transmissão, e há pouco tempo, se tornou a rádio mais potente da cidade, da região e do Estado, funcionando com um transmissor de 20.000 watts (20 kw), na frequência de 1.070 KHz, prefixada ZYI-673, em Amplitude Moderada (AM).

Do final de 1964 até mais ou menos 1970, a Difusora Rádio Cajazeiras incluiu em sua programação, um animado programa de auditório, ao vivo, “[...] intitulado ‘Atrações 1540’, sempre aos domingos, das 10:00 horas ao meio-dia diretamente do Cine Éden sob o comando do saudoso Pedro Chaves.” (NASCIMENTO, 2003, p. 159). O programa contava com o apoio do comércio da cidade, com a distribuição de brindes e a participação do público, prestigiando os artistas da terra. O rádio sempre transmitiu todos os acontecimentos da cidade e da região, como por exemplo, a solenidade de inauguração da estátua de Padre Cícero Romão, em Juazeiro do Norte, no Ceará.

Segundo Nascimento (2003, p. 160), “‘A Pioneira’, como sempre é chamada a DRC, pois foi a primeira emissora a entrar em operação em Cajazeiras”, serviu de escola radiofônica para muitos jovens, que hoje são destaque nos meios de comunicação do Estado, como Spencer Hartman, locutor da Rádio Tabajara; Nonato Guedes, jornalista do Sistema Correio de Comunicação; Iracles Pires, grande teatróloga; entre muitos outros.

Nascimento (2003), nos lembra ainda o nome de grandes radialistas que marcaram a história da DRC, como José Adegildes Bastos, Pedro Gomes Filho, Antonio Assunção, Farias de Albuquerque (Pinguim), Julimar Dias, Laci Nogueira, Oliven Pereira, Josemar de Aquino, além de muitos outros. A Difusora Rádio Cajazeiras, desde sempre até os dias atuais, está no ar com uma programação bastante eclética e bem estruturada, com programas de esporte, economia, educação, jornalísticos, culturais e religiosos, com programas bastante ouvidos, como Bom dia Nordeste, Parabólica

Política, Boca Quente (programa que falaremos no capítulo a seguir), Forró do Varandão.

No entanto, a Rádio Difusora Cajazeiras só se tornou a pioneira da cidade devido a esperteza de Mozart de Assis, já que foi a Rádio Alto Piranhas que primeiro conseguiu a concessão para entrar no ar com o sinal de uma emissora em Amplitude Modulada. Segundo Nascimento (2003, p. 164) “[...] uma série de razões levou os seus organizadores, no caso a Diocese de Cajazeiras, a protelar a sua inauguração, dando o lugar de ‘Pioneira’ a sua co-irmã, Difusora Rádio Cajazeiras.”

Após dois anos que a DRC tinha sido inaugurada, que a ZYI-670, a Rádio Alto Piranhas, na frequência de 650 Khz, através da articulação do Monsenhor Vicente Freitas, conseguiu entrar definitivamente no ar. Conforme Nascimento (2003), a Alto Piranhas até metade dos anos 70, se diferenciava de sua concorrente, pois surgiu como uma emissora puramente religiosa e com uma programação totalmente oposta a DRC. A Alto Piranhas contou desde cedo com uma classe de profissionais de alto gabarito, que faziam muito sucesso com o povo em seus programas, como Aragão Júnior, Amaury Furtado, Erenilza Pereira, Zeilton Trajano, Gutemberg Cardoso, entre outros.

Mesmo a Alto Piranhas tendo a Diocese como organizadora, os profissionais da emissora possuíam liberdade democrática para falar nos microfones e apoiar movimentos populares que surgissem na cidade, quase sempre ficando ao lado do povo.

Apesar de todo seu sucesso, em 1982, a Rádio Alto Piranhas, enfrentou inúmeros problemas financeiros, e a Diocese se viu obrigada a vender a emissora para um grupo político liderado por uma família cajazeirense, a família Arcanjo, resultando na demissão da maior parte dos seus funcionários. A venda da emissora surpreendeu a todos os funcionários, pois ninguém estava sabendo do negócio entre a Diocese e a família Arcanjo, “[...] ocasionando, com isso, a morte pré-matura do grande radialista Zeilton Trajano, que como era do conhecimento de muitos, ‘carregava a emissora nas costas’.” (NASCIMENTO, 2003, p. 167).

A partir desse momento, a Rádio Alto Piranhas passou a ser administrada pelo senhor José Antônio de Albuquerque, como diretor e principal acionista. O professor José Antônio, ainda hoje ocupa o cargo de diretor, colocando a Alto Piranhas no posto de segunda emissora mais ouvida de Cajazeiras e da região, com um quadro de profissionais que engratecem a classe de radialistas da cidade.

A Alto Piranhas conta hoje com programas de grande audiência, como Bom Dia Saudade, Microfone Aberto, Programa George Sandro, Rádio Vivo (programa que falaremos no capítulo a seguir), No Terreiro da Fazenda, Dimensão Total, entre outros. Já no quadro de profissionais, temos grandes nomes em destaque, como Edmundo Amaro, José Ronildo, Ivanildo Dunga, George Sandro, Alberto Dias, Bosco Amaro, entre outros.

Em 12 de abril de 1987, é inaugurada ZYI-698, Rádio Oeste da Paraíba LTDA, na frequência de 1.460 Khz, em Amplitude Modulada (AM), liderada pelos empresários José Nello Rodrigues e José Arlan Silva Rodrigues, com um sistema tecnológico totalmente avançado, a diferenciando das outras emissoras da região, já que seus acionistas utilizaram o que era mais moderno para levar a emissora ao ar. Segundo Nascimento (2003), a Oeste da Paraíba foi a primeira emissora a importar seus equipamentos do exterior, possibilitando assim, que sua programação tivesse características de uma rádio moderna. Com uma programação sempre atendida em todos os acontecimentos da cidade, a Oeste despertou nas outras emissoras o desejo de melhorar seus programas.

A Oeste da Paraíba também contou com um quadro de funcionários capacitados que abrilhantaram cada vez mais suas programações, como Josival Pereira, Luiz Villar, Arnaldo Lima, Izabela Vilante, Kátia Pinheiro, entre outros. Entre seus programas temos Bom Dia Oeste, Jornal da Manhã, Clube do Povo, Violeiros e Sanfoneiros, Caldeirão Político, Boa Noite Oeste, entre outros.

Cajazeiras ficou marcada pelo seu papel revolucionário através do rádio, atingindo toda a região paraibana e os estados vizinhos, como Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte. Segundo Nascimento (2003, p. 173) “[...] o nosso Rádio, na área urbana ou no setor rural, tornou-se a fonte que alimenta o cotidiano das pessoas da comunidade.”

Sendo essa fonte que alimenta o cotidiano da população, analisaremos os programas Boca Quente da Rádio Difusora de Cajazeiras e Rádio Vivo da Rádio Alto Piranhas. Buscaremos mostrar no capítulo a seguir esses dois programas de bastante força expressiva para os cajazeirenses, que servem tanto de veículo de informação, como auxílio nos problemas pertencentes à cidade.

CAPÍTULO 3

A HISTÓRIA DE CAJAZEIRAS VISTA ATRAVÉS DO RÁDIO

Neste capítulo discutiremos como a história da cidade de Cajazeiras pode ser contada por sua população através do que se transmite nos programas de rádio, além de discutir como essa população contribui para o recolhimento das informações que são apresentadas nos programas. Para isso, escolhemos dois programas de grande audiência dentro da cidade, e que contribuem como veículo de informação e de ajuda para os cajazeirenses.

Os programas “Boca Quente” da Rádio Difusora de Cajazeiras e “Rádio Vivo” da Rádio Alto Piranhas, com o áudio dos seus programas servindo de suporte para as entrevistas utilizadas. É preciso fazer uma ressalva na dificuldade que tivemos em conseguir essas gravações, por isso fizemos o recorte do ano de 2009, com as gravações do programa Rádio Vivo do mês de janeiro até o mês de junho, até o ano de 2014, com a gravação do programa Boca Quente do mês de fevereiro. Como fundamento, usaremos o depoimento de algumas testemunhas oculares que trabalham e/ou trabalharam no rádio e dos ouvintes dos dois programas. Dessa forma, utilizaremos a oralidade como fonte para esta pesquisa, pois segundo Alberti (2004, p. 35)

Tomar a entrevista como resíduo de ação, e não apenas como relato de ações passadas, é chamar a atenção para a possibilidade de ela documentar as ações de constituição de memórias – as ações que tanto o entrevistado quanto o entrevistador pretendem estar desencadeando ao construir o passado de uma forma e não de outra.

Dessa forma, quando falamos em constituição da memória através dessas entrevistas, estaremos utilizando as mesmas como objeto de estudo. É sabido que precisamos adotar alguns cuidados, para não tomar as falas dos depoentes como verdades absolutas, ou até por duvidar da veracidade de algum testemunho quando o mesmo não condizer com o que esperamos ouvir naquele depoimento. No entanto, “[...] considera-se que a análise dessas ‘distorções’ pode levar à melhor compreensão dos valores coletivos e das próprias ações de um grupo.” (ALBERTI, 2008, 166). Para Alberti (2008, p. 170) “[...] umas das principais vantagens da História oral deriva justamente do fascínio da experiência vivida pelo entrevistado.”

Segundo Seixas (2001, p. 47) “[...] a memória é portanto algo que ‘atravessa’, que ‘vence obstáculos’, que ‘emerge[...]’”, é uma reconstrução do passado “[...] que

desempenha um papel fundamental na maneira como os grupos mais heterogêneos apreendem o mundo presente e reconstroem sua identidade” (2001, p. 42).

A respeito da memória, Maurice Halbwachs nos diz que nossas memórias individuais estão ligadas as memórias coletivas, já que nossa memória individual “[...] ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros.” (HALBWACHS, 2006, p. 36). Dessa forma, nossas memórias individuais estariam sempre ligadas a memória coletiva, já que na realidade, nunca estamos sós.

Para Halbwachs, seguindo a linha de pensamento de Émile Durkheim, a memória coletiva era um fato social a ser tomado como coisa, reforçando os sentimentos de pertencimento ao grupo. Segundo Halbwachs (2006, p. 12),

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum.

Michael Pollak, no entanto, diz que “[...] não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem são solidificados e dotados de duração e estabilidade.” (1989, p. 4). Segundo Pollak, “[...] ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à ‘memória oficial’.” (1989, p. 4).

Diante disso, buscaremos por meio desses depoimentos, mostrar a história da cidade de Cajazeiras através do que se ouve nos programas de rádio, tão escutados pela população e que são presença constante no cotidiano de todos. A partir de cada memória individual dos entrevistados, tentaremos construir uma memória coletiva da história da cidade de Cajazeiras.

Sabendo da história da chegada do rádio na cidade, como foi abordado no capítulo anterior, do surgimento de suas emissoras de rádio tão importantes, que desempenharam e desempenham até hoje seu papel enquanto veículo de informação, não podemos deixar de ressaltar também a importância da relação entre a população e o

rádio, a importância que os ouvintes cajazeirenses atribuem a esse meio de comunicação, e como o mesmo pode reconstruir a história da cidade.

Dessa forma, não podemos negar que a importância atribuída ao rádio pelos cajazeirenses é perceptível, tendo em vista a grande audiência dos programas da cidade, desde os primeiros programas apresentados pela manhã, até o seu último programa, à noite. Sobre essa importância do rádio para a história da cidade de Cajazeiras, Paulo Feitoza⁵ nos diz que

O rádio não somente para Cajazeiras, mas em todos os aspectos, o rádio ele é muito dinâmico. É um meio de comunicação de massa, que atende todos os segmentos da sociedade. Tanto faz o rico como o pobre, o preto ou o branco é, jovens e meninos, ou os de idosos. Enfim, todas as gerações amam o rádio.

O rádio em Cajazeiras atingiu desde o início a todas as gerações, ele passou a fazer parte do cotidiano de todos, possibilitando a população de se inteirar de tudo que acontecia e acontece na cidade. Segundo Rubismar Galvão⁶ “[...] o rádio ele foi muito importante para a comunidade de Cajazeiras, para a história de Cajazeiras, porque se transformou no principal instrumento né, digamos assim de, de comunicação das pessoas, ou o principal instrumento de divulgação.” Luiz Severino⁷ nos fala ainda que “[...] essas emissoras de Cajazeiras, já resolveram vários problemas dessa cidade.” Percebemos então, que os mesmos reconhecem que o rádio faz parte da história, assim como contribui na comunicação, no apoio e na reconstrução da história da cidade.

Ainda sobre o grau de importância do rádio para Cajazeiras, sobre a importância que a população cajazeirense estabelece para o mesmo, Mariana Moreira⁸ diz que a população atribui sim, uma importância muito grande ao rádio, tendo em vista que as duas emissoras de rádio, a Difusora e a Alto Piranhas,

Por ter sido umas das primeiras nessa região, inclusive umas das primeiras do interior né, do Nordeste, em cidades do porte de Cajazeiras, elas construíram todo um referencial que ainda hoje as credencia como sendo importantes espaços de divulgação, de produção de notícias, de, de entretenimento, de interação com a comunidade, então tem essa importância por conta inclusive de toda essa trajetória histórica.

⁵ Locutor e apresentador do Programa Boca Quente, da Rádio Difusora de Cajazeiras. Trabalha na emissora desde 2004 a frente do programa.

⁶ Graduado em História e Economia. É empresário e professor do Curso de História, da Universidade Federal de Campina Grande (Campus de Cajazeiras).

⁷ Agricultor, ouvinte das emissoras de rádio de Cajazeiras.

⁸ Graduada em Comunicação Social, iniciou seus trabalhos no rádio em 1982. Atualmente é professora na Universidade Federal de Campina Grande (Campus de Cajazeiras).

Assim, além de servir de divulgação, de entretenimento, o rádio também auxilia a população na denúncia ou tentativa de resolução de problemas existentes na cidade. Sabendo do grande poder que as emissoras possuem, podendo chegar a qualquer lar e a qualquer momento, a população descobriu no rádio um meio para resolver seus problemas e os problemas dos seus bairros. Sobre isso, Rogério Pereira⁹ diz que o rádio

Ele ajuda a construir uma cidade, ajuda a construir, a evoluir a, a cidade, porque veja só, tem muitos problemas dentro de uma cidade que se não for uma emissora de rádio, se não for as emissoras de rádio que tem na nossa cidade, são coisas que ficam escondido da população, além mesmo do poder público, do poder administrativo da cidade, e aí através do rádio é que a gente tem esse crescimento.

O rádio passou a exercer uma função muito forte dentro da cidade, pois além de entreter e informar, o mesmo passou a auxiliar os cidadãos em suas reivindicações, como nos fala Rubismar Galvão

A população ela já é sabedora disso, ela sabe que a, a reivindicação que ela faz chega muito mais rápido, ou a prefeitura, é muito mais resoluta em resolver aquele problema quando ele liga duas, três, quatro, cinco vezes para o rádio, do que se inventar de fazer um abaixo-assinado, aquela coisa e me parece que, para eles não resolve muita coisa.

No entanto, não se pode negar que mesmo assumindo um papel muito importante na comunicação da cidade, existe ainda pessoas que não atribuem ao rádio todo esse grau de importância, ou até mesmo, que por algum motivo pessoal, se desagradou com o mesmo e que atualmente não escuta os programas de rádio como antes, assim como nos falou a senhora Antônia Quirino¹⁰, que devido a saída de um locutor de um programa de rádio, a mesma perdeu o interesse de continuar ouvindo o rádio. Antônia Quirino fala ainda que essa perda de interesse pelo rádio não é apenas dela, mas se estende a outros cajazeirenses. Ela diz que o rádio é importante, mas não para todos,

Para muita gente é né. Assim, muita gente gosta de ouvir, tem muitos que não gostam não viu. Muita gente diz que, que não está gostando mais de ouvir rádio. O rádio já prestou. Eu estou falando sério, olha, olha, muita gente parou de, de, porque o rádio está sem graça.

⁹ Atuou no rádio como apresentador de programa esportivo. Atualmente é comerciante dentro da cidade.

¹⁰ Agricultora/aposentada e moradora da cidade de Cajazeiras.

Levando em consideração todos esses posicionamentos, percebemos que a população da cidade, mesmo reconhecendo o valor que o rádio possui, ainda assim, não são todos os cajazeirenses que têm o hábito de ouvir e de utilizar o rádio como meio de comunicação, entretenimento ou como meio para resolução de algum problema da cidade.

No que diz respeito as informações que são transmitidas pelo rádio, percebemos que boa parte dessas informações são fornecidas pela população que interage diretamente com o rádio ligando, dando uma notícia, fazendo um apelo ou até mesmo uma reclamação como foi falado anteriormente. Dessa forma, a população tem uma parcela de contribuição no que se apresenta no rádio. Sobre isso, Moises Conrado¹¹ nos diz que

É claro e evidente que a participação, o aspecto secundário da notícia, o repórter informal que o muito que você é o ouvinte que liga para uma emissora de rádio e faz uma denúncia, diz uma coisa, você está fazendo o papel de um, de um repórter de forma informal, de forma amadora. E é importante, e tem muita notícia boa, ruim e esclarecedora, que foi difundida no rádio através do, do, ouvinte, daquele que escuta.

Quanto a esse papel da população enquanto contribuinte nas informações transmitidas pelo rádio, Mariana Moreira chama atenção para o fato do cuidado com essas informações recebidas, porque

Até mesmo essa participação da população ela precisa ter alguns critérios. Porque você, a população de repente liga, mas você não sabe quem está do outro lado, (...), eu posso criar um personagem para mim e posso de repente é, relatar uma coisa que na verdade não aconteceu.

Mariana Moreira ao mesmo tempo, não descarta o valor dessa interação entre população e rádio, “[...] mas é importante essa população, a participação da população, sobretudo quando você consegue é, construir um espaço de seriedade nas coisas”, por isso a mesma afirma ser importante essa relação nesse aspecto. Para a senhora Antônia Quirino, mesmo não sendo mais uma ouvinte assídua do rádio, essa relação entre população e rádio é importante, quando nos diz que “[...] acho, acho muito importante a

¹¹ Radialista e assessor de imprensa. Foi locutor do programa Rádio Vivo da Rádio Alto Piranhas. Atualmente atual como Secretário de Desenvolvimento Social da prefeitura de Cajazeiras.

pessoa. Muita gente consegue as coisas ligando, reclamação [...]. Eu mesma já liguei para o rádio, é, fazendo uma reclamação.”

Sobre isso ainda, Paulo Feitoza enquanto locutor de rádio reconhece que “[...] o repórter ele precisa, precisa do povão e também da classe política, porque ambos são geradores de notícia. O rádio em si, ele precisa da sociedade porque é quem gera é, a notícia, a maior fonte de notícia.” Rubismar Galvão diz ainda que “[...] se você conversar com alguém, por exemplo, que faz programa jornalístico, muitas vezes esse pessoal chega no programa e eles não tem muito o que, o que dizer [...] e muitas vezes eles ficam instigando né, que a população fale.”

Rogério Pereira chama atenção ainda para a importância dessa relação, porque muitas coisas que acontecem na cidade só quem sabe é a população, porque vive no seu dia-a-dia. É tanto que hoje em dia existe os representantes de bairro que fazem essa intermediação. Sobre isso Rogério Pereira diz que

Hoje em Cajazeiras tem muitos representantes de bairros é, que traz essas informações, até mesmo os presidentes de associação de bairros, que sempre estão ligando para as emissoras de rádio, buscando a solução, e o rádio ela não, o rádio não resolve, mas a gente costuma dizer que sempre encaminha a solução para que possa ser resolvido.

Dessa forma, essa interação já faz parte do funcionamento dos programas de rádio. Esse envolvimento entre população e rádio, direta e indiretamente proporciona que as programações estejam voltadas para quem realmente tem interesse no que se transmite. Quem faz os programas de rádio precisa ter um certo cuidado com o que se ouve por parte da população, para não sair reproduzindo notícias que não condizem com a realidade. Ainda assim, esse veículo de informação é um suporte para a população, que busca resolver seus problemas e se inteirar dos acontecimentos locais, regionais e nacionais.

A importância que a população atribui a esse meio de comunicação é tão visível, que os mesmos reconhecem não conseguir imaginar a cidade sem o rádio. Sobre isso Francisco Quirino¹² nos fala que não consegue imaginar Cajazeiras sem suas emissoras, “[...] eu acho que ficaria muito difícil, principalmente para o pequeno né, que o meio de comunicação que tem é o rádio, até uma família que tem lá fora você passa um aviso pela, pelo rádio é, ajuda isso.” Paulo Feitoza acredita que Cajazeiras sem o rádio “[...]

¹² Comerciante e morador da cidade de Cajazeiras.

seria uma cidade sem brilho [...]. Então Cajazeiras sem o rádio, eu lhe diria que estaria ainda parada no tempo e na história, não seria essa Cajazeiras moderna e vocacionada para o rádio e para a educação como é hoje.” Moises Conrado diz ainda que “[...] se você tirar o rádio de Cajazeiras é como se você tivesse arrancado os dois braços. Sobrevive, mas fica limitado, sempre fica faltando alguma coisa.”

Fica claro em cada depoimento, que a população reconhece o rádio como um instrumento de evolução e de crescimento da cidade. Que mesmo com todos os outros meios de comunicação advindos com a modernidade, o rádio ainda tem sua força e seu poder aliciante desde o seu surgimento. E reconhecendo esse grande valor do rádio, os depoentes reconhecem que a história da cidade pode ser contada, reconstruída através do que se escuta nas suas emissoras.

Sobre isso, temos alguns recortes de lembranças de nossos depoentes, de notícias que ouviram no rádio e que lhe marcaram de alguma maneira. Mariana Moreira, traz uma lembrança mais passada, quando o rádio estava surgindo em Cajazeiras, no momento da Ditadura Militar, e que a mesma lembra “[...] foi a explosão da bomba [...]. A gente a noite ouvindo rádio né, fazendo a comida e de repente não só a notícia que o rádio transmite, mais porque a bomba estourou no cinema que era vizinho da rádio né, então o barulho foi captado pelo microfone na hora do programa.”

Rubismar Galvão nos traz em suas lembranças, duas notícias que ouviu primeiramente no rádio e que lhe chamaram a atenção de alguma maneira.

Estava em casa ouvindo a Rádio Alto Piranhas, porque eu fico com o raidinho e fico passando de, de uma emissora para outra, [...], mas uma coisa que em determinado momento eu tomei um choque, foi justamente a renúncia de Léo, o prefeito, uma coisa recente. Saiu na Rádio Alto Piranhas, coincidentemente, coincidentemente eu estava escutando a Rádio Alto Piranhas. [...]. Outras notícias, por exemplo, a explosão que aconteceu recentemente a uma cerca de três, quatro anos, ali perto do Açude Grande, ali aquela explosão.

Paulo Feitoza por sua vez, nos traz nas suas lembranças a discussão que surgiu em Cajazeiras no momento da transição da UFPB para a UFCG,

Foi discutido a exaustão, que Cajazeiras era vocacionada para a educação, e que a gente não poderia apenas se conformar com esses cursos que existiam e que ainda existem na UFCG, Cajazeiras poderia ter aqui uma faculdade de Medicina, Cajazeiras poderia ter um curso de Direito.

Os depoentes não trazem notícias diretas que tenham escutado no rádio, mas reconhecem que todas as notícias que possam imaginar, foram escutadas através do rádio. Mesmo não tendo uma recordação direta de algum fato por todos os entrevistados, podemos observar nos exemplos citados acima, que a população de Cajazeiras, conta sua história a partir de várias perspectivas, como seu lado educacional, cultural, político, policial. São várias as possibilidades de se contar a história de um povo, de uma cidade.

Sobre isso, Moises Conrado reconhece a história da cidade de Cajazeiras a partir de uma perspectiva de “[...] coragem, de força de vontade.” Uma cidade de grandes lutas e empasses políticos, como fala Rogério Silva que “[...] eu vejo hoje, a nossa cidade voltada demais, para, para o lado político.”

Paulo Feitoza por sua vez, vê a história da cidade de Cajazeiras pelo lado educacional, de uma cidade voltada para o campo da educação, “[...] nós somos um polo de educação e é por isso que digo, que Cajazeiras cresceu a partir do momento que descobriram que Cajazeiras era uma cidade polo para educação.” Francisco Quirino remete a história da cidade na sua veia mais alegre, divertida. “A cidade é mais animada com o rádio, o cidadão mais animado.” Mariana Moreira vê Cajazeiras como “[...] cidade enxerida [...]. Uma cidade mais, mais aberta, mais acolhedora e mais né, flexível né, para essas convivências né, de ideais de, de, de interações né, de, de posições de posturas políticas.”

Diante de todo o exposto, percebemos que a população reconhece o rádio como um meio de comunicação de grande importância para a cidade. Reconhecem que o mesmo fez, faz e ainda fará parte da vida dos cajazeirenses e da cidade de Cajazeiras. Que as notícias transmitidas nas emissoras de rádio, são consequência da ligação direta dos seus ouvintes e do rádio. Que a história daquele povo, daquela cidade, daquela região poderá sempre ser vista e contada através do que se ouve no rádio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da proposta desta pesquisa, em analisar como o rádio, um meio de comunicação, pode reconstruir a história da cidade de Cajazeiras, a partir do que se é transmitido em seus programas de rádio, e assim ouvidos pela população, observamos alguns pontos importantes.

O rádio, um veículo de comunicação, tendo surgido em meio as revoluções tecnológicas, que vieram marcar profundamente a mente e a vida das pessoas, foi com o passar dos anos se remodelando e mudando a sua proposta inicial de ser um meio de comunicação educacional. No entanto, devido as dificuldades financeiras, o rádio muda sua roupagem, se reestrutura e se torna um veículo de massa, ao alcance de todos. Com essa mudança, transformando-se em veículo de comunicação da massa, o rádio consegue se manter firme desde quando surgiu até os dias atuais, mesmo com o surgimento de outros grandes meios de comunicação, como a televisão e a internet.

É durante esse processo de expansão do rádio, com toda a sua força junto a população, levando informação e entretenimento, que o rádio chega a Paraíba, revolucionando os cenários interioranos, com programas ao gosto do povo. Quando chega na Paraíba, o rádio possibilita as pessoas se manterem informados do que acontecia no país e no mundo.

Ao mesmo tempo que as grandes cidades da Paraíba, como Campina Grande e João Pessoa, descobrem o poder e a eficiência do rádio, cidades do interior, como Cajazeiras, também se rende aos fascínios do rádio. Durante o processo de modernização de Cajazeiras, com o desenvolvimento do comércio, graças ao algodão (o famoso Ouro Branco) e após o surgimento da luz elétrica, do telégrafo, do trem e das melhorias na infraestrutura, a cidade descobre esse meio de comunicação tão importante. O rádio surge então em Cajazeiras no final de 1930 e se faz presente até hoje, cada dia mais forte e desenvolvido, permitindo a população se informar de tudo que acontece no mundo, com suas várias emissoras e programas bastante diversificados.

Sendo um meio de comunicação tão forte e marcante dentro da cidade, os cajazeirenses reconhecem que o rádio, além de ser um veículo de informação, é principalmente, parte integrante da história da cidade. A partir das entrevistas dos depoentes, conseguimos perceber que a história do rádio chega a se confundir com a própria história da cidade, já que desde que surgiu em Cajazeiras, o rádio vem

contribuindo com o desenvolvimento da cidade. A população descobriu e percebe no rádio, um veículo de comunicação transformador.

O rádio em Cajazeiras assume não só o papel de veículo de informação, o rádio assume o papel de intermediário entre a população e as autoridades da cidade. Por meio da fala dos entrevistados, conseguimos perceber que a história da cidade de Cajazeiras está ligada a história do rádio, sendo assim, esse veículo de informação consegue transmitir a história da cidade, e a população pode reconstruir a história de Cajazeiras através do que se ouve no rádio. Essa reconstrução se daria então a partir de cada experiência de vida dos cajazeirenses, partindo do seu lugar de vivência.

Diante de tudo que foi exposto, desejamos que esta pesquisa possibilite que novos debates e estudos surjam acerca da história da radiodifusão em Cajazeiras, a partir de novos olhares e novas perspectivas, tendo em vista a grande possibilidade de estudos existentes, além de muito que ainda se tem para estudar sobre a radiodifusão e a história de Cajazeiras.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3 ed. -Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: **Fontes Históricas**. Carla Pinsky, (organizadora). 2 ed. -São Paulo: Contexto 2008, p. 155-202.
- ALCIDES, Jota. **PRA-8 – O rádio no Brasil**. -Brasília: FATORAMA, 1997.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3 ed. -São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CALABRE, Lia. **A era do rádio**. 2ed. -Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p. 1-17.
- FERRARETTO, Luiz Artur; KLOCKNER, Luciano (orgs.). **E o rádio?: novos horizontes midiáticos**. (recurso eletrônico) – Porto Alegre: Edipucrs, 2010.
- FREITAS, Goretti Maria Sampaio de. A trajetória histórica da radiofonia campinense: do alto-falante ao FM. In: **História da mídia regional: o rádio em Campina Grande**. - Campina Grande: EDUFCG/EDUEP, 2006, p. 125-174.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. – São Paulo: Centauro, 2006.
- HAUSSEN, D. F. **Rádio e sociedade brasileira no cinema: de 1940 a 2000**. Revista Latinoamericana de Ciências e la Comunicación, v. 1, p. 150-160.
- KROCKNER, Luciano; PRATA, Nair (orgs.). **Mídia sonora em quatro dimensões: experiências, memórias e afetos de Norte a Sul do Brasil**. (recurso eletrônico) – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. Disponível em: <http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/>. Acessado em 10 de maio de 2015.

KROCKNER, Luciano; PRATA, Nair (orgs.). **Mídia sonora em quatro dimensões: 1ª ouvintes, 2ª memória política, 3ª programas de rádio, 4ª tecnologia e futuro.** (recurso eletrônico) – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. Disponível em: <http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/>. Acessado em 10 de maio de 2015.

MAKOVICS, Nahara Cristine. **O rádio no Brasil: Da história às contribuições de Sônia Virgínia Moreira.** -São Bernardo do Campo: UMESP, 2003.

NASCIMENTO, Pereira. **História da radiodifusão na Paraíba.** -João Pessoa/PB: Editora Persona, 2003.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.** -São Paulo: Summus, 1948.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio.** Estudos Históricos. -Rio de Janeiro: Vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PRADO, Magaly. **História do rádio no Brasil.** -São Paulo: Editora Da Boa Prosa, 2012.

ROLIM, Eliana de Souza. **Patrimônio arquitetônico de Cajazeiras – PB: memória, políticas públicas e educação patrimonial.** -João Pessoa/PB: UFPB, 2010.

SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de Memórias em terras de História: problemáticas atuais. In: **Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível.** BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs). -Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2001, p. 37-58.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritos e ritos do Rio. In: **História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à era do rádio.** Coordenador geral da coleção Fernando A. Novais; organizador do volume Nicolau Sevcenko. -São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 513-619.

SOUSA, Moacir Barbosa de. **As primeiras transmissões de rádio na Paraíba**. -Belo Horizonte/MG: INTERCOM, 2003.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa. O mundo que se ouve e o mundo que se vê: O rádio e os auditórios em Campina Grande. In: **História da mídia regional: o rádio em Campina Grande**. -Campina Grande/PB: EDUFPG/EDUEP, 2006, p. 19-69.

<http://carosouvintes.org.br/pdf/061209-materia-as-pdf>. Acessado em 12 de dezembro de 2014.

<http://www.diariosassociados.com.br/linhadotempo/decada90.html>. Acessado em 05 de maio de 2015.

APÊNDICE

Entrevista. 30/07/2014

Cajazeiras, 30 de julho de 2014, entrevista com a Senhora Antônia Quirino de Freitas, conhecida como Moça, é para o trabalho de monografia “O Rádio como instrumento de memória em Cajazeiras”, a cargo da pesquisadora Francisca Edna Claudia Ferreira.

F.F. – É, de início eu queria saber da Senhora qual a importância que a Senhora vê do rádio aqui para a história da cidade de Cajazeiras?

A.F. – O rádio?

F.F. – Sim. A Senhora acha que o rádio é importante aqui para a história da cidade, tem alguma importância?

A.F. – Para muita gente é né. Assim, muita gente gosta de ouvir, tem muitos que não gostam não viu. Muita gente diz que, que não está gostando mais de ouvir rádio. O rádio já prestou. Eu estou falando sério, olha, olha, muita gente parou de, de, porque o rádio está sem graça.

F.F. – Eu sei.

A.F. – Muito sem graça mesmo. Agora você devia entrevistar era meu esposo, porque aquele dali é direto com um fone enfiado no ouvido assistindo, agora eu, gosto não.

F.F. – Pronto.

A.F. – Agora Alex tivesse indicado o pai dele, porque ele quem escuta muito, ele vem daqui, vai para sítio e vem, e vai e vem com um fone enfiado no ouvido direto, para ouvir rádio. Quando está aqui é querendo ligar o rádio direto e eu não gosto. Assim, eu não sou chata, mas é porque ficou chato mesmo sabe?

F.F. – Eu sei.

A.F. – Mas de vez enquanto assim eu ligo, mas eu vou e desligo, mas não estou gostando muito de rádio não, falando sério.

F.F. – Mas a Senhora acha que aqui dentro de Cajazeiras as emissoras que existem, elas são importantes pra, pra a história da cidade? Tem algum, tem assim uma importância?

A.F. – Tem né. A Rádio de Cajazeiras, a Rádio Difusora é a que mais é, é, que o povo, assim, os pessoal mais de idade né gosta, que ela tem, tem muita, tem cantoria, tem outras coisas, forró, o pessoal gosta de assistir né. E muitos gostam mais da, da FM né, que é mais música.

F.F. – É verdade. O, não sei se a Senhora sabe, quando o rádio surgiu, assim que ele surgiu, é, ele era só ouvido pelas pessoas que tinham uma aquisição alta, né.

A.F. – Não, se for de antigamente é, minha mãe assistia até novela em rádio.

F.F. – Mas assim, logo quando ele surgiu, só quem podia comprar...

A.F. – Não, quando surgiu não é...

F.F. – É, só quem podia comprar...

A.F. – Até as novelas era pelos rádios, você nunca ouviu sua vó falando?

F.F. – Minha mãe assistia, a minha mãe fala. Não, não tem problema não. Mas assim, eu quero dizer a Senhora, quando ela surgiu, quando o rádio surgiu, só quem escutava mais era as pessoas que tinham dinheiro, logo no começo, porque o rádio era caro, aí depois, o rádio passa, se popularizou, todo mundo possuía um rádio.

A.F. – Aí você quer voltar assim antigamente?

F.F. – Não, só assim, para comentar com a Senhora, para a Senhora me dizer uma coisa assim, o que a Senhora acha. A Senhora acha que se o rádio não tivesse se popularizado, se não tivesse se tornado...

A.F. – Antes da televisão que é muito importante.

F.F. – Se não tivesse se tornado um meio de comunicação barato, que todo mundo escuta, a Senhora acha que até, que hoje em dia ele ainda estaria presente como um meio de comunicação?

A.F. – Eu acho que não, a televisão ela tá, ela superou muito o rádio. Lembro que meu pai quando comprou o primeiro rádio, ele convidava os agricultor, o pessoal da vizinhança para assistir rádio lá em casa, pense numa coisa dessa.

F.F. – Eu sei. Aí todo mundo se reunia no rádio.

A.F. – Todo mundo se reunia, ficava assim, olha como tava assistindo um filme entendeu?

F.F. – Eu sei.

A.F. – Ficava uma fila de gente assim, tudo sentado escutando o rádio. No tempo que eu tinha oito anos mais ou menos. Pois era, meu pai cansou de chamar. E hoje, antigamente era importante, porque os outros agricultor não tinha rádio, aí meu pai comprou, ele era o primeiro que comprou um rádio daqui, nesse cidade, nesse sítio foi meu pai, aí num, num existia televisão na época, é por isso que rádio naquela época era mais importante, e hoje, eu acho que hoje num, num é muito importante por isso.

F.F. – A senhora sempre tinha o hábito de ouvir o rádio e aí, de uns tempos pra cá a senhora diminuiu a frequência de ouvir porquê...

A.F. – Diminui. É porque mudou de locutor e eu gostava muito de um locutor que... Ave Maria é, eu pedia pra chegar a tarde pra eu ligar né, era até três, até quatro horas da tarde eu era com ele ligado, na hora, e eu na máquina né. Na hora que ele dizia assim> boa tarde, eu já desligava o rádio, pronto.

F.F. – Eu sei. É, a, a senhora...

A.F. – Foi a, foi a retirada de um locutor, que deixou muita gente

F.F. – A senhora ficou triste quando o locutor saiu da rádio

A.F. – Ficou muito triste. Trocou de locutor aí pronto. Pra mim ficou sem graça mesmo.

F.F. – Aí a senhora acha que aqui dentro da cidade de Cajazeiras, a população diminuiu a, a importância que ela dava pro rádio.

A.F. – É a minoria viu. É, a maioria já falou pra mim que tirou até o rádio da cozinha, acabou com o rádio, não tem mais rádio. Eu conheço uma mulher que falou pra mim que disse que deu o rádio dela, pra não ouvir mais, porque da retirada desse locutor.

F.F. – É, o locutor quando saiu foi com relação aos movimentos políticos aqui dentro da cidade foi?

A.F. – Foi, isso mesmo.

F.F. – Então, é.

A.F. – Foi por causa de política

F.F. – A senhora no, então, se eu, se eu entendo assim o raciocínio da senhora, a senhora diminuiu o gosto pelo rádio porque o rádio hoje em dia é muito influenciado pela política aqui da cidade, e ela influencia o que passa no rádio.

A.F. – Pela política. É nojo, eu tenho até nojo. Nojo, nojo, nojo mesmo. Não é só eu. É eu, meu esposo, é Alex não é muito de rádio não, de ouvir rádio não, é muito difícil.

F.F. – Então a senhora acha que aqui, a política daqui da cidade tá, influencia o que, que passa no rádio.

A.F. – Desde o, do ano da, a, num é, num foi só isso não. Foi desde o ano passado, nessa última eleição pronto, nessa última eleição acabou com a audiência, das rádio. Agora isso aí eu falo é, se você fosse entrevistar outras pessoa, você ia ouvir o mesmo, coisa que eu tô falando, é verdade. Muita gente tirou o rádio da cozinha pra não ouvir mais.

F.F. – Entendi. E a senhora acha que o surgimento, com o surgimento da televisão, do computador com a internet, fez também com que o rádio perdesse esse espaço assim dentro da casa das pessoas.

A.F. – Com certeza, é, é verdade.

F.F. – As pessoas preferem assistir um jornal na televisão, do que escutar um, uma notícia pelo rádio é?

A.F. – É.

F.F. – A senhora hoje em dia prefere assistir a...

A.F. – Não, eu não assisto, rádio pra mim é, é só assim como eu tô te falando, quando é pra ouvir só, é um momento de fé com Padre Marcelo, com Padre Reginaldo e pronto, só eles dois. Acabou o programa deles eu desligo o rádio. De nove até onze horas, é ligado só em programação religiosa.

F.F. – Só nos programas religiosos?

A.F. – Só.

F.F. – Aí a senhora também costuma assistir missa nos domingos pelo rádio?

A.F. – Não, a, sim assisto, eu fazendo o almoço, as vezes eu assisto a missa, é do, de Padre Diassis, padre, como é, padre Janilson lá da Igreja São João Bosco. As vezes até esqueço de colocar, eu boto até num programinha, um programa que tem da Siloé, de manhã na hora que eu tô fazendo o almoço.

F.F. – Tô entendendo, é.

A.F. – Na rádio Oeste.

F.F. – Eu acho que assenhora, como, como a senhora era uma ouvinte do rádio, a senhora via que as pessoas, as pessoas ligavam e hoje em dia ligam né, pro rádio, pra fazer alguma reclamação, pra pedir alguma informação. A senhora acha importante essa é, parte da população em ligar pro rádio, a senhora acha que é importante a população ligar, pedir, reclamar?

A.F. – Acho muito importante, a pessoa, muita gente consegue as coisas ligando, fazendo reclamação.

F.F. – É mais fácil conseguir alguma coisa se ela ligar pro rádio, do que se por acaso ela fosse pedir diretamente ao poder público?

A.F. – Eu mesma já liguei, pra rádio. É, fazendo uma reclamação.

F.F. – Aí senhora foi atendida, deu certo?

A.F. – E deu certo. Num sei, eu o, a reclamação que eu liguei veio o, o, quando eu tava reclamando, veio rebater com a ligação também. E eu peguei liguei de novo. Ele pegou ligou também, aí acabou o programa. (riso). Foi assim, é uma briga de telefone. Ele foi reclamar sobre um SAMU, lá de, de outra cidade, for daqui.

F.F. – Certo. Quando as pessoas tão no rádio, dependendo do que as pessoas falam, que ligam reclamando, existe o problema do, da rádio tirar do ar a pessoa pra não ter a reclamação dela?

A.F. – Talvez, se, se tocar no calo de, de quem eles tão puxando o saco, eles fica em silêncio.

F.F. – Então, no rádio existe sempre, cada emissora existe aquela ligação com a política, com o prefeito no caso é?

A.F. – Isso, é, tá vendo. Ninguém pode tocar no calo de quem tá, o governante de agora né, porque se a pessoa ligar, fica em silêncio totalmente viu, num diz nem A nem B, fica caladinho, ele não quer se comprometer com isso.

F.F. – Tô entendendo.

A.F. – Mas se fosse o outro lá, o outro que saiu, ele ouveria e ele metia o pau, sabe? É por isso que é essa briga, tá havendo essa confusão aí. A gente perdeu o gosto do rádio por isso. Porque tem muito puxamento de saco.

F.F. – Do tempo que a senhora ouvia rádio, tem alguma notícia que a senhora ouviu no rádio, que marcou a senhora e que a senhora lembraria e poderia me dizer agora? Alguma notícia aqui da cidade de Cajazeiras, que a senhora ouviu no rádio? Tem alguma coisa que a senhora lembre?

A.F. – Assim, falando sobre a cidade?

F.F. – Sim, algum acontecimento da cidade que a senhora ouviu através do rádio.

A.F. – Aí tem muitas coisas né, porque eu nem me lembro no momento, mas tem muitas coisas que já aconteceu, que já ouvi pelo rádio, muitas coisas assim. Quando eu escutava muito o rádio num sabe? Mas agora, a uns anos atrás aí eu não tô, quase eu nem escuto muitas coisas não.

F.F. – Certo. A senhora acha que a história daqui da cidade de Cajazeiras, ela pode ser contada através do que a gente escuta no rádio?

A.F. – Não.

F.F. – A senhora...

A.F. – Muitas coisas não é certo assim, a pessoas vai atrás, num, num, num tá, muita gente as vezes, é como é que diz, vê uma coisa bem pequenininha e acha que é, é grande.

F.F. – Certo, tô entendendo.

A.F. – Entendeu? O que eu tô falando.

F.F. – Tô entendendo. Aí a, essa questão de, se realmente a notícia, é realmente verídica, se ela é totalmente verdadeira como transmite, é dessa forma que a senhora tá...

A.F. – Não, eu, eu num sei bem, mas é assim que as coisas funciona, porque as vezes num é aquilo que a pessoa tá falando também no rádio, entendeu? Até propaganda, essas coisas, num é do jeito. Eu não sei porque que eles nunca é, é, eu num acredito muito nas coisas do rádio por isso num sabe? Eu sei que eles são pessoas competente e tudo mais, mais tem muitos que outro vai e liga, e diz que não é assim.

F.F. – Tô entendendo. A senhora é, consegue imaginar a cidade de Cajazeiras sem a, sem as emissoras de rádio, sem os rádios que existe, a Difusora, a Alto Piranhas, a Rádio Oeste. A senhora acha que a cidade perderia se acabasse todas as rádios, não existisse mais?

A.F. – Não, pelo amor de Deus, as rádio tem que existir né. Aí Alex, tá muito, muita muriçoca aqui, é eu acho que uma, toda cidade tem que ter rádio né, tem que funcionar as rádio. O que foi isso?

F.F. – Foi que caiu o documento da senhora.

A.F. – Uma pancada desse tamanho, (risos). (SILÊNCIO). Pois é.

F.F. – Certo.

A.F. – Eu acho que o rádio é, tem gente que abusa demais, escuto o dia inteiro né. Eu não gosto de ouvir uma coisa, assim, direto não, aquilo ali, direto não.

F.F. – Então, a senhora mesmo não, não ouvindo mais o rádio como...

A.F. – Mas eu, eu ligo o rádio.

F.F. – Não, assim, da mesma forma como a senhora ouvia, tinha aquela mais frequência de ouvir, com mais frequência, mesmo não ouvindo, achando que o rádio perdeu muito na questão de informação por conta dessa história da política, a senhora acha que, é a cidade de Cajazeiras teria muito...

A.F. – É porque eu acho assim, aquela babueira muito grande tem hora né, tem hora que dá vontade de assistir, porque eu gosto de ouvir um pouquinho, porque eu tô trabalhando ali né, na máquina e ouvindo o rádio. Mas quando eu vejo que tá um negócio pesado mesmo, falando assim, coisa, eu vou lá e desligo, porque dá um nojo viu. Num dá nojo?

F.F. – Eu num, num...

A.F. – Num é porque a gente é do, do, do lado e o rádio fala de outro não, não é por isso. É por causa do, é demais viu. E agora que eu num vou ligar mesmo nessa política.

F.F. – Agora chega o momento da política.

A.F. – Mas ele disse que não pode falar muito, o pessoal num pode puxar muito não. Num pode tá ligando, falando de fulano, de cicrano não. Num pode nem tocar no nome das pessoas. Agora ultimamente é que eu num vou assistir mesmo.

F.F. – Certo. Deixa eu vê aqui a última pergunta. É a partir da, do, do, do tempo da senhora como ouvinte do rádio, como é que a senhora me conta, contaria a história da cidade de Cajazeiras? A partir de, qual a visão que a senhora tem da, da história da cidade?

A.F. – Olha minha filha, eu vou já dizer uma coisa a você, eu já gostei muito de Cajazeiras, eu já chorei muito aqui, de saudade de Cajazeiras quando eu viajava pra fora. Hoje eu, eu voltei pra morar aqui, mas eu, eu me sinto, eu num saio nem de dentro de casa, eu num saio nem pra fazer caminhada eu num saio mais. As vezes o menino diz, mãe vai fazer uma caminhada, eu digo vou nada, aqui não tem mais graça mais não. Uma que não tem onde você fazer caminhada né. Eu acho a cidade tá muito, muito movimentada, muito perigosa, num tem um, eu sei, todo mundo pode fazer caminhada, mas eu não me sinto bem, de fazer. Porque eu acho que não tem um lugar de fazer caminhada aqui. Eu já gostei daqui, mas agora hoje em dia, num tô gostando mais não viu.

F.F. – A senhora sempre morou aqui na cidade?

F.F. – Não. A gente morou fora, quase vinte anos. Ele mesmo nasceu, quando eu me casei eu fui embora daqui né, ele nasceu em João Pessoa, fui morar em João Pessoa, Aí quando a gente veio embora de João Pessoa, fomos pra São Paulo, fui embora, eu morei dezesseis anos em São Paulo, eu morei quase, mais de vinte anos fora. Aí o, eu fiquei aqui, num tô achando mais como era antes não, mudou muito. Até pra ir pra igreja mesmo eu não nunca mais fui.

F.F. – Tô entendendo. Pronto. Era só isso que eu queria perguntar a senhora, quero agradecer, pelo, pela entrevista e dizer que...

A.F. – Apesar que você não é daqui não?

F.F. – Não, sou não.

Entrevista. 13/06/2014

Cajazeiras, 13 de junho de 2014, é, entrevista com o Senhor Francisco Quirino de Sousa, a cargo da pesquisadora Francisca Edna Claudia Ferreira, para o trabalho de monografia, o Rádio como instrumento de memória em Cajazeiras.

F.F. – De início Senhor Francisco, eu queria perguntar ao senhor qual a importância que o senhor vê do rádio para a história da cidade de Cajazeiras?

F.S. – Eu acho que o rádio é muito importante porque, a gente sabe tudo da cidade pelo rádio né. Porque tem a internet, tem, mas é uma coisa muito que vem lá de fora, a gente não. E o rádio é local como diz a história, a gente está sabendo tudinho, as notícias, está vendo. Eu acho muito importância o rádio por isso aí.

F.F. – Certo.

F.S. – É tanto que eu, eu mesmo gosto mais de um rádio do que de uma televisão.

F.F. – O senhor costuma mais ouvir o rádio do que a televisão?

F.S. – Mais ouvir o rádio do que a televisão.

F.F. – E o senhor escuta o rádio desde pequeno, tem essa rotina de escutar o rádio?

F.S. – Não é desde pequeno porque, quando eu vim conhecer o rádio eu era casado já. Não existia, naquele tempo ninguém, aqui. Quando foi comprado, o meu sogro foi quem comprou um rádio, eu morava no Gravatá, aí meu sogro comprou um rádio, mas não existia rádio nesse tempo aqui, nem rádia. A rádia mais perto que tinha de rádio era a Juazeiro do Norte. Juazeiro do Norte, Patos tinha. Então a rádio que a gente mais assistia era a Sociedade da Bahia, era a rádio mais a gente assistia, porque aqui perto não tinha. Aí depois foi que abriram essa aqui de Cajazeiras, a Difusora, aí foi criando, hoje tem rádio em todo canto [riso].

F.F. – É verdade. Aí o senhor já pegou o costume de ouvir o rádio?

F.S. – Peguei o costume de ouvir o rádio. Naquele tempo o rádio era uma festa [riso].

F.F. – É verdade.

F.S. – Quando era à noite lá na casa do meu sogro, vixe maria era gente. No São João, quando ele comprou próximo ao São João, foi uma festa lá, todo mundo dançaram a noite quase toda lá no, pelo rádio. Era uma festa, era um.

F.F. – Foi uma novidade, que surgiu.

F.S. – Foi uma novidade.

F.F. – Certo. É, quando o rádio surgiu, não sei se o senhor sabe, assim que ele surgiu no Brasil, ele só era voltado para elite, para as pessoas que tinham dinheiro, porque não

tinha a, o, o resto da população não tinha dinheiro para comprar o aparelho. Com o tempo o rádio ele se popularizou e ele passou a fazer parte da rotina de todo mundo. O senhor acha que essa mudança foi a garantia para o rádio existir até hoje?

F.S. – Foi sim.

F.F. – Se não tivesse acontecido essa mudança?

F.S. – O rádio tinha se acabado.

F.F. – Tinha acabado?

F.S. – Eu acho que o rádio não pode acabar, o rádio eu acho que não deve acabar não, ele é de muita importância, eu acho que sim.

F.F. – Certo. E, se não houvesse essa mudança o senhor acredita que esse rádio estaria ainda hoje, entre os meios de comunicação com a mesma força que ele tem?

F.S. – Não. Se não tivesse havido a mudança, acho que não existia mais não, né? Ele tinha se acabado. Devido à mudança, ele está continuando. E eu acho que ele não vai acabar não.

F.F. – [riso] É, o rádio ele é um meio de comunicação marcante aqui na cidade, qual o grau de importância que o senhor acha que a população de Cajazeiras dá para o rádio, estabelece para o rádio? O senhor acha que a população vê o rádio aqui dentro da cidade realmente como um meio de comunicação importante, a população acha importante?

F.S. – É importante. Eu acho que sim. Por isso como eu lhe disse, porque o rádio a gente sabe tudo aqui localmente né. O que se passa aqui na cidade a gente sabe tudo pelo rádio. Porque na hora que acontece qualquer novidade, já estão lá, já estão pegando passando direto para o rádio. E a gente está assistindo direto. Eu acho importante.

F.F. – Certo. É, pensando no rádio desde quando ele surgiu até os dias de hoje, e com o surgimento da televisão que o senhor já comentou, da internet, o senhor acha que o rádio perdeu espaço aqui dentro da cidade, com o surgimento da televisão e da internet?

F.S. – Não, eu acho que não. Eu acho que o rádio ainda é vitorioso aqui dentro da cidade.

F.F. – O senhor acredita que a população ela escuta o rádio hoje em dia na mesma frequência de que ela escutava antigamente, do tempo em que o senhor conheceu o rádio, que as pessoas descobriram o rádio? Elas escutam da mesma maneira?

F.S. – Não, eu acho diminuiu um pouco né. É porque dividiu com a televisão, aí eu acho que ela, eu acho que o rádio aqui na cidade, ele ainda ganha da televisão.

F.F. – Aqui dentro de Cajazeiras, o senhor acredita que a importância dele é maior que a televisão? Faz parte da rotina diária de todo mundo?

F.S. – Está certo, um dia como tem jogo, tem essa coisa, a televisão. Mas na diária comum o rádio sempre eu acho que ele ganha da televisão.

F.F. – Certo. É, o senhor acha que aqui dentro da cidade os movimentos de política, de economia, eles ajudam para o funcionamento do rádio, em questão da política aqui dentro da cidade, ela interfere, ela modifica no funcionamento do rádio?

F.S. – Ela interfere muito no rádio né, principalmente aqui a cidade, o rádio é mais ouvido e eles interferem muito no rádio.

F.F. – Certo. E em questão de período de época de política o senhor acha que isso dá uma interferida no que acontece no rádio?

F.S. – Sempre, sempre. Vem fazer aquelas entrevistas, aquelas coisas, e tudo é pelo rádio né.

F.F. – Aí o senhor acha que há uma tendência do rádio está ligado com aquela política, com aquele candidato tal?

F.S. – Está sim, está sempre ligado. Aí eles ficam discutindo cada um tem um lado, ele tem uma rádio, tem o outro que outra, aí ficam naquela discussão, e eu acho que interfere muito.

F.F. – Certo. É, a gente o, o, acho que o senhor sabe não é, o senhor como ouvinte do rádio que muitas das informações que são passadas no rádio, elas são é, a, como é que eu posso dizer, transmitidas, elas foram fornecidas pela população, porque uma pessoa liga, dá uma informação.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

F.F. – Continuando como eu estava dizendo é, a população ela ajuda com as informações que passam pelo rádio, que alguém liga, faz uma denúncia, faz alguma reclamação, pede alguma coisa. O senhor acha que, é esse papel que a população tem é importante? É importante a população ligar para o rádio, ajudar com as informações?

F.S. – É porque muita gente não tem o, de chegar a uma autoridade, de chegar a um político, mais, um deputado, um, aí pelo rádio eles veem, acontece que ele tem aquela possibilidade né, faz aquela ligação e conversa com ele, fala com ele, explica o que ele está sentindo, o que ele está achando, e eu acho que tem grande influência nisso aí.

F.F. – E o senhor acha que, as pessoas ligam muito, participam muito ainda hoje em dia, ou elas ainda não diminuíram a frequência de ligar, de participar, de informar?

F.S. – Não, aqui eles ligam bastante, ligam muito. Aqui na cidade principalmente, tem aquele programa de Vituriano que ele faz, ligam direto, todo mundo liga para ele, e qualquer um. Político que vai fazer uma entrevista, o povo liga bastante, eu acho que isso influi muito.

F.F. – Certo. É, o senhor acredita que a história da cidade daqui de Cajazeiras, ela pode ser contada através do que as pessoas escutam nos programas do rádio?

F.S. – Acredito que muitas coisas são, que até a gente escuta pelo rádio né.

F.F. – E tem algum fato, alguma história, alguma notícia que o senhor considere importante para a história da cidade, que o senhor tenha escutado no rádio, alguma coisa que marca na cabeça do senhor, que o senhor escutou?

F.S. – Tem sempre alguma coisa que a gente escuta que fica marcado, que acontece que às vezes a gente não sabia né? Aí pelo rádio a gente ouçe aquilo.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

F.F. – Então, o senhor teria algum, alguma notícia que o senhor poderia me falar, que o senhor lembre agora, que o senhor ouviu que marcou o senhor?

F.S. – As notícias que a gente não sabia, a gente fica sabendo, aí a gente. Agora lembrar, eu [riso] não estou lembrando.

F.F. – O senhor não recorda agora nenhuma?

F.S. – Não.

F.F. – É, quais são os programas que o senhor mais costumar escutar no rádio?

F.S. – É melhor eu lhe dizer, eu ligo o rádio direto o dia todinho aqui, quase todos os programas eu assisto. Os que eu gosto mais, eu presto mais atenção e o rádio fica ligado.

F.F. – Aí quais seriam os que o senhor mais gosta de ouvir, que o senhor?

F.S. – Esse Programa Boca Quente eu gosto de escutar muito ele. Pela manhã, o Jornal da Notícia, o jornal eu gosto muito de assistir. Gosto de dar um pouco de atenção.

F.F. – Certo. É, o senhor consegue imaginar a, a cidade de Cajazeiras sem as emissoras de rádio?

F.S. – É muito ruim [riso], eu acho que ficava muito difícil, principalmente para o pequeno né, que o meio de comunicação que tem é o rádio, até uma família que tem lá fora você passa um aviso pela, pelo rádio é, ajuda isso. Esse povo que vem aqui, muita gente viaja para fora vendendo e tudo e se comunica com a família pelo rádio.

F.F. – Através do rádio. Então a, a cidade de Cajazeiras ela perderia muito questão de informação se não existissem mais essas emissoras.

F.S. – Perdia muito.

F.F. – O senhor enquanto ouvinte sentiria muita falta?

F.S. – Sentiria muita falta [risos], porque eu tenho esse rádio aí ele é ligado, eu ligo de manhã e é o dia todinho ele é ligado. Eu tinha desligado agora porque eu estava assistindo ali o jogo [riso].

F.F. – Pronto. E a partir do, do senhor, da vivência do senhor enquanto ouvinte, não é, enquanto colaborador direto ou indireto, se o senhor liga ou não liga para o rádio, é o senhor, como o senhor contaria a história da cidade de Cajazeiras?

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO]

F.F. – O senhor contaria a história da cidade a partir de que ponto de vista do rádio, a partir do que o senhor escuta no rádio?

F.S. – Tudo quanto eu mais ou menos eu sei, foi tudo pelo rádio.

F.F. – Aí a cidade o senhor vê a cidade a partir de que ponto de vista, uma cidade animada, mais voltada para política, para cultura, para festa?

F.S. – A cidade é mais animada com o rádio, o cidadão mais animado, mais. Todo mundo você vê, muita gente está assistindo o rádio, na hora que para fica tudo calado [risos], um silêncio. Aí com o rádio eles fica mais animado.

F.F. – Certo. Pronto, eram só essas perguntas. Eu quero agradecer o senhor, certo. Muito obrigada pela atenção do senhor.

F.S. – Obrigado.

Entrevista: 09.06.2014

Cajazeiras, 09 de junho de 2014, entrevista com Moises Conrado Nogueira, o Kaniel Conrado, a cargo da pesquisadora Francisca Edna Claudia Ferreira, no contexto do meu projeto de monografia “O Rádio como instrumento de memória em Cajazeiras”.

F.F. – É, de primeiro, eu queria lhe perguntar qual a importância que você do rádio para a história da cidade de Cajazeiras?

M.N. – Eu, eu, milito na imprensa a cerca de aproximadamente quinze, dezesseis anos, e desde pequeno, eu já tinha esse hábito de ouvir porque minha vó escutava, porque minha mãe escutava, porque meus tios escutavam, e a gente acabou criando esse mesmo laço de estar ouvindo sempre ouvindo o rádio, de estar sempre procurando a informação, e acredito que, nós somos uma cidade do interior, e o interior ele tem muito forte a questão do rádio entendeu, é muito forte a necessidade que a população, que o homem mais simples tem de estar acompanhando o, que está acontecendo na sua cidade, na sua região, no mundo através do rádio. Que ainda apesar do, da TV ter surgido, depois da TV colorida, e a, da TV de *alta* tecnologia, mas o rádio tem uma importância muito, muito forte na construção da sociedade, né. E eu sempre espero que essa construção seja sempre positiva, e às vezes, infelizmente algumas pessoas, não sabem aproveitar o *poder* que o rádio tem para construir novos valores, ou resgatar os velhos valores, e contribuir para o crescimento socioeconômico da sociedade, acho que isso é importante.

F.F. – Então, é, a sua vivência com o rádio é desde pequeno, desde pequeno você se interessou pelo, pela área da comunicação?

M.N. – É, sim, sim, com certeza desde pequeno. Meu tio tinha um, tinha, fato bem interessante, tinha uma oficina de consertar rádio, de consertar televisão. Ele acabou trazendo para casa de minha vó. Morava com minha vó, com minha mãe mesmo, e eu sempre o via mexendo no, no, na TV, no rádio, e eu comecei a me apaixonar pela, ouvia legal o rádio, música, a questão dos caras falando, aquela voz bem postada entendeu. E aquele, aquele universo do rádio, ele começou a me encantar por volta de meus, acho que uns, oito a nove anos de idade, né. Sempre escutava mais rádio AM lá em casa, era um radiozinho de válvula que tinha da minha avó, e escutava só AM e às vezes ficava a noite procurando ouvir aquelas faixas de internacional, de rádio tal...

F.F. – O tempo de rádio motor ainda.

M.N. – É, é, exatamente, exatamente, eu nem sabia o que era que os caras estavam falando americano e eu ficava lá, olhando empolgado o que estava ouvindo. Aí uma vez um radiozinho Motorola azul, portatilzinho, e eu peguei lá na oficina do meu tio, e ele pegava FM. Quando eu *escutei* aquele som de FM, a qualidade daquelas músicas, pronto, eu me apaixonei e disse, é isso que eu quero pra mim. Quero ser locutor de rádio FM [riso]. E assim foi.

F.F. – Aí você é locutor há quanto tempo?

M.N. – Quinze a dezesseis anos. Eu comecei no, rádio FM. Sendo que chamam, chamavam antigamente, num sei nem se ainda continuam chamando disque jovem, que é o cara que controla e toca música, ... então foi minha primeira experiência, no rádio foi como disque jovem, locutor de FM, de programa musical. Aí depois me, me afastei do rádio por um tempo e surgiu o convite de um companheiro de imprensa, para substituir um outro companheiro de imprensa que tinha saído de um programa noticioso, nunca tinha feito antes, nunca tinha me interessado, aí ele me pediu tal, estava sem fazer muita coisa, não eu vou topar, vou encarar esse desafio aí. Aí comecei de forma muito, muito precária ainda, querer fazer o rádio jornalismo, e acabei me apaixonando e estou até hoje. Esqueci a FM agora [risos] eu estou no rádio jornalismo.

F.F. – Certo. É, como você está na rádio há muito tempo, você sabe que quando o rádio surgiu, é, ele estava voltado para elite. Até porque, é, o, a compra do aparelho era caro, nem todo mundo tinha condições. Com o passar do tempo ele se popularizou e ele se tornou um veículo de massa, certo. Então, essa mudança você acredita que ela foi, ou é a garantia da existência, do rádio atualmente?

M.N. – Sim, sim, sim, sim, acredito, acredito muito nesse, nesse aspecto né. Você trouxe um relato histórico bem interessante, apurou-se historicamente né [riso], da questão do surgimento do rádio, da questão da elite, depois se popularizou. Sim, sim. O rádio é *popular*. Mas popular do que a TV. Entende. Eu acredito. Que a TV ela é muito, ela tem um padrão. As TVs, as emissoras de TV, aliás, elas têm um padrão que as emissoras têm que seguir a, a risca, entendeu. Então a, não é, às vezes é natural. Às vezes, aliás, às vezes não é tão natural, e é muito mecânico. E o rádio não. O rádio permite estar mais próximo da população. Entendeu. De estar ouvindo, por exemplo, um rádio local, de estar ouvindo uma notícia que está saindo na sua cidade, de estar ouvindo um locutor mandar uma música para você, citando o seu nome, ou que você está aniversariando hoje. Então o rádio no momento ele está bem mais próximo do povo, eu acho que o rádio é o povo. Mas povo do que a própria TV.

F.F. – Certo. E se não tivesse ocorrido essa mudança, essa popularização do, do rádio para massa, para o povo, você acredita que o rádio ele ainda estaria, ele teria a força desse meio de comunicação que ele é hoje em dia?

M.N. – Não. Acredito que não. Eu acho que, o que, o que deu *força*, e ainda dá força para o rádio, é o *povão*. É a popularidade, é a grande massa né. Que gosta de ouvir o rádio, que se sente bem ouvindo o rádio. A elite geralmente tem os seus gostos, hoje com tanta tecnologia, ou seja, quem tem um poder aquisitivo maior vai para o computador, sintoniza o que você quer, tem o pendrive, tem o MP3, MP4, tem vários Ms por aí. E, mas o povão, eu digo que o rádio AM ele é mais popular do que o rádio FM, no aspecto de ter uma grande massa, ouvindo. Porque a população gosta muito de ouvir, por exemplo, em Cajazeiras, de ouvir os muidos políticos, então o povo é muito ligado, é uma cidade muito, eu acho que mais politqueira do que política, entendeu. E o

rádio AM tem muito forte ainda em Cajazeiras, inclusive é um fato interessante, diferente de outros locais, é uma das poucas cidades da Paraíba e acredito que no Brasil, que tem um rádio AM muito forte. Porque se você for dar um giro aí pelas cidades, a maioria é tudo FM, que a FM saiu daquele, daquele aspecto de elite, de só tocar música internacional, música elitizada, e hoje já toca música popular. Forró, pagode, já tem programa jornalístico, já tem programa esportivo.

F.F. – Aqui dentro de Cajazeiras o surgimento da FM, você acredita que não, não prejudicou, nem veio a diminuir a importância do, da rádio AM aqui?

M.N. – Não, não, não. Em momento algum. Pelo tempo, pelo pouco tempo que eu tenho de vivência no rádio, mas pelo que eu já escutei de jeito, já tenho uma longa estrada no rádio, nunca interferiu não. Quando a FM surgiu aqui já tinha, já tinha, já vinha na estrada a Difusora, a Alto Piranhas.

F.F. – A Oeste?

M.N. A Rádio Oeste vem depois da FM, vem depois da FM é. Mas assim, era muito. Tinha a MPE, uma publicidade radiofônica, a Difusora e a Alto Piranhas, e o pessoal ainda sintonizava a Rádio Jornal de Sousa, Rádio Progresso de Sousa, na, na frequência AM. Quando a FM veio para aqui para Cajazeiras, ela veio com esse aspecto, só tocava música, internacional, música instrumental, era coisa pra elite entendeu. Coisa para os jovens da época, dos... E, e não conseguiu. Apesar da qualidade ser melhor, de trazer um estilo musical mais apurado, mas refinado entre aspas, não conseguiu em momento algum abalar ou prejudicar o rádio AM, porque o rádio AM é mais notícia, entendeu, ele vive mais da notícia.

F.F. – Aí você vê uma diferença no público? Que escuta a, o rádio AM para o FM? Em questão de, de, é podemos dizer, jovens, você acredita que os jovens eles estão mais voltados só para escutar rádio FM, e não estão tão ligados em Rádio AM?

M.N. – Sempre, sempre foi. Sempre foi. O jovem ele prefere escutar mais o programa de FM, esses programas, principalmente esses programas musicais, então o jovem é mais ligado nisso, está tocando uma música. Fala-se pouco e toca-se mais, FM. Essa é a linguagem do, do rádio FM. Tem o jornalismo agora, mas ele se estrutura, a estrutura do rádio FM é isso, fala-se muito pouco, toca-se muita música. O jovem quer, e a maioria do jovem, a maioria dos jovens, eles, *infelizmente*, não são todos é claro, eles não tem preocupação na questão da formação da opinião, que o rádio AM tem essa abertura maior. E alguns programas de FM. Mas o jovem não quer participar ativamente entendeu. Então ele vai escutar música, a música do momento, a fofoca da novela, entendeu. Essas coisas que cola muito, o signo, tal. Então o jovem, eu acredito piamente nisso, que o *jovem* ele é mais tendencioso ao rádio FM do que o rádio AM. Com exceção do pessoal da classe média menor, pessoal de origem mais simples, da zona rural, por exemplo. Ainda é muito forte quando escuta os programas musicais de AM, ainda prefere, é, por exemplo, tem programa da Difusora e Alto Piranhas, e na Oeste,

que são as três AMs aqui, musicais que tem todo dia, que tem gente que escuta ainda com, não, não escutam FM, mas vão escutar esse programa, entendeu. Apesar da qualidade não ser muito boa de rádio AM, em relação a FM. Mas eu acho que a pessoa de classe, a pessoa mais simples, o pessoal que tem origem mais rural, eles ainda são muito apegados a esses programas musicais de AM, mas do AM do que FM. Eu acho que FM é mais, FM é urbana né. A linguagem é urbana, e AM ela tem uma linguagem urbana e rural ao mesmo tempo. Por isso que o rádio AM é tão forte ainda aqui na região.

F.F. – É, o rádio ele é um meio de comunicação marcante aqui na cidade de Cajazeiras. Qual o grau de importância que você vê que a população de Cajazeiras estabelece para o rádio?

M.N. – O grau de importância? [silêncio] Eu creio que, a importância maior no aspecto das rádios é a movimentação política, é a notícia, entendeu. É, é os ruídos, do que está acontecendo. E a cidade é, como eu falei no início, a cidade é muito, eu acho que é mais politiqueria, do que política. Do que politizada. E o povo gosta muito disso. Ah eu vou ligar o rádio para saber qual o ruído, qual foi o político que brigou com fulano de tal, entendeu tal, qual é a reclamação que aquele grupo, que aquele cara de oposição tem para fazer da situação, da situação para a oposição. Então, o que segura muito hoje o rádio AM é isso, é a notícia da política, o movimento político administrativo, partidário, entendeu. É mais político partidário do que ideológico. Dá para compreender a história? Eu acho que é por isso que segura assim a grande, a grande, a grande força do rádio assim, que a população nesse aspecto é. Com alguns programas que tem FM jornalístico, mas sempre nessa pauta. Da notícia, dos procurar saber o que está acontecendo no político. Mesmo que tenha, mesmo que falem. Eu já fiz muitos programas jornalísticos, já perambulei por quase todas emissoras, bebi um pouco da fonte de cada uma, e em todas que eu fui, é, por mais que você traga uma notícia sobre cultura, sobre arte, sobre economia, social, ele não tem peso do que tem uma notícia política. É você abrir uma enquete, quem você acha que vai para governo do estado? Ricardo ou Cássio Cunha Lima? Estoura de ligação. Se bota uma pesquisa o que é que você acha, qual o melhor investimento que deve ter, por exemplo, na cultura? O que é que você acha, quais são as ações de cultura que deveriam ser implantadas em Cajazeiras? Se der cinco ligações é muito. Agora se bota quem é que vai ganhar para governador, Ricardo ou Cássio, aí pode botar cinquenta, umas cem, duzentas ligações. Então, esse aspecto político, essa entranha política com o rádio, eu acho, acho é pouco, eu creio que é o que mais, mais, agrada ao povo, ao cajazeirense, acho que na própria região também.

F.F. – Aí se reportando a essa sua resposta, é, eu tinha até elaborado aqui a pergunta se você achava que os movimentos políticos e econômicos eles eram importantes, são importantes para o funcionamento do rádio, e se aqui na cidade eles alteravam ou modificavam o seu funcionamento?

M.N. – Deixa eu ver se eu entendi. O rádio tem um poder muito grande de influenciar na população. Tem até as rádios que postam, eu esqueci de falar, as chamadas Rádio Centro, é interessante. O que, o que eu percebo, é que, infelizmente, eu não, aí nesse aspecto eu não sei compreender, se é o povo que viciou, ou o rádio que viciou o povo, na questão do político. É muita politicagem, entendeu. Quando eu acho que poderia abrir espaços para debates. Se você for escutar os programas de rádio jornalísticos de Cajazeiras, e vou me referir a Cajazeiras porque não conheço a fundo, ou a miúde os outros da região, mas se você ver, é a mesma linguagem, é a mesma forma de se fazer. Já fiz muito programa jornalístico, e não, é muito nisso. Política, política, política. Quando poderia ser aproveitado como, por exemplo, debates. Discussões salutárias, sobre desenvolvimento, sobre ética, sobre filosofia, sobre arte, sobre religião, enfim, tem Ns assuntos que poderiam ser discutidos no rádio, mais proveitosos e mais construtivos para a sociedade, do que está só falando na questão do político. Então o que me fez, por exemplo, me afastar um pouco do rádio foi isso, porque não aguentava mais está fazendo programa só para agradar político A ou político B, ou quando você quer ser imparcial, não, não quero mais saber, não vou mais ouvir político A nem político B, aí vem um dono da emissora, que tem uma amizade, ou fez um contrato com o político A, que de certa forma obriga você diretamente ou indiretamente, há puxar para uma linha política partidária. Então assim, é um, é uma, é uma, é um, é uma situação assim, muito constrangedora, para quem quer fazer jornalismo, para quem quer fazer rádio imparcial, para quem quer fazer um rádio voltado para a construção da sociedade. Talvez até alguns colegas de imprensa fiquem com raiva de mim, mas é a verdade, entendeu. Fico triste quando você tem gente capacitada, gente muito inteligente, que se ajoelhou para classe política e esquece de fazer o trabalho, só porque é isso.

F.F. – A política partidária daqui, ela então, ela influencia muito que vai ser transmitido pelo rádio?

M.N. – Tudo.

F.F. – É uma ligação junto, diretamente com a, com o diretor, ou, ou o dono do rádio?

M. N. - Eu acredito que noventa e nove por cento. E é preocupante esse dado. Noventa e nove por cento. Num vê, afora isso, não tem mais nada. Procure os escrípites jornalísticos saber qual a notícia que tem sobre economia, sobre cultura, sobre discussões ideológicas, sobre defender, por exemplo, sobre é, defender, por exemplo, a liberação da droga, para discutir sobre qualquer outro assunto pertinente a sociedade, e procure ver o que tem de política. Se tiver *uma*, uma notícia fora política é muito. O resto é tudo política, política, política, política, política.

F.F. – Conversando com algumas pessoas elas me disseram assim, é, o rádio aqui, a importância do rádio é por conta da política. Quando está no tempo, principalmente no tempo eleitoral, é, se alguém liga e vai falar alguma coisa contra o candidato que está

na situação e se aquele candidato for do lado do rádio, da, daquela emissora, se for falar alguma coisa contra, tira do ar, não pode falar?

M.N. – Exatamente, acontece. Já fui vítima muito disso. Muito disso. Eu acho, Cajazeiras já viveu, me perdoe quando você for transcrever esse material, e não me arrependo de dizer, eu acho que Cajazeiras já teve, não é que os nossos companheiros atuais sejam desqualificados, mas eu acredito que eles estão pecando muito em relação a ética profissional. Eu já vi jornalistas melhores. Eu já vi radialistas melhores atuando em rádio. Eles, eles rasgaram o, a camisa do, do bom jornalismo, para vestir a camisa partidária. Isso é muito ruim, porque o jornalismo de Cajazeiras ele caiu *muito*. Muito, muito, muito, muito, muito, muito. Não se vê jornalismo. Se vê tendências políticas partidárias no rádio. Não se vê mais jornalistas, se vê agentes políticos disfarçados em radialistas ou jornalistas atuando no rádio.

F.F. – Isso é uma perda para a imagem do rádio.

M.N. – Muito grande. Muito grande. Eu me afastei está, deve está com mais, deve, deva está com uns sete a oito meses que eu me afastei do rádio. Às vezes eu penso em voltar. Mas se você me pergunta, você sente falta? Não. Sinto falta às vezes no aspecto financeiro, sou muito sincero. Mas em questão do amor, porque eu estou gostando, eu quero voltar. Para fazer o que? Para armar mais um palanque político? Para fazer uma vontade de um político A, de um político B? Ou fazer uma, satisfazer a vontade de, de um diretor de uma emissora, de um dono de uma emissora? Só isso? É por isso que ninguém daqui sai para lugar nenhum. Num passa ali da Dical. [riso] Porque não tem mais capacidade de ir para lugar nenhum. Bom, pelo menos é minha opinião.

F.F. – Certo. É, então pensando no rádio desde o seu surgimento até os dias atuais, e com o surgimento, surgiu a televisão, depois da televisão veio o surgimento da internet. É, você acha que o rádio perdeu espaço aqui dentro da cidade, depois que surgiu a televisão e a internet? E a população, ela hoje em dia, ela escuta o rádio na mesma frequência que ela escutava antes desse surgimento?

M.N. – Não.

F.F. – Desses novos meios?

M.N. – Houve, houve uma mudança. Foi impulsionada uma mudança. E quando essas mudanças são impulsionadas, assim a população, uma parte dela acaba tendo que seguir aquele modismo, aquela nova tendência. Hoje você tem o celular, você tem a internet, você tem os, você acessa you tube, você ver vídeo, você escuta rádios pelo Brasil afora, você vai no seu computador, tablete, acessa uma rádio, você escuta uma rádio lá em São Paulo, nos Estados Unidos. Então isso facilita. Eu acho que isso, isso, isso tirou um pouco, um pouco da, desse foco central das emissoras convencionais, ou as locais. Mas o prejuízo não foi muito não, entende, não foi muito. Porque, é, eu acho que esse público que vai para a internet, ouvir música, vai no you tube, é aquele mesmo público que é mais ligado na rádio FM. Eu acho que quem perdeu foi a FM, não a AM, nesse

aspecto. Entende. Porque, FM antigamente fazia, daqui a pouco lançamento exclusivo, a música nova, do cantor tal, tal, só nós temos, hoje não existe mais isso.

F.F. – A internet.

M.N. – Você vai na internet já pega as da FM entendeu. E internet é uma coisa muito bom, porque eu sou alucinado por escutar música em internet. Porque lá eu escolho o gosto musical que eu quero, tem rádio que não tem. Lá eu escuto o MPB, o internacional, então o meu som eu escuto na minha própria casa, é mais o público de FM.

F.F. – O público ouvinte da AM também continua com o, com a.

M.N. – É continua. Ele é fiel ao rádio AM. Claro que em algum momento esse mesmo público que é fiel ao rádio AM ele também vai no seu celular, no computador, tal.

F.F. – Na televisão.

M.N. – Na televisão, entendeu. Mas eu acho que o que, a, a *internet*, essa globalização do mundo virtual é a, tirou mais o público de FM do que do público de AM.

F.F. – Certo. É, você enquanto radialista, é, trabalhava dentro do rádio, você sabe que muitas, muitas notícias que, e informações que são transmitidas pelo rádio elas são fornecidas pela população. A população ela, de certa forma, ela está ligada, ela trás informação, ela liga para o rádio, ela dá uma notícia, ela faz uma reclamação. É, esse papel atribuído pela população, ele é importante? Você vê uma importância realmente nessa ligação da população? E, as pessoas contribuem com essas informações, fornecem essas informações da mesma forma que antigamente? E elas, elas são preocupadas em ouvir essa informação depois de pronta, depois que vão para o rádio?

M.N. – É uma pergunta muito interessante porque, é, é claro e evidente que a participação, o aspecto secundário da notícia, o repórter informal que o muito que você é o ouvinte que liga para uma emissora de rádio e faz a denúncia, diz uma coisa, você está fazendo o papel de um, de um repórter de forma informal, de forma amadora. E é importante, e tem muita notícia boa, ruim, e esclarecedora, que foi difundida no rádio através do, do ouvinte, daquele que escuta. Mas também, eu acho que tem alguns padrões do, do, do, do rádio, do jornalismo, do rádio aqui em Cajazeiras, e jornalismo também, rádio jornalismo, por exemplo, na década de oitenta, que ainda continua ainda muito enraizada ainda. Então o pessoal hoje, qualquer coisa liga para o rádio, a pessoa já vai, já vai fazer sua denúncia, e muitas vezes essas denúncias que eles fazem, são denúncias equivocadas, entendeu, ou são tendenciosas. Então, eu vejo o seguinte, a população *deveria*, usar do espaço que é deles, porque o rádio é uma concessão pública, é do povo, para discutir e apresentar propostas, ou ideias, ou reclamar daquilo que está incomodando você, incomodando sua rua, seu bairro, de forma mais equilibrada, mais inteligente. E eu não vejo muito isso. Eu vejo de repente, eu faço assessoria no momento, para o Hospital Regional de Cajazeiras, e, tem muita, hora por outra, ligam,

ah eu fui mal atendido, está faltando isso, tal e tal. Quando você vai procurar, não foi dessa forma como o ouvinte disse, entendeu. Então tem muita, as, as pessoas tem a oportunidade, tem uma arma poderosa, que é entrar no programa e falar, mas não sabem usar essa arma para trazer benefícios para a sua comunidade, para a cidade. Acho que falta, falta, tem muita quantidade e falta qualificação no que está sendo, no que está sendo levado no ar através do, do ouvinte. Mas tem umas participações de suma importância e relevantes sim. Influencia muito. Na construção e desconstrução da notícia que o jornalista traz. Quando o jornalista respeita, a participação do ouvinte, que é coisa muito rara em Cajazeiras.

F.F. – Ainda tem esse, esse, essa parte do não respeitar.

M.N. – Tem. É tem muito disso. Porque você vê. Opinião, não existe opinião certa ou errada. A opinião é sua. A opinião é minha. Não existe certo ou errado. Pode não concordar. Mas julgar entre certo ou errado, num há, eu não vejo dessa forma, não há possibilidade para isso. E se um ouvinte liga, o ouvinte tem sempre razão. E às vezes eu vejo, por exemplo, que ligou um ouvinte que reclamou do, por exemplo, da prefeitura, aí tem um repórter que é ligado à prefeitura, aí ele não sabe, tudo bem, eu acatei sua informação, fulano de tal, tal, mas você não faz isso. Então ele já rebate, vai para briga, vai para confusão, não é, não é dessa forma.

F.F. – Faz uma discussão com o ouvinte ao vivo num programa e desrespeita a opinião do.

M.N. – É. Entendeu. Acho que isso é muito complicado. Isso é muito complicado. Hoje eu vivo de assessorias. Por viver de assessorias, eu resolvi sair do rádio. Pelo menos por um tempo. Porque não há a mínima condição, de eu ser, por exemplo, um assessor da Prefeitura Municipal de Cajazeiras, quando um ouvinte ligar para reclamar da prefeitura, como é que eu vou, como é que eu vou me comportar? Você entende. Eu poderia ficar neutro na situação, acatar, ser uma, ser uma ponte entre o ouvinte e administração, porque eu sou um assessor. Aí muitas vezes o pessoal não vai entender, ah você era para defender, você era para rebater. Bom, aí para evitar esse tipo de constrangimento, de enchimento de saco, eu resolvi dar um tempo. [riso]

F.F. – Certo. É, você acredita que a história da cidade de Cajazeiras ela pode ser, é, contada através do que se ouviu e se ouve nos programas de rádio? Existe algum fato que você considere importante para a história da cidade, que você enquanto locutor tenha comunicado no rádio? E hoje, você enquanto ouvinte, não mais o radialista.

M.N. – Pergunta complexa. Várias perguntas em uma só [risos]. Deixa eu ver se eu consigo lembrar de todas aí.

F.F. – Pronto. A história da cidade de Cajazeiras, ela pode ser contada através do que se ouviu e que se ouve nos programas do rádio?

M.N. – Pode ser contada. Mas tem que ser, hoje. Ela foi mais contada. Hoje ela precisa ser construída, mas tem que se passar por diversos filtros. Porque nem tudo que é dito no rádio é verdade. Nem tudo que o radialista ou o jornalista diz, condiz com a realidade. Na maioria das vezes, está mais com questões, está mais ligada com questões pessoais dele, ou do seu político do que as questões sociais. Entende. Pode sim contribuir para a construção da história. Mas, é preciso passar por diversos filtros e avaliações. Para que a história não seja distorcida. Como já vem acontecendo muitas vezes.

F.F. – E existe algum fato que você considere importante para a história da cidade, que você enquanto locutor tenha comunicado no rádio?

M.N. – Agora você me pegou. Lembrar aqui, fazer uma vasculhada em quinze anos. Não, eu não, eu não me lembro agora. Eu não me recordo exatamente se teve alguma notícia, entendeu. Acho que no rádio, no rádio mais, na época mais antiga do rádio aqui, talvez eu quisesse participar, ter um pouco mais de ética, de compromisso, noticiar sei lá, alguma coisa aí, a nível, uma vitória aí de alguma coisa. Do Brasil sei lá. Ou um fato trágico, não sei, uma coisa exclusiva. Eu não me lembro. Apesar de estar trabalhando, militando no rádio jornalismo, mas no momento eu não me recordo, talvez daqui para finalizar me venha a cabeça. E algum fato assim importante para a história que eu tenha dito, que eu tenha relatado, que isso tenha me orgulhado, ou me envergonhado [riso], não sei. Já cometi um bocado de gafe no rádio já, [riso] deslizes.

F.F. – Hoje você não está mais no rádio, mas você ainda escuta? Tem a frequência de você ouvir o rádio?

M.N. – Como eu faço assessoria, e faço assessoria para políticos, na maioria, eu sou obrigado a ouvir rádio. Se eu não fosse obrigado a ouvir rádio, eu não ouviria rádio. De Cajazeiras.

F.F. – Existe o tipo de programa específico que você escuta ou você escuta?

M.N. – Jornalístico.

F.F. – A parte jornalística.

M.N. – Musical eu não escuto. Musical eu não escuto. Não me agrada muito com as músicas tocadas nas rádios daqui. Eu vou para a internet. [risos] Sou remanescente da FM, então você está vendo que, apesar de na infância ter escutado AM, depois que eu descobri as ondas da frequência modular da FM, me apaixonei. Não escuto. Escuto jornalístico, e assim muito, muito. Você já teve a, você já foi assim comer na casa de alguém, e aquela comida não estava boa, estava ruim, mas você tinha que comer para não ser inconveniente. É a sensação que eu tenho todo dia quando eu escuto o programa de rádio de Cajazeiras. Obrigado a escutar, por a questão da, das assessorias, mas é lamentável. Tem programas bons. Não tou, não estou generalizando. Há programas bons. Mas a grande maioria.

F.F. – Então o gosto que você tinha em escutar o rádio, sentar e escutar quando você era criança, você hoje não tem esse mesmo gosto de ouvir?

M.N. – Não tenho. Não tenho. Lamentável. Que apesar de tanta tecnologia, tantos avanços né, de qualidade, tecnológicos, entendeu, o espaço ser maior, ele está tendo um, a qualidade que eu esperava que tivesse, do tempo em que eu aprendi a ouvir rádio para esse tempo que eu tenho agora. Infelizmente num, tem muito que melhorar, muito que melhorar.

F.F. – Certo. É, voltando para a sua época de radialista do programa Rádio Vivo, [riso] que agora eu sou sua ouvinte [risos], apesar de você não estar mais no, no programa, eu escuto o áudio do seu programa [risos].

M.N. – Tá escutando o áudio [riso]?

F.F. – Voltando para o tempo é.

M.N. – Na verdade o Rádio Vivo, a minha, minha primeira experiência foi no, no, na Rádio Oeste da Paraíba, em seguida fui para a Alto Piranhas. Então assim, minha escola que eu fui amadurecendo aos poucos foi no Rádio Vivo na Alto Piranhas. Então quando você for, [riso] você for ouvir os primeiros, vai ter um bocado de coisinha ruim, no finalzinho que eu vou melhorando um pouquinho.

F.F. – Não eu, eu peguei o recorte, fiz o recorte do ano de 2009.

M.N. – Foi?

F.F. – Foi.

M.N. – Acho que quando eu estava começando lá. Ou foi no finalzinho, por aí.

F.F. – Então, voltando para esse ano, aí eu, puxar dessa memória que você disse que não lembra, se teria alguma notícia que você tinha transmitido nesse ano, mais ou menos no mês de janeiro a junho de 2009, que tivesse ficado marcado na sua, na história do programa, você enquanto locutor do programa.

M.N. – Não consigo me recordar, sinceramente. Eu acredito, que teve alguma notícia que tenha me marcado, mas no momento eu não consigo lembrar. Não consigo lembrar. Vou ficar lhe devendo essa. Não consigo me lembrar não. Você está escutando, tem alguma, tem alguma coisa que eu disse [riso] que você acha relevante? Que talvez você tenha escutado.

F.F. – É porque eu não queria, é tipo assim, se eu for falar eu lhe influencio de alguma forma, tá entendendo, eu não quero lhe influenciar.

M.N. – Não, não, não, não. Se for eu digo. Se não for eu também digo que não tinha essa notícia que eu dei, que não tenha me marcado, mas não consigo me lembrar. Eu tenho uma memória muito boa para outras coisas, e para outras são terríveis.

F.F. – Meu professor estava falando comigo, ele disse essa sua pergunta não vai dar certo porque o pessoal não lembra. Eu sei professor, mas a gente tenta de alguma forma.

M.N. – É muito difícil lembrar. Porque é tanta coisa, você tem uma ideia de, de, de anos.

F.F. – Porque foi bem, foi a entrada de Léo Abreu na prefeitura, mudança política e tal.

M.N. – Ah teve, teve. Ah sim, teve. 2009? Acho que foi a notícia, eu estava na Alto Piranhas quando a saída dele, a renúncia de Léo Abreu? Não sei se eu estava na, na Alto Piranhas ainda, eu acredito que sim. Ou não? Não, não lembro. Não lembro, não consigo lembrar nada nesse sentido. E já fui agente, sou réu confesso, já fui agente político disfarçado de radialista muitas vezes no rádio. Acho que a grande parte, a minha grande atuação no rádio foi como agente político disfarçado de radialista. Desgastante isso para imagem, muito desgastante. Muito desgastante, é por isso que eu dei um tempo. Porque eu precisava me reconstruir nesse sentido. Eu não estava aguentando mais.

F.F. – Certo. É, você consegue imaginar a cidade de Cajazeiras, sem as emissoras de rádio?

M.N. – Não. Impossível. Impossível. Quando se fala em Cajazeiras se lembra logo das rádio, se lembra de Padre Rolim, se lembra de, da Praça João Pessoa, entendeu. Então, sem rádio, não tem como.

F.F. – A cidade então.

M.N. – Não existe Cajazeiras. Se você tirar o rádio de Cajazeiras é como se você tivesse arrancado os dois braços. Sobrevive, mas fica limitado, sempre fica faltando alguma coisa.

F.F. – A cidade perderia então enquanto informação?

M.N. – Sim, sim, sim, sim. Com certeza.

F.F. – Não só quanto informação, mas é a história da, o rádio está ligado a história da cidade.

M.N. – Está. Com certeza.

F.F. – É uma parte da história, sem o rádio.

M.N. – Hoje mais da história política do que da história ideológica da cidade. Cultural, por exemplo, uma cidade, uma cidade, ela é muito forte no aspecto cultural. Eu sinto falta dessas discussões culturais, por exemplo, no rádio, entendeu. Mas é isso. Contribui sim para a construção da cidade, do aspecto histórico sim. O rádio fez história em Cajazeiras, e ainda faz. Faço como, como o pessoal da linguagem simples, mais ou menos mais ainda faz. [risos]

F.F. – E a partir de sua vivência enquanto radialista, ouvinte, colaborador, colaborador direto e indireto do rádio, como você me contaria a história da cidade de Cajazeiras? A partir de que perspectiva você me contaria a história da cidade?

M.N. – Uma perspectiva de coragem, de força de vontade, de querer ser mais, de querer fazer mais. Eu vejo Cajazeiras nisso. Apesar da imaturidade de uma parte da população que ainda vive dependiosa de coisas políticas, seja municipais ou estaduais, mas isso faz parte do processo de crescimento. As grandes civilizações, os grandes países, eles passaram por essas, esses problemas, por exemplo, que o Brasil passa hoje de corrupção e tal. Faz parte do crescimento. Não se cresce sem passar pela dor, e pelas experiências boas, e principalmente pelas experiências traumáticas. Eu acho que a população apesar de alguns limites ideológicos, não são todos, mas eu creio que a população melhorou um pouco, entendeu. Ela está começando a ver que o rádio, ele não é, as máscaras que se colocam nos rádios, não tão conseguindo mais convencer a população. Que quando existe um radialista, ou um diretor de emissora, ou um dono de emissora, que quer conduzir a ética jornalística para o lado político, a população já percebe, já sabe distinguir. Achar hoje que vai influenciar, a opinião de um radialista vai influenciar, a população sobre A e sobre B, esqueça que isso não funciona mais. Talvez há uns dez, quinze anos atrás tivesse feito, mais hoje não. A população sabe que radialista A, radialista B é ligado a político A ou político B. Então o que vier de lá, não interessa. Você me pergunta, mais porque isso tudo ainda? Porque o povo gosta do muído, da curiosidade. O povo é curioso. Da fofoca política, entendeu. De participar, mesmo sabendo que A e B é A e B, mas o povo gosta de participar disso.

F.F. – Aquela curiosidade então.

M.N. – É a curiosidade. Eu digo isso e não tenho medo de errar. Hoje a população de Cajazeiras não é mais tão influenciada pelas opiniões dos senhores radialistas e jornalistas como outrora, entendeu. Eles são conscientes. São mais conscientes. Não se tornaram, e são conscientes passivos. Não são os conscientes ativos. São aqueles que, tomam ciência da máfia existe e vai para o ataque, são poucos. Eles tomaram consciência, mas estão de braços cruzados, ouvindo. Mas talvez um dia se tornem ativos, nesse sentido. Eu acho uma história disso, de coragem, de força de vontade, vejo, gostaria muito de está, daqui alguns meses, ou daqui alguns anos no rádio, noticiando que minha cidade que eu nasci, está uma, dois, três, quatro, cinco indústrias para entregar a população. Eu sempre digo e acho que a população, o grande bum, quem salvou Cajazeiras foi a, foi a educação. Foram, foram as, as faculdades. Entendeu. Isso aí foi o que garantiu Cajazeiras continuar de pé, se não fosse isso, ela estaria uma cidadezinha provincianazinha, uma cidadezinha qualquer da Paraíba. Mas daqui a algum tempo isso vai saturar também, esse mercado vai se saturar. É preciso ir para o outro aspecto que é o aspecto industrial. Eu vejo que, quando chegar *aqui*, indústrias em Cajazeiras, vai começar a dar emprego e desprender esse pessoal que vive amarrado em prefeitura e governo de estado. Que vive desses empregos. Eu acho que desprendendo isso, vai permitir futuramente que pessoas qualificadas, pessoas técnicas e com

conhecimento suficiente para assumir cargos públicos, possam ter essa chance de assumi-los e poder contribuir numa política administrativa mais, mais interessante, ou mais real. Eu vejo nesse aspecto. Falta indústria para cá. Mais está crescendo, está, falta investimento na cultura, se você for hoje em qualquer bairro de Cajazeiras, você tem no mínimo um artista, é dançarino, é músico, é cantor, é artesanato, tem tudo isso. Esse pessoal está se desestimulando, apesar de existir leis que incentivam a isso, mais é muito pouco para muita coisa. Tem gente que está ficando velho, está morrendo, e nunca se teve a oportunidade de uma projeção maior, e falta políticas construtivas e sólidas nesse aspecto. Eu acredito que é isso, deu para responder?

F.F. – Certo, deu sim. Bom, então terminamos [riso].

M.N. – Já?

F.F. – Já. É, eu quero agradecer, por você ter me cedido a entrevista. De antemão dizer que será de grande importância para o meu trabalho, e lhe agradecer por esse espaço, por esse tempo cedido.

M.N. – Com certeza. Obrigado. Eu, eu que que tenho mais a lhe agradecer do que você a mim. Eu sinceramente não esperava, estar participando de um projeto como esse, sou muito sincero. Mais o destino é cheio de surpresas, eu gosto de surpresas [riso] do destino. Eu até fiquei assim, rapaz será se eu vou dar essa entrevista, falar sobre isso tal e tal, aí eu desencuquei e acabei falando, dando essa entrevista para você, muito importante. Porque no momento que eu respondo suas perguntas, eu já vou refletindo sobre aquilo que eu estou dizendo e sobre o que eu poderia fazer de melhor na construção dessa história da cidade, junto ao rádio, junto à comunicação. Isso é interessante falar, dizer, desabafar também, que eu acho que a entrevista foi, foi mais um desabafo do que propriamente minhas opiniões ideológicas.

F.F. – Um desabafo importante.

M.N. – É, mais eu creio que me ajuda também a melhorar no aspecto de ter, de procurar fazer algo diferente, diferente do que realmente a cidade mereça. Nesse aspecto. Mas assim, foi um prazer imenso, desejar a você uma ótima, uma boa sorte. [riso]

F.F. – Obrigada.

M.N. – Depois que estiver pronto me diga. [risos]

Entrevista: 09/07/2014

Cajazeiras, 09 de julho de 2014, entrevista com a Professora Mariana Moreira Neto, a cargo da pesquisadora Francisca Edna Cláudia Ferreira, para o trabalho de monografia O rádio como instrumento de memória em Cajazeiras.

F.F. – É, para começar a entrevista professora Mariana eu gostaria de saber é, a partir de que momento é, o rádio, qual a influência que o rádio tem na sua vida, há quanto tempo você gosta e escuta o rádio.

M.N. – Ok. Na verdade ele, eu vivi até os onze anos num sítio, na Zona Rural, e na época em que eu morei na zona rural, nos anos sessenta, não existia energia elétrica e o único meio de comunicação disponível era rádio, então na minha casa meus, meu pai sempre gostou de rádio, tínhamos sempre rádio, então o rádio sempre teve presente na minha vida. E aí nesse, nesse momento eu já gostava de ouvir programas de rádio e depois né, fiz a, a minha graduação em Comunicação Social né, e durante algum tempo eu trabalhei como jornalista em emissoras de rádio, também em jornais, mais também em emissoras de rádio né, aqui de Cajazeiras né isso, então teve toda uma, uma repercussão na minha vida.

F.F. – Certo. É, qual a importância do rádio para a história da cidade Cajazeiras que a senhora acredita?

M.N. – Olha, quer dizer, assim a primeira emissora de rádio né, surgiu aqui na cidade ainda na década de sessenta né, no começo da década de sessenta né, e vai ser é, fundamental como um elemento de formação de opiniões de é, conscientização. Eu lembro né, até os anos oitenta, quando nós não tínhamos ainda sinais de TV, né, eficientes aqui na cidade, a televisão ainda chegava muito ruim, muito chuído, os programas de rádio eram né, inclusive a noite né, nós tínhamos programas, por exemplo, tínhamos o Discoteca Dinamite na Rádio Alto Piranhas né, que era conduzido por Zeilton Trajano, Júlio Bandeira de Melo, que eram programas é, ouvidos né, amplamente inclusive com as, as pessoas né, ficavam nas calçadas com os rádios ligados, ou seja, então o rádio teve toda essa importância como um elemento de, não apenas de informação, mas também de formação né, das pessoas, mesmo a gente vivendo um momento político bastante tenso, que era o momento de Ditadura Militar né, alto dos anos sessenta, mas o rádio ele tinha ainda esse né, até mesmo o evento que foi a, a explosão de uma bomba né, no cinema aqui durante a Ditadura Militar, teve num primeiro momento né, as emissoras de rádio como espaços de divulgação né, só depois é que a censura chegou mais violenta. Então a rádio tem essa importância né, ela teve essa importância e é tanto que ainda hoje né, os, os, as estações de rádio, as emissoras de rádio da cidade são ainda referenciadas como sendo importantes espaços de formação de opinião, de né, de construção de uma história, de uma referência na cidade, na região.

F.F. – Certo. É, quando o rádio surgiu ele era um meio de comunicação que estava voltado para a elite. Com o passar do tempo ele se popularizou e se tornou um veículo de massa. A senhora acredita que essa mudança foi ou é a garantia para a existência dele até os dias atuais?

M.N. – É claro, quer dizer a, a, a popularização né, e a própria tecnologia né, a, a, a, o avanço tecnológico vai fazendo com que a, o rádio também vá né, se, se popularizando, os rádios portáteis né, começa a aparecer aqui a partir da, da tecnologia do transition né, que você reduz o tamanho do rádio, não é mais aquele tijolo. Eu lembro dos rádios na minha casa, eram um treco enorme em cima de uma mesa movido a válvula, que você ligava o bicho e meia hora depois é que ele começava a dar sinal de vida, quando esquentava, ou seja, isso tudo vai fazendo com que né, o, o veículo ele vá se transformando também na, no, num elemento mais popular, mais acessível a população. Então eu acho que tem essas, essas duas questões elas estão aliadas né, a questão do conhecimento tecnológico, do avanço tecnológico, da evolução das tecnologias né, da, da, desse conhecimento sobre é o veículo e a sua né, a sua popularização. Isso vai fazendo com que inclusive o rádio mesmo com o né, o advento da televisão e a massificação também da televisão, ele continue ainda sendo um veículo bastante é, próximo das pessoas, até porque o rádio tem uma, um diferencial, por exemplo, ele ainda é uma tecnologia mais acessível não só enquanto veículo, enquanto aparelho, mas também enquanto veículo. É mais fácil você chegar na redação da, da Difusora Rádio Cajazeiras aqui em Cajazeiras do que na direção da TV, na redação da TV Paraíba, que é em Campina Grande né, ou seja, então a televisão ela não tem ainda essa, essa massificação, mesmo ela sendo, estando presente, mais a interação né, com a população ela ainda é mais, mais difícil do que o rádio. O rádio né, ele está mais presente na vida das pessoas, e as pessoas inclusive conhecem né, o locutor né, manda produtos, manda uma galinha, mando um saco de milho verde, ou seja, essas questões eles estão mais próximas, então o rádio ele ainda tem, ele ainda tem essa característica de ser né, um veículo que está próximo das populações.

F.F. – A senhora acredita se ele não tivesse se popularizado, ele ainda hoje estaria, ele teria a mesma força que ele tem hoje em dia?

M.N. – É meio difícil né, fazer esse exercício de né, de futurologia, assim o que teria acontecido. É, é, é, eu acho que o rádio ele foi e, não só o rádio mais, ele foi caminhando no próprio ritmo, no próprio processo né, de, de mudanças e de transformações que a própria sociedade vai vivendo né, e aí vai se adequando, e vai se né, se amoldando a essas novas, novas realidades né. Hoje, por exemplo, os rádios né, já está, é tudo informatizado né, é tudo é, ou seja, os locutores já lá né, estão com o né, os seus notebooks em cima da mesa conectados com a internet, aí hoje, hoje o, o ouvinte não mais liga só para rádio, mais já manda a mensagem no face, no seu o que e na hora lá, o cara já está né, interagindo com ele, ou seja, o rádio também ele vai se, ele vai se incorporando, ele vai incorporando e ele vai ressignificando essas novas tecnologias,

então não sei se ele não tivesse feito isso o que teria acontecido né, é meio complicado a gente fazer um exercício de projeção nesse sentido.

F.F. – Certo. É, o rádio ele é um meio de comunicação marcante aqui dentro de Cajazeiras. É, qual o grau de importância que a população cajazeirense estabelece para o mesmo?

M.N. – Olha, eu acho que a população ainda tem uma, uma é, ainda atribui uma importância muito grande ao rádio né, sobretudo se considerarmos toda uma trajetória né, a, a, as, as emissoras de rádio, sobretudo as duas primeiras né, a Difusora Rádio de Cajazeiras e a Rádio Alto Piranhas, eles surgem na década de sessenta, no século passado, e é elas vão, elas vão ter uma, uma, uma relevância, elas vão ter uma importância marcante e, porque a população termina é, tendo essas, essas emissoras de rádio como referência e mais, por ter sido umas das primeiras nessa região, inclusive umas das primeiras do interior né, do Nordeste, em cidades do porte de Cajazeiras, elas construíram todo um referencial que ainda hoje as credencia como sendo importantes espaços de divulgação, de produção de notícias, de, de entretenimento, de interação com a comunidade, então tem essa importância por conta inclusive de toda essa trajetória histórica, o que não aconteceu, por exemplo, em outras cidades como Sousa né, que as rádios só apareceram alguns anos depois né, nos anos oitenta já, e não existe, não tem essa interação né, como existe com relação as rádios de Cajazeiras.

F.F. – Certo. É, já com relação com o que a senhora falou com o surgimento da televisão, o surgimento da internet, é pensando aqui dentro da cidade de Cajazeiras, a senhora acha que o rádio perdeu espaço dentro da cidade com o surgimento da televisão e da internet?

M.N. – Claro, claro que teve, teve né, uma, uma quebra, agora tem uma, uma, uma, é claro que, por exemplo, hoje o rádio não concorre com a novela das oito, da Globo, não dá, mais ainda em alguns horários, as, as rádios ainda tem uma, uma relevância, uma importância significativa na cidade, sobretudo quando, por exemplo, durante a manhã, a tarde né, em que é existem programas que né, interagem, programas noticiosos, de entretenimento que tem um processo de interação grande e mesmo a noite, as vezes né, tem alguns programas de rádio, como eu fiz rádio, eu gosto de rádio, as vezes eu ainda escuto assim muito, por exemplo, eu me surpreendo com a quantidade de pessoas que ainda ligam a noite para as rádios pedindo músicas, dizendo que está ouvindo né, ou seja, ela ainda mantém, ainda tem esse certo né, essa certa identidade. Eu não sei como, até porque essas tecnologias né, mais recentes de, por exemplo, de face, de internet, de não sei mais o que, elas ainda são muito, muito recentes né, para gente ter uma dimensão do que, de que implicações isso vai ter, além mesmo com relação a televisão, mais eu acredito que o próprio rádio ele tem essa capacidade de, de ressignificar, de se reelaborar, até mesmo nesses novos cenários.

F.F. – É, a senhora acha que os movimentos políticos que acontecem aqui dentro da cidade, políticos e econômicos, eles são importantes para o funcionamento do rádio? E eles alteram ou modificam esse funcionamento?

M.N. – É, tem, tem uma questão que é, mesmo quando eu trabalhava em emissoras de rádio, depois como, como estudiosa e como né, pesquisadora dessa questão, por exemplo, o que a gente vê muito é, a questão da, de cada vez mais a transformação, e aí tem um aspecto que é, tem que ser colocado, é a questão da propriedade dos meios de comunicação. Mesmo sendo concessões públicas né, é uma concessão do Estado, então que me dá aquela concessão e que renova depois de algum tempo e pode ser tirado, mais termina as emissoras de rádio sendo convertidas em propriedades né, e aí normalmente tem os interesses políticos, as questões que terminam muito é, determinando e interferindo na forma como as emissoras de rádio, elas se posicionam diante das questões políticas. Eu lembro quando trabalhava em emissoras de rádio nos anos oitenta, nós tivemos aqui em Cajazeiras, um período, no Nordeste, um período de estiagens né, três, quatro anos de estiagens consecutivas né, e naquele momento era muito comum os saques né, as invasões da cidade por flagelados, sobretudo vindo da zona rural, e nós tivemos um dia que, uma noite em que teve uma grande né, uma grande agitação na cidade, com grande número de pessoas que vieram do sítio, da zona rural, e que saquearam né, armazéns de depósitos de alimento do governo, é, é, lojas, armazéns de, de propriedade privada, e teve todo um processo, e a polícia interditou ruas, isolou ruas e ninguém passava, carros, ninguém passava e no outro dia, por exemplo, as emissoras de rádio praticamente não divulgaram isso né, porque elas tinham muito, eram muito de interesses de governos né, defendiam muito interesses do Governo do Estado e né, receberam orientação de que não deveriam divulgar os fatos. Ou seja, então tinham toda, essas, essas questões, por exemplo, na, na, nas épocas de campanha eleitoral a gente ver muito como essa questão não é política, como as questões partidárias eles se refletem, elas terminam é influenciando e em muitos momentos determinando a própria programação, a própria forma né, servidores são demitidos, jornalistas são demitidos, porque de repente manifestam uma opção por um candidato X ou Y que não é o da direção, ou seja, essas questões elas estão presentes, e também a questão mesmo dos movimentos, da, da, até mesmo dos né, das, das mobilizações sociais né, em muitos momentos eventos sociais, mobilizações sociais não são divulgados pelas emissoras de rádio, ou as pessoas não são é, não tem a mesma, o mesmo nível de acesso ao rádio para divulgar as coisas, para, para noticiar né, e para terem acesso, essas coisas. Então essas questões elas são muito imbricadas né, elas são muito reflexo de todo esse processo, mesmo sendo uma concessão pública, uma concessão do Estado, as emissoras de rádio termina se convertendo em propriedades de pessoas não é, e aí elas terminam refletindo seus interesses não é, políticos, partidários e tudo mais.

F.F. – Ok. É, nós sabemos que muitas das notícias e informações que são transmitidas no rádio, elas são fornecidas pela população. A população liga, faz uma denúncia ou então pede alguma informação. A senhora acredita que esse papel atribuído pela

população, ele realmente é importante? E, as pessoas hoje em dia, elas contribuem com essas informações da mesma forma que antigamente?

M.N. – É, tem, tem, tem, tem um aspecto que é, a população liga, agora também tem algumas coisas que infelizmente, por exemplo, algum tempo enquanto eu trabalhava nas emissoras de rádio, a gente batia muito nisso né, questionava muito isso, até mesmo essa participação da população ela precisa ter alguns critérios. Porque você, a população de repente liga, mas você não sabe quem está do outro lado, eu posso dizer que é Mariana, é Josefa, é Francisca, é Antônia, eu posso criar um personagem para mim e posso de repente é, relatar uma coisa que na verdade não aconteceu, ou posso inventar é uma história ao seu respeito que não, ou seja, mesmo é, é, essa participação da população ela não é um sintoma de que na verdade existe uma, uma interação do rádio com a população né, em muitos momentos eu acho que teria, tem, eu sempre defendi que a gente teria que ter critérios né, para estar coisando, mais é interessante essa população, a participação da população, sobretudo quando você consegue é, construir um espaço de seriedade nas coisas, por exemplo, as pessoas denunciarem isso é muito legal, eu acho, o rádio ainda tem esse espaço que eu acho bastante interessante, as pessoas ligarem, olha o esgoto está estourado, já reclamaram na prefeitura e a prefeitura não fez nada né, a rua não tem pavimentação, o mato cresceu e está lá tomando, tem animais soltos, porcos, não sei o que, ou seja, isso eu acho que o rádio ele tem essa, essa função até mesmo porque como você denuncia no, no rádio né, a, a, o problema ganha uma outra dimensão e aí a torna né, faz com que os poderes constituintes eles né, se, se, se voltem com mais precisão para aquilo, não é só a pessoa que foi lá reclamar num, num balcão de uma prefeitura, não sei do que para um funcionário né, isso se publiciza, isso toma uma, uma, ganha uma divulgação maior. Então acho que o rádio ele é importante nesse aspecto.

F.F. – Aqui dentro da cidade a senhora acredita que a população ela utiliza o rádio para isso, para denunciar, já que de certa forma ela não é atendida se ela for diretamente à administração pública?

M.N. – Ela utiliza, o grande problema que a gente vê, sobretudo em algumas emissoras de rádio é em função dessa vinculação, desse atrelamento da emissora, a um, a um, a determinados interesses né, às vezes, por exemplo, as pessoas ligam para denunciar que está né, a rua está sem esgoto, mais aí como vai ferir a prefeitura, vai agredir quem está lá na prefeitura né, então não, não, não se publica, não se deixa divulgar né. Você liga, mais você quer denunciar o que? Não, é porque está faltando, a prefeitura não está coletando o lixo da minha rua. Não isso aí não pode. A prefeitura é nossa aliada, não sei o que. Ou seja, estas questões também estão presentes, mais o rádio ainda é um espaço interessante né, ainda, ele ainda acontece isso, ainda consegue mobilizar, as populações ainda conseguem fazer com que a né, muitas das, das demandas da população né, sejam atendidas com mais severidade, com mais é, urgência né, com mais uma brevidade de tempo menor, graças a, a interferência né, do rádio, graças à intermediação do rádio, o rádio intermediando ela, o problema se torna né, comum né, e divulgado e aí né, os

poderes constituídos, os poderes públicos normalmente eles agem mais rápido na solução, então ele ainda é um elemento de intermediação bem interessante.

F.F. – Ok. É, a senhora acredita que a história da cidade de Cajazeiras, ela pode ser contada através do que se ouviu e do que se ouve nos programas de rádio?

M.N. – Com algumas ressalvas né. Como, como são apenas, eu acho que são aspectos né, são versões né, mais não é a questão na sua, pelo menos na sua integridade, são aspectos e aí com todos esses filtros que a gente já colocou aqui né, o filtro que né, que passa desde o dono da rádio, aqui interesses ele está vinculado, que isso vai determinar inclusive a forma com a notícia vai ser divulgada né. Me lembro na, na, na, na minha época nas emissoras de rádio daqui, eu trabalhava e foi, era uma época de campanha, estava se aproximando a campanha eleitoral para o governo do estado né, e um dia chegou lá né, eu era editora da, da rádio e nisso o diretor chama lá para sala, quando eu entrei tinha um sujeito lá, um camarada que eu nunca nem tinha visto, e disse não esse camarada aqui ele é amigo nosso, e ele é amigo também do governador né, que estava saindo né, com bastante denúncias de, de corrupção, de não sei mais o que, aí ele disse é mais a rádio é nossa, na verdade não é do governador, mais nós somos amigos do governador e a gente né, não gostaria que essas notícias que estão saindo aí fossem divulgadas né, então né, vamos manear, vamos. Tudo bem, então o senhor faça o seguinte, o senhor faça o índice aí de pessoas que a gente pode falar de bem, de pessoas que a gente pode falar só de mal, e de pessoas que a gente não pode falar nem de bem nem de mal que facilita nossa vida. Ele disse não a questão não é essa não é, ou seja, as, então para pensarmos isso né, se, se a rádio contribui para a história né, a partir do que ela divulga a gente tem que também ter essa, essa, essa prévia né, essa preliminar desses filtros, de todas essas questões que né, estão ali coando, estão né, selecionando as notícias, do que pode e o que não pode ser divulgado, quem pode e quem não pode falar e por que não é, e, por exemplo, até mesmo o espaço que eu dou, de repente eu deixo, eu, eu te concedo uma hora para você né, e para outra pessoa eu te concedo dez minutos né, dependendo da, da, da importância, ou seja, tudo isso né, tem que estar presente quando você vai fazer essa problematização das rádios como um espaço de, que também não é, é, é importante nesse processo de produção de uma história da cidade, nem sempre isso pode ser colocado, nem considerado na sua integralidade, por mais que a rádio seja esse elemento de intermediação dos problemas da população, de tudo, mais ela tem uns filtros, ela tem né, os sistemas de, de, não é, de seleção de né, os critérios aí nem sempre são explícitos né, muitas vezes são sutis e estão meio escondidos, escamoteados, que selecionam, que diz o que deve e o que não deve sair, tanto quem fala e quem não fala e quanto fala, o tempo que fala, então tudo isso não vai aparecer.

F.F. – Quais são os programas de rádio que a senhora costuma, gosta de escutar?

M.N. – Bom aí, por uma questão até de tempo, hoje eu não escuto muito rádio não, mas, por exemplo, tem um companheiro que eu ainda considero um, um bom, uma boa, um bom né, uma pessoa que ainda é uma pessoa bastante inteligente enquanto jornalista que

é Marcos Rodrigues, hoje ele está na Rádio Arapuã né, então escuto sempre né, ele tem sempre uma, uma análise né, bastante interessante das coisas, ele tem uma, ele procura ler as coisas, ele procura informações, ele né, e gosto também muito do Geraldo Nascimento, dos programas dele, eu acho muito legais né, até mesmo programas de entretenimento né, não apenas programas jornalísticos, então mais eu escuto muito pouco, eu gosto de fazer rádio, eu ainda quero aí mais na frente quando né, completar meu tempo de universidade, eu quero voltar para fazer rádio né, eu gosto de, de rádio né, mais na verdade eu tenho muitas restrições né, aos programas de rádio, que o pessoal lê pouco né, não, não procura muito é, investigar as coisas né, ouvir todas, os lados, todas as né, as, as implicações que os fatos trazem, até mesmo né, na língua né, a galera de repente fala um bocado de besteiras [risos].

F.F. – Certo. É, o que a senhora tenha escutado no rádio alguma notícia que ficou marcada, que a senhora lembraria agora aqui?

M.N. – Olhe.

F.F. – Mais atual, que a senhora contou agora a história do saqueamento e tudo, uma história mais recente que a senhora tenha ouvido, que marcou.

M.N. – Há, mais recente assim não sei, não num lembro assim, na história que eu lembro assim do rádio foi a explosão da bomba né, mais aí foi na minha adolescência né, que me marcou né. A gente a noite ouvindo rádio né, fazendo a comida e de repente não só a notícia que a rádio transmite, mais porque a bomba estourou no cinema que era vizinho da rádio né, então o barulho foi captado pelo microfone na hora do programa né, mais assim recentemente assim, uma notícia de rádio não lembro assim não, que até porque como eu escuto pouco rádio, por uma questão de tempo né, não é nem de não gostar, é pela uma questão de tempo, então não tenho assim uma notícia que foi marcante para mim não.

F.F. – É, a senhora conseguiria imaginar a cidade de Cajazeiras sem as emissoras de rádio?

M.N. – Não, acho que elas, elas, a cidade não teria essa relevância que ela tem e mais, as emissoras de rádio de Cajazeiras por, por terem sido a primeira cidade do interior a ter emissoras de rádio, ela teve sempre né, uma tradição né, de ser emissoras de rádio com bons programas radiofônicos, jornalísticos né, não só programas jornalísticos mais também programas de entretenimento bastante interessantes, então isso foi muito né, marcou muito a própria vida da cidade né, movimentos de teatro, movimentos, por exemplo, festivais de canção que nós tivemos aqui inclusive com a participação de Elba Ramalho né, que veio participar do Festival da Canção, ou seja, e que as rádios tinham toda uma cobertura, então a rádio teve toda uma importância né, e ainda tem na vida da cidade né, incluindo as pessoas é, faz vinte anos que eu saí de rádio assim, de trabalhar diariamente e ainda hoje, as vezes eu falo assim em algum lugar e as pessoas escutam minha voz sem me conhecer, a você é Mariana Moreira né, ou seja, tem essas, essa, essa

referência né, a rádio tem, ela produz né, essa identidade, então eu acho que não sei como seria a cidade de Cajazeiras se não tivessem né, a Alto Piranhas, a Difusora, a Rádio Patamutê e as outras que foram surgindo posteriormente né, eu acho que elas foram, tiveram uma importância né, talvez a cidade tivesse uma outra dimensão, qual eu não sei, só sei que com a existência das emissoras de rádio, elas tiveram né, um papel decisivo na própria né, construção da cidade nos últimos cinquenta anos.

F.F. – É, para concluir, a partir da vivência da senhora dentro do funcionamento do rádio, enquanto ouvinte e colaboradora, é como a senhora me contaria a história da cidade de Cajazeiras? A partir de que perspectiva?

M.N. – Olha eu acho que uma perspectiva que passa a, a ver a cidade como né, uma cidade que, que eu sempre brinco, uma cidade enxada né, uma cidade que, eu acho que as emissoras de rádio elas refletem um pouco isso, uma cidade que tem uma, uma certa abertura de mentalidade né, mesmo sendo uma cidade do interior, ela tem uma certa né, abertura, uma certa flexibilidade para acolher o novo, o estrangeiro, o que chega né, o peregrino, o que está chegando de fora na cidade, e eu acho que isso inclusive se, se configura numa própria né, marca não só das emissoras de rádio, mas também, por exemplo, dos espaços de, de educação né, escolas, universidades que começam a funcionar aqui a partir dos anos sessenta, e que vão trazendo para cá, por exemplo, professores né, de outros estados, de outras cidades, de outras regiões do país, e que nessa interação né, vai fazendo com que a cidade ela tenha um pouco essa configuração de ser uma cidade mais, mais aberta, mais acolhedora e mais né, flexível né, para essas convivências né, de ideais de, de, de interações né, de, de posições de posturas políticas né, bem mais diferente do que outras cidades que a gente vê né, que acompanha o mesmo porte de Cajazeiras e ainda são mais é, conservadoras, mais né, fechada, mais né, presas, encasteladas em determinadas posições.

F.F. – Pronto. Quero agradecer à senhora. Dizer que será de grande importância para o meu trabalho.

M.N. – Ok. Obrigada.

Entrevista: 30/06/2014

Cajazeiras, 30 de junho de 2014, entrevista com Paulo Feitosa de Sousa, é a cargo da pesquisadora Francisca Edna Claudia Ferreira, para o trabalho de monografia O Rádio como instrumento de memória em Cajazeiras.

F.F. – É, de, para começar Paulo, para você qual a importância do rádio para a história da cidade de Cajazeiras?

P.S. – Parabéns a você Edna pela escolha do tema [riso], um tema palpitante. O rádio não somente para Cajazeiras, mas em todos os aspectos, o rádio ele é muito dinâmico. É um meio de comunicação de massa, que atende todos os segmentos da sociedade. Tanto faz o rico como o pobre, o preto ou o branco é, jovens e meninos, ou os de idosos. Enfim, todas as gerações amam o rádio, é o rádio de certa maneira. Cada programa tem também seu público. Um programa de música tem o seu público. Um programa de notícias tem seu público não é. E por aí vai. Um programa esportivo também tem o seu público, e assim vai, vai mexendo com toda sociedade civil organizada, por isso que o rádio é chamado o meio de comunicação de massa, porque atinge todas as camadas sociais. E em particular, Cajazeiras. Cajazeiras tem uma história muito forte no rádio. É o berço da comunicação na Paraíba. É daqui de Cajazeiras onde, onde nós temos a escola do rádio na Paraíba. Os grandes profissionais que atuam na Paraíba, não somente aqui, mas no Rio de Janeiro, nós temos também nomes de Cajazeiras em São Paulo e, sobretudo em Brasília, saíram daqui de Cajazeiras, do rádio cajazeirense, porque é uma escola do rádio efetivamente falando, desde mil novecentos e trinta e oito, quando do SAF, o Sistema de Alto Falante, Cajazeiras já estava com sua, com sua voz digamos assim nas ruas e a Difusora começou a funcionar mais ou menos assim. E foi em mil novecentos e sessenta quatro que do SAF, do Sistema de Alto Falante, que era nas ruas de Cajazeiras, ali na, na esquina da Praça João Pessoa, onde funcionava o SAF, Sistema de Alto Falante da Difusora, e em mil novecentos e sessenta e quatro ela começou a, a funcionar para valer como uma emissora de rádio. O cidadão recebia no rádio né, o receptor, a, *a voz da Pioneira*, é por isso que é chamada *a Pioneira*, porque foi a primeira de Cajazeiras. E o rádio desde aquela época encantou gerações. Ora, quem estava na roça trabalhando, só ia para roça com o rádio né. Quem estava na cidade, em qualquer função, também o rádio estava ali. A dona de casa trabalhando na cozinha, mas o rádio ligado. E, isso de geração para geração, o rádio ainda hoje, continua da mesma forma. Para onde você vai até mesmo dentro do carro, né, dentro do carro, o rádio está ali, fazendo companhia a você. É por isso que a gente entende que o rádio ele é muito importante para, não somente servir de companhia, mas para ajudar em tudo dentro de uma sociedade. Aqui na Difusora eu apresento o, o programa jornalístico, a segunda parte do Boca Quente, programa de maior audiência aqui em Cajazeiras, com quase oitenta por cento de audiência em uma cidade com seis emissoras de rádio. Para você ter uma ideia, o pessoal que tem um problema, qualquer cidadão que tem um problema, que seja um problema que poderia ser resolvido em âmbito da justiça, ele recorre *primeiro* ao rádio. Ele não procura o juiz, o ministério público, nem o diretor de

uma repartição pública para resolver o problema, ele recorre primeiro ao rádio porque ele *acredita* que o rádio é a maneira mais fácil de resolver um problema. E assim tem sido, não é a toa que a gente usa um bordão aqui na, na rádio o, o sobretudo no Boca Quente, o programa não resolve o seu problema, mas encaminha a solução, porque é daqui, daqui quando a gente recebe a denúncia, é daqui que ela *sai* para o Ministério Público, sai para o gabinete de um juiz, o gabinete de um prefeito, o gabinete de um vereador, o gabinete de um deputado, de um senador, de um governador, ou, ou, ou de um gabinete de quem quer que seja. Mas enfim, o problema ele é geralmente solucionado. Eu não diria cem por cento, mas quase cem por cento dos problemas que chegam aqui são resolvidos porque o povo confia, confia na força do rádio. E é por isso também que muitos batizam a imprensa como o quarto poder. Entendeu Edna?

F.F. – Certo. É, a partir de que momento o rádio entrou na sua vida?

P.S. – O rádio, parece que eu já nasci com [risos], já nasci ouvindo rádio. Meu pai, meu pai ele é evangélico, é pastor evangélico, e quando eu tinha sete anos de idade, em mil novecentos e oitenta e dois, ele já trabalhava no rádio com um programa evangélico. Começou na rádio Alto Piranhas, que era aqui próximo a, a Igreja Catedral, e da igreja, aliás, da, da Alto Piranhas ele passou para Difusora. E eu sempre fazia questão de acompanhá-lo no rádio, e achava aquilo muito, muito especial, muito bacana, e quando eu não vinha, não vinha, veja bem, com sete, oito, nove até dez anos de idade, quando eu não, não acompanhava meu pai nesses programas eu gravava em casa, já com essa idade, com a mentalidade de gente adulta. Já gravava pequenininho, ele tinha um gravador, ainda lembro até o nome da marca National, e ali eu gravava os programas é, com a voz de meu pai, porque eu achava muito dinâmico. E eu não queria saber de televisão, a não ser quando era hora de jogo, eu vivia é, com o rádio sempre perto de mim.

F.F. – Fazia parte do dia a dia.

P.S. – É fazia parte do meu dia a dia, e por isso que eu fui gostando do rádio. Quando a gente cresceu é, eu dei continuidade a esse programa que ele apresentava, aqui na Difusora, programa chamado A Bíblia Fala. E daí surgiu o interesse da equipe, da direção de jornalismo da Difusora, de me contratar porque eles entenderam que a, a minha dicção naquela época, no passado a *voz* era fundamental para o rádio. Hoje em dia não é mais, hoje em dia é o conhecimento, porque o mundo mudou. Hoje em dia nós temos facilidade de cursos diversos não é. Aqui em Cajazeiras nós temos quase quarenta cursos, só não se forma quem não quer. Então o rádio ele hoje está cada vez mais forte, mais dinâmico, avançou a tecnologia, mais os profissionais eles, eles também tem, tem uma cobrança. Eles merecem ter hoje um certo norral, um certo grau de conhecimento para poder não poder cometer gafes, porque o cidadão que está lá do outro lado ele quer ouvir o rádio de qualidade. Mas ainda tem aquele rádio de pé de serra, não é, com aquele, com aquela, com aquela, com aquela fala, com aquela voz, com aquele sotaque que é natural daqui. E ainda temos aqui na Difusora, por exemplo, *Tatico*, que faz um

programa da cultura do povo, não é, do jeito que o povo se pronuncia, do jeito que o homem do campo fala, é assim que ele brinca, é assim que ele empolga o cidadão com aquelas brincadeiras. Mas quando é jornalismo, ou outros programas mais sérios, aí a, a coisa muda. O timbre de voz já não é mais, já não é mais o fator principal, ele, ele, ele deve ser importante, mas o grau de conhecimento ele deve estar acompanhado também para poder a qualidade ser melhor. Isso em todos os aspectos, não é somente aqui, mas já é uma regra geral. Então, eu fui chamado e dei continuidade ao programa Boca Quente, que era apresentado por Gutemberg Cardoso, que hoje está em João Pessoa, e graças a Deus estamos aqui a dez anos com o trabalho aprovado, já recebi vários troféus, vários prêmios, e a sociedade sempre aprovando nosso trabalho e repito aquilo que lhe disse anteriormente, nós temos hoje quase oitenta por cento de audiência. E quando, quando, quando uma notícia não sai aqui no nosso programa para você ter uma ideia, e sai numa outra rádio, as pessoas ligam para o nosso programa perguntando se aquela notícia que saiu na outra rádio é verdade.

F.F. – É verdadeira.

P.S. – [riso] Veja o grau de conhecimento, a confiança que o povo tem na rádio que ainda hoje é chamada de a Pioneira. Então o rádio na minha vida, ele começou dessa maneira, e hoje a gente faz com muita alegria, porque você, tudo que você for fazer, deve fazer com amor. E eu faço com muito amor. O rádio ele requer, ele requer muita paixão, o rádio ele, ele, você deve ter muita dedicação pelo rádio. Não é fácil, pode até parecer que ser um radialista ou fazer imprensa, fazer um programa é fácil, mas não é. O nível de responsabilidade é maior. É tanto que se a gente titubear aqui, escorregar na linguagem mais direta, é você é, você poderá responder processos e mais processos no âmbito da justiça. Então, você deve ter acima de tudo, responsabilidade, falar aquilo que deve ser falado, usando a matemática da notícia, dando a notícia correta, os três Q, mais P, mais O, mais C. O que, quem, como, onde e por que. Aliás, o C pelo P, é essa a matemática da notícia. Três Q, mais P, mais O, onde, como foi, você deve fazer esse tipo de pergunta, o que, quem, quando, por que, onde, insistir sempre nisso até descobrir o fato verdadeiro e depois que você fizer essa, essa pesquisa da notícia, você vai levar a notícia correta para o povo, para não cometer gafe. Porque coisa, coisa ridícula é você abrir um programa dando uma notícia não é, que não é verdadeira e às vezes, e às vezes o cidadão liga, e lhe taxa de mentiroso, de, de, de, de, de um radialista, de um jornalista fraudulento, de um jornalista falso, fraco, e aí você termina perdendo ibope, perdendo credibilidade. Certo?

F.F. – Certo. É, o rádio quando ele surgiu ele era um meio de comunicação que era voltado para elite. Aí, com o passar do tempo ele se popularizou e ele se tornou um veículo de massa. Para você, essa mudança, ela foi ou é a garantia da existência do rádio até hoje?

P.S. – É, porque a, a, o rádio, ele começou com essa visão, mas ele foi, foi mudando não é, foi mudando. Porque quem gostava mais de rádio mesmo era o povão. Ora, meus,

meus pais, meus, meus, meu pai, meu, meu tio e até mesmo a minha mãe, trabalhavam na roça antigamente, na década de sessenta, na região de Itaporanga, e eles se alegravam quando ouviam o rádio, trabalhando lá na roça e ouvindo o rádio. É, outros que moravam aqui em Cajazeiras, por exemplo, eu tenho um outro tio que vendia confecções e só, só trabalhava com o rádio lá, ligado lá na Difusora na década de setenta, para você ter uma ideia. Então o rádio ele foi atingindo esse povo, o povo mais, mais, mais simples não é, é tanto que tem tantas histórias aqui em Cajazeiras que se você for contar o tempo vai ser, vai ser pouco, vai ser pouco. Histórias bonitas de gente, gente pequena, que venceu com a força do rádio. O rádio incentivou muitas pessoas, não somente aqui mesmo a trabalhar no rádio, mas a trabalhar em outras funções, porque o rádio ele, ele leva mensagens *bonitas*, e às vezes você está sozinho em casa e o rádio está levando aquela mensagem positiva não é, e você se anima, de repente nasce uma nova pessoa depois que escuta o rádio. Então hoje, diziam antigamente que a televisão superaria o rádio em todo tempo, e esse mito ele, ele nunca, nunca prevaleceu porque na verdade, o, a ABERT, a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão, comprova hoje através de pesquisa, que noventa e cinco por cento dos lares brasileiros, tem um rádio nem, tem um rádio é, de pilha, um rádio de pilha. Noventa e cinco por cento dos lares brasileiros possuem um rádio de pilha, para você ter uma ideia. Então, se, se tem um rádio de pilha ali, noventa e cinco por cento dos lares brasileiros, é porque o rádio continua ainda mais forte do que a televisão, é claro que a televisão ela é forte, mas ela tem os horários em que ela atinge um público maior. Por exemplo, um horário de jogo, agora na época da copa, o jogo da seleção brasileira [riso] é claro que o rádio ele nem existe nessa hora. Horário de uma novela à noite, aí o rádio tem força, aliás, a televisão tem força, digo melhor. Mas durante o dia a televisão não é forte quanto o rádio. Aqui em Cajazeiras para você ter uma ideia, em toda essa região, e mais ou menos, dezoito a vinte municípios o rádio ele é forte, desde cinco, cinco horas da manhã até cinco horas da tarde.

F.F. – Então pensando que na cidade o surgimento da televisão e da internet, o rádio não perdeu espaço dentro da cidade?

P.S. – Não perdeu espaço. Ele não perdeu espaço. Ele continua forte, e, e a prova está aí nas pesquisas que são feitas. Aqui em Cajazeiras a própria justiça já fez pesquisas mostrando a força do rádio, e aqui repito, a Difusora tem oitenta por cento de audiência. Agora vou lhe dizer o que disse agora a pouco, repetindo, o rádio ele perde força em horários nobres, horário de novela, é claro à noite o rádio ele, ele não tem muita força como tem de dia. E durante o dia, até mesmo pela lei de imprensa, é, é, pela ANATEL, tem uma regra também para o rádio funcionar. A Difusora tem vinte e cinco mil Whats de potência, vinte e cinco quilos na antena. Você só pode colocar essa potência durante o dia, a noite reduz, reduz para dois e meio por cento para você ter uma ideia. Porque não pode colocar todo aquele, aquele potencial à noite, porque ela vai atingir, vai atingir é, outras emissoras de rádio e poderá, tem, tem também outras histórias que pode prejudicar comunicação aérea, e outros detalhes a mais, é por isso que há um controle da ANATEL para que o rádio na sua força maior, ele só funcione efetivamente durante

o dia, a noite ele reduz a potência. E aí como ele reduz a potência claro que ele também reduz o seu campo de audiência, entendeu?

F.F. – Certo. E, então com relação a essa mudança do, do rádio da elite para massa, se não tivesse acontecido essa mudança, de público, de, as pessoas que escutam o rádio, você acha que hoje em dia, ele teria a mesma força, ele estaria entre os meios de comunicação da mesma forma que ele existe hoje em dia?

P.S. – Se não tivesse a internet?

F.F. – Se não tivesse acontecido essa mudança...

P.S. – Essa mudança?

F.F. – Essa mudança do elitismo não é, para, para um veículo de massa, ele ainda hoje estaria com a mesma força?

P.S. – Eu acredito que sim porque, por exemplo, a internet hoje ajuda o próprio rádio. O rádio hoje ele ganhou muito mais força com a internet não é, é através, através dessa, dessa mudança radical que houve. Eu acho que andam juntos não é, andam juntos. Tanto a, a, a, a elite como a classe média, a classe baixa, eu acho que o nível hoje está no mesmo patamar, no mesmo patamar. Aqui na nossa emissora os pobres recorrem ao nosso programa para campanhas e etc. e tal, e os ricos também usam nosso espaço para divulgar as empresas, para você ter uma ideia, as empresas são divulgadas mais aqui do que na televisão. A televisão aqui na Paraíba tem um, um, uma tabela muito parecida com a do rádio, muito parecida. E o rádio ainda é maior força do comércio de Cajazeiras e da região. Por que que eles não recorrem a televisão? E recorrem ao rádio? Porque o rádio ele é mais direito, ele está mais presente nas, nas, nas casas e nos lares. É por isso que eu lhe digo sem medo de errar que o rádio ele continua forte e não perdeu jamais a sua força.

F.F. – Certo. É, você acha que os movimentos políticos e econômicos aqui da cidade, eles são importantes para o funcionamento do rádio? E dentro da cidade de Cajazeiras, os movimentos políticos que acontecem eles alteram, eles modificam o funcionamento do rádio?

P.S. – É, eu diria a você o seguinte, que o rádio ele, ele precisa de tudo e de todos. O rádio ele é uma empresa. É preciso também entender o seguinte, ele precisa faturar. E o faturamento é que mantém a empresa, ou seja, os locutores são pagos com esse faturamento, os produtores, os diretores, enfim, e toda manutenção em si não é, toda manutenção em si precisa do faturamento. E o faturamento vem de parcerias, por exemplo, a parceria com o comércio. O comércio é o maior trem pagador das rádios, ou da televisão também. Você vê que, os programas, todos os programas da televisão tem intervalo comercial, porque aquele intervalo comercial é quem mantém aqueles programas. Semelhantemente acontece com o rádio. É o comercial que segura o rádio, e as outras parcerias. Quais são as outras parcerias? As prefeituras precisam divulgar os

trabalhos dos, dos prefeitos, o que que a prefeitura está realizando no dia-a-dia, o povo precisa saber não é. O que o político está fazendo, um governador? A rádio precisa divulgar, e o político também, um governador precisa de um espaço radiofônico para divulgar aquilo que está sendo feito para o povo tomar conhecimento, não somente do rádio, mas também da televisão, e aí isso, isso tem um preço, isso tem, isso tem um preço. Os políticos precisam do espaço sabendo eles que o rádio é uma empresa, então não se pode dar um espaço gratuito, porque aí seria um grande prejuízo para a empresa. Então esse feedback, eu trataria dessa maneira, esse feedback existe. A empresa com a classe política e com a classe empresarial, porque um ajuda o outro, um ajuda o outro, é uma mão lavando a outra. Agora quanto à interferência, a gente não pode negar que, a classe política ela muita das vezes abusa, ela passa dos limites, e aí o tráfico de influência é um grande pecado, é um grande pecado e isso tem atrapalhado muito o trabalho da imprensa não somente aqui, mas eu estou falando em todo o Brasil. Agora a pouco você viu o caso da paraibana Rachel Sheherazade por conta de um comentário, a elite quis não é, defenestrala do programa do, do SBT, e é pegando essa deixa que eu gostaria de dizer que isso também acontece com o rádio. Quando às vezes você não está agradando um, um certo grupo político, as vezes eles usam do poder que tem para caçar, caçar o registro daquele, daquele profissional ou muita das vezes *calar* a voz do profissional. E de que maneira? Puxando o tapete, pedindo a cabeça, geralmente ao dono da emissora. E isso a gente tem visto em todo Brasil, não estou falando especificamente de Cajazeiras, mas é o fato que é registrado em todo Brasil. E é por isso que a gente tem um, um, uma válvula de escape que é o nosso sindicato [riso], que ele nos protege em certos, certos momentos, não em todos, mas em certos momentos nosso sindicato ainda nos protege, ainda protege a nossa categoria. Mas a política é, tem político que usa desse, desse artifício não é, e usa e abusa do poder contra os profissionais de imprensa.

F.F. – Certo. É, sabemos que muitas das notícias e informações que são transmitidas no, no rádio elas são fornecidas pela população. Esse papel atribuído pela população, você considera realmente importante? Elas contribuem, a população ela contribui com essas informações, hoje em dia da mesma forma que antigamente? Há uma alteração? E, você acha que elas se, a população se preocupa em ouvir a notícia depois de pronta, quando está no rádio?

P.S. – Não tenho dúvida, não tenho dúvida. Essa, essa é a maior ponte que, que, eu falo do rádio, que o rádio tem. Hoje, o povão eu diria, vou usar esse termo, o povão é a parte mais interessada no rádio, a parte mais interessada no rádio. Quando a gente não, não está, não traz certa notícia que está na boca do povo aí, o pessoal liga, eu vou usar uma expressão muito, muito coloquial, muito popular, liga com força mesmo, cobrando e as vezes radicalizando, porque que a rádio não deu aquela notícia que o povo está comentando nas ruas. E é aí, aonde a gente vai tomar conhecimento de que a notícia está repercutindo e o rádio se interessa, vai atrás e dá repercussão aquela notícia. E quem foi, quem foi, quem foi que, que trouxe a notícia para o rádio? O povo, o povo. E essa ponte é importante, e às vezes também a classe política, a classe política é uma, é uma, é uma

classe que também usa muito desse aspecto da notícia. Por exemplo, uma Câmara Municipal, o radialista, o repórter que não assistir uma sessão, ele não vai tomar conhecimento efetivamente dos problemas da sua cidade. Porque se você vai assistir uma sessão, todos os vereadores vão falar, cada um de um problema de sua localidade. Quando terminar a sessão você está sabendo de todos os problemas da sua cidade, confere? Correto?

F.F. – Certo.

P.S. – Você vai assistir uma assembleia, uma sessão na Assembleia Legislativa, trinta e seis deputados na, na Paraíba. Cada deputado leva um problema da sua região e apresenta naturalmente um projeto de lei que vai atingir a coletividade. O repórter que está ali, ele já confeccionou a notícia, no dia seguinte já é notícia. O deputado fulano de tal defendeu a região de Cajazeiras porque necessita de mais projetos para combater, por exemplo, a, a, o abastecimento de água, para combater, aliás, a falta de água na nossa região. E como se combater a falta de água? Com, com mecanismos não é, voltados para o abastecimento de água humano e animal, humano e animal, eu estou dando um exemplo. A questão de cisternas também não é, construção de, de novas barragens, perfuração de poços de águas profundas, isso é uma notícia, é um exemplo que eu estou te dando. O repórter estava lá, ouviu o deputado da região seca, cobrando mais ações dos governantes para combater a falta de água. E aí no outro dia o repórter já está por dentro de tudo não é. Veja como são as coisas, e em Brasília, por exemplo, um correspondente de uma emissora como a nossa, ele está lá assistindo um deputado federal, anunciando um projeto de relevância que beneficia toda a Paraíba, todo o Nordeste, já é notícia. Um senador que está lá na tribuna, defendendo a transposição das águas do Rio São Francisco não é, já é notícia, já é notícia. Então o repórter ele precisa, precisa do povão e também da classe política, porque ambos são geradores de notícia. O rádio em si, ele precisa da sociedade porque é quem gera é, a notícia, a maior fonte de notícia.

F.F. – Ele tem que está ligado sempre não é [riso]. É, você acredita que a história da cidade de Cajazeiras ela pode ser contada através do que se ouviu e do que se ouve nos programas do rádio? Existe algum fato que você considera importante para a história da cidade que você enquanto radialista tenha comunicado no rádio? Ou então enquanto ouvinte?

P.S. – Você diz das conquistas da cidade? É isso?

F.F. – Se a história da cidade de Cajazeiras ela pode ser contada através do que a gente, do que a população escuta no rádio? Você acredita que existe, é uma forma de se contar a história da cidade?

P.S. – É, exatamente, é. A história do, a história da cidade ela não é conhecida eu lhe diria, ela não é conhecida muito pelas escolas e nem pelas universidades. Porque o, o *rádio* ele faz todo tempo uma divulgação da história da cidade. É claro que, a, a

universidade vai explorar a exaustão por menores, a escola vai tocar não é, por alto em alguns detalhes, mais o rádio não. O rádio ele, ele fala profundamente da história da cidade em todo tempo. E o caso nosso, Cajazeiras, vinte e dois de agosto, aqui nós, nós sempre, sempre entrevistamos historiadores para explicar em todo tempo, em todos os anos. Quando chega o mês de julho, por exemplo, estamos entrando agora entrando no mês de julho, o dia da cidade de Cajazeiras é dia dez de julho, e nós explicamos isso. A população, não, não é de hoje, eu faço isso a mais de dez anos que eu explico isso, trazendo sempre aqui historiadores como o professor José Antônio de Albuquerque, Chagas Amaro que é um outro grande professor, e por aí vai, Doutor Adalberto Nogueira e outras figuras da nossa sociedade que tem um, um, um, um cabedal de conhecimento muito vasto sobre a, a história de Cajazeiras. Padre Gervázio também é outro que sempre vem aqui, professores de outras localidades, os próprios políticos também falam e a Igreja, a igreja também tem se pronunciado sobre a história da cidade, tem proclamado é, as conquistas da nossa terra e o rádio é o meio mais, mais fácil de levar para toda a sociedade, para toda a coletividade como Cajazeiras começou a existir, porque nem todo mundo tem acesso ao banco de universidade. Correto?

F.F. – É verdade.

P.S. – Mais o rádio ele mostra para você isso. E por que Cajazeiras não comemora o dia da cidade em dez de julho? Aí a gente vai explicar. Porque no dia vinte e dois de agosto comemora-se o nascimento do Padre Inácio de Sousa Rolim, aquela coisa toda e Cajazeiras foi elevada a categoria de cidade no dia dez de julho, mais transferiram para o dia vinte e dois por isso, por aquilo e etc. e tal. E aí tem outras datas importantes para Cajazeiras, que a gente explica ao longo, ao longo dos doze meses do ano não é, ao longo dos doze meses do ano, trazendo figuras, figuras altamente identificadas com a nossa história. É por isso que eu lhe digo, o banco de uma universidade ele pode não passar para todo mundo a história, mas o rádio passa. Com muita, com muita facilidade não é.

F.F. – Certo. É um meio de comunicação fácil de absorver a notícia que todo mundo escuta.

P.S. – De absolver. Exatamente. Hoje se você perguntar qualquer pessoa qual é o dia da cidade verdadeiramente falando, eu ouvi no rádio que é no dia dez de julho, eu acho que todo mundo vai lhe dizer aqui em Cajazeiras, por quê? Porque ouviu no rádio, porque nem todo mundo, nem todo mundo teve a oportunidade não é, de, de, de ter uma formação é suficiente.

F.F. – Exatamente. É, voltando para o, para o Programa Boca Quente é, agora do mês de fevereiro eu gravei um mês do programa de vocês, para utilizar no meu trabalho. É, do mês de fevereiro você tem alguma lembrança de uma notícia que você considere marcante, que você enquanto radialista tenha transmitido no teu programa, ou se não no mês de fevereiro, alguma notícia que, que te marcou, que você transmitiu no seu programa.

P.S. – No mês de fevereiro?

F.F. – Se não no mês de fevereiro agora, no, alguma notícia que lhe marque.

P.S. – É, no mês de fevereiro eu ia brincar não é [risos], eu ia brincar com você porque no dia treze de fevereiro não houve Boca Quente, aliás, entre aspas, houve sim, mas porque foi no dia do meu aniversário e não deu tempo sair nenhuma notícia, foi só de parabéns no dia treze de fevereiro, mas a notícia, a notícia que chamava mais atenção no mês de fevereiro era a expectativa para o carnaval, o carnaval. Porque o carnaval iria começar no último dia de fevereiro entrando em março. E aí qual era a expectativa da população? Quais seriam as atrações para o carnaval. E aí a gente estava especulando que poderia vir banda A, banda B, e terminou a gente dando o furo de reportagem que a Banda É o Tchan seria uma grande atração do nosso carnaval e Biquini Cavado novamente, então essa foi a notícia de maior repercussão para nós no aspecto jornalístico de fevereiro, não é. O povo não estava querendo saber de, de, de, de chuva [risos], nem, nem de plantar não. A notícia mais preocupante era essa no dia-a-dia, carnaval 2014, quais são as atrações? Era uma pergunta frequente, por isso que eu, eu lhe digo sem medo de errar, foi essa a maior preocupação.

F.F. – É, você consegue imaginar a cidade de Cajazeiras sem as emissoras de rádio que ela tem?

P.S. – Seria uma cidade sem brilho. Seria uma cidade sem brilho. Cajazeiras aprendeu, aprendeu a amar o rádio. É tanto que Cajazeiras, quando, quando a Difusora nasceu era uma cidadezinha, era uma cidade muito pequena. Eu não sei talvez aqui precisar o número de habitantes, mas era, era uma cidade como uma cidade pequena aqui da nossa região não é. Doutor Quirino, que já foi prefeito na década de setenta ele se reporta a isso, Cajazeiras era uma cidade muito, muito pequena, era, eram poucos habitantes. Eu só não sei te precisar agora. Hoje nós temos quase setenta mil habitantes. Talvez naquela época nós não tivéssemos nem vinte e cinco mil habitantes, era uma cidadela entendeu? Então a, o rádio quando se instalou aqui em Cajazeiras, depois da Difusora veio a Alto Piranhas, e depois da Alto Piranhas veio a Patamuté FM, três emissoras de rádio, em curto prazo. E aí Cajazeiras começou a, a se desenvolver muito mais, porque o rádio cobrava dos políticos, a, a rádio insistia nas associações para investirem mais nos clubes de serviços, a exemplo do Rotary Clube de Cajazeiras, que tem uma parcela de contribuição muito grande com esta cidade, para você ter uma ideia, o abastecimento de água de Cajazeiras é uma conquista do Rotary, da década em que a Difusora nasceu. E a Difusora foi importante nessa época para cobrar o abastecimento de água de Cajazeiras, para cobrar saneamento básico, por exemplo, no governo Ivan Bichara, que era um governador de Cajazeiras, o rádio foi mais do que importante. E hoje, a obra que se tem em Cajazeiras de saneamento básico é do tempo de Ivan Bichara, da década de setenta, para você ter uma ideia. E o rádio foi o microfone, foi o porta voz do povo de Cajazeiras, e quando, quando uma cidade ela tem saneamento básico, ela tem uma, uma, uma imprensa firme, uma imprensa fortalecida, unida, como a classe política que tem

compromisso com o povo, de fato a cidade cresce, e o povo marcha para o progresso do desenvolvimento. Então, Cajazeiras sem o rádio, eu lhe diria que estaria ainda parada no tempo e na história, não seria essa Cajazeiras moderna e vocacionada para o rádio e para a educação como é hoje.

F.F. – Certo. É, a partir de sua vivência enquanto radialista, ouvinte e colaborador direto e indireto do rádio, como você me contaria a história da cidade de Cajazeiras? A partir de que perspectiva você contaria a cidade de Cajazeiras dentro da sua vivência pelo rádio?

P.S. – A história de Cajazeiras? Eu vou lhe contar uma história de quando eu comecei no rádio como profissional de imprensa, porque eu comecei no rádio é, em fevereiro de mil novecentos e noventa e três, mas eu era amador. Mais profissional mesmo do rádio foi a partir de mil novecentos e noventa e oito, quando eu trabalhava com o professor José Antônio de Albuquerque na rádio Alto Piranhas, e me ensinou muitas lições. E ao meu lado trabalhavam grandes expressões do rádio, Fernando Caldeira, o professor hoje na UNB Ribamar Rodrigues em Brasília, era meu companheiro, trabalhava ao meu lado no Rádio Vivo, e Josival Pereira que hoje é da TV Tambaú, em João Pessoa. Nomes expressivos. E qual foi a maior preocupação daquela época? Eu via, aliás, tem outro personagem, o professor José Anchieta César de Lima também e o multimídia Cristiano Moura, era essa a nossa equipe. E a preocupação dessa turma, eu era foca. Foca para quem não sabe é uma linguagem que se usa no rádio para quem está começando no jornalismo, é chamado de foca, está se arrastando [risos], é chamado de foca. Então era, eu era o foca, mas eles não, já eram cabeças pensantes, já tinham um, um, um norral extraordinário, muita experiência, e eles decidiram convocar o conselho gestor de Cajazeiras, a Maçonaria, Rotary, Lions, Câmara Municipal, o prefeito da época, era o Doutor Eptácio Leite, de saudosa memória, Doutor Carlos Antônio que estava surgindo como um nome novo na política de Cajazeiras, e o, o Deputado José Aldemir participou disso, e a Universidade Federal de Cajazeiras, que estava passando por a mudança não é, de, de Campus V para é o, um novo campus da UFCG não é, UFCG, estava havendo aquela transição UFPB, é UFCG.

F.F. – A separação da UFCG.

P.S. – Foi exatamente nessa época que surgiu essa, essa discussão. É por isso que eu quero me reportar a essa nova fase de Cajazeiras devido a isso. Cajazeiras se reuniu, toda a sociedade, o SEBRAE também participou, me recordo disso, para poder olhar para o futuro e discutir qual era a verdadeira vocação de Cajazeiras. E fizeram aqui grandes plenárias pela força do rádio, para você ter uma ideia, isso nasceu através de um pensamento do professor José Antônio de Albuquerque e com outras cabeças pensantes, ganhou força, ganhou repercussão e a coisa aconteceu. Qual foi o ponto chave? Foi discutido a exaustão, que Cajazeiras era vocacionada para a educação, e que a gente não poderia apenas se conformar com esses cursos que existiam e que ainda existem na UFCG, Cajazeiras poderia ter aqui uma faculdade de Medicina, Cajazeiras poderia ter

um curso de Direito, por que não? Cajazeiras poderia ressuscitar a FAFIC, e foi aí que nasceu a FAFIC. A FAFIC nasceu nessa época, eu me lembro, a FAFIC nasceu exatamente nesse período, é, é, nasceu a FAFIC, discutiram o curso de, de Enfermagem, um novo curso não é, curso profissionalizante, não técnico, mais um curso profissionalizante, discutiram também o curso de Fisioterapia, o curso de medicina como eu já falei, é outros mais, de Direito não é, de Direito. E por aí você tem uma ideia, Cajazeiras hoje, Cajazeiras hoje tem nada mais, nada menos do que, daquela época para cá, a FAFIC que ressurgiu, Faculdade Santa Maria, que é uma referência para o Nordeste. Aqui nós temos alunos de todas as localidades do Nordeste, na Faculdade Santa Maria, a Faculdade São Francisco não é, além da UFCG que depois dessa mudança, dessa transformação ganhou muito com o professor Thompson Mariz. Cajazeiras hoje tem um curso, de, de, de Medicina. Os empresários de Cajazeiras criaram lá o laboratório, para você ter uma ideia, foi a classe empresarial de Cajazeiras que discuti isso. A vocação de Cajazeiras que era voltada para o campo da educação. E aí, o que é que aconteceu? A própria UFCG hoje está aí, transformada não é, com vários cursos, ampliada não é, a, a, a na época, a estrada do amor, a estrada do amor como a gente chama foi também discutida, poderia se abrir uma nova estrada para fortalecer a nossa UFPB/ UFCG, estava havendo a mudança, e eu acho que Cajazeiras mudou muito de lá para cá, de mil novecentos e noventa e oito, depois dessa discussão, Cajazeiras hoje é uma outra cidade depois que esses cursos foram implantados aqui. Você ter uma ideia não é, Edna está aqui hoje [riso], estudando História vindo, vinda lá do Ceará. Poderia estar em Juazeiro do Norte, mas está em Cajazeiras, é mais uma prova de que nós somos um polo de educação e é por isso que eu digo, que Cajazeiras cresceu a partir do momento que descobriram que Cajazeiras era uma cidade polo para a educação.

F.F- Certo. É, quero agradecer pela sua entrevista e dizer que vai ser de grande importância para o meu trabalho não é, só isso mesmo e obrigada.

P.S. – Ok Edna.

Entrevista: 17/07/2014

Cajazeiras, 17 de julho de 2014, entrevista com Rogério Pereira da Silva, a cargo da pesquisadora Francisca Edna Claudia Ferreira, para o trabalho de monografia O Rádio como instrumento de memória em Cajazeiras.

F.F. – É, para começar Rogério, eu gostaria de saber é, o rádio, qual a vivência que tem dentro da, da sua vida? Você costuma ouvir o rádio, se faz parte do seu dia-a-dia?

R.S. – Olha o rádio é um, um monumento em específico na vida de qualquer pessoa. Eu comecei a gostar do rádio logo cedo, acredito que aos dezesseis anos eu fiz parte de uma emissora de rádio, fiquei afastado um tempo, mas sempre gostei de escutar o rádio num é, a gente sabe da tecnologia que tem na televisão mais o rádio sempre é importante para cada cidade, porque abre espaço para a população, é fazer as críticas, levantar o que está de errado né, e aí eu acho que hoje mesmo com as tecnologias que tem em TVs, em computadores, acho que o rádio ainda é muito importante e é assim uma, uma maneira de se expressar, uma maneira mais fácil de chegar a notícia para cada pessoa que escuta o rádio. Eu mesmo sou fã do rádio, porque todos os dias, além de fazer rádio, escuto o dia todo a, a, as emissoras de rádio da nossa cidade.

F.F. – Certo. Então ligando a essa sua resposta da importância do rádio, você disse que é importante, qual a importância que você vê do rádio aqui para dentro da história da cidade de Cajazeiras?

R.S. – Para dentro da nossa cidade, veja só, é que nem eu te falei, ela ajuda a construir uma cidade, ajuda a construir, a evoluir a, a cidade, porque veja só, tem muitos problemas dentro de uma cidade que se não for uma emissora de rádio, se não for as emissoras de rádio que tem na nossa cidade, são coisas que ficam escondido da população, além mesmo do poder público, do poder administrativo da cidade, e aí através do rádio é que a gente tem esse crescimento, a gente busca notícias de outras regiões e aí eu acho, por isso que eu acho da importância da nossa, das emissoras de rádio na nossa devido isso aí, é porque abre espaço e traz notícias, e, e abre também caminho para resolver também alguns problemas que existe dentro da nossa cidade.

F.F. – Certo. É o rádio quando surgiu ele era um meio de comunicação que estava voltado para a elite, e com o tempo ele se popularizou e se tornou um veículo de massa, até por questão de, as pessoas não tinham dinheiro para comprar o aparelho e tudo. Essa mudança, para você ela foi ou é a garantia da existência do rádio atualmente?

R.S. – Olha, tudo no mundo se vem avançando né. A, a, a tecnologia. E eu acho que o rádio não ficou para trás, o rádio sempre vem inovando, o rádio vem buscando avançar a tecnologia que vem na, na, na, na, nas redes sociais e aí acho que aquela emissora de rádio, aquele profissional do rádio que ele não se adequou a isso, ele fica normalmente para trás. E aí para se acompanhar a tecnologia, eu acho que tem que se adequar na, na modernidade que vem avançando a cada dia.

F.F. – Certo. E se ele não tivesse se popularizado, ter se tornado tão popular como ele é hoje em dia, você acredita que ele ainda existiria? Se ele fosse um, um meio de comunicação voltado só para elite?

R.S. – Não, então isso que eu falei. Se não tem se adequado, não tem acompanhado a modernização, eu acho que teria parado. E aí acho assim, o rádio hoje é um, um, um, um meio de comunicação muito ouvido, mais ele tem perdido o seu espaço, né, perdeu o seu espaço com o avanço da televisão, da, da, do, das redes sociais, porque se você tem uma ideia a quinze anos atrás, nos interiores só chegava rádio né, e muitos interiores que nem energia tinha para chegar uma imagem da, da televisão e até mesmo das redes sociais, então o, o rádio tem perdido esse espaço. Mas tem procurado se adequar para que não perca completamente, e aí com tudo isso continua sendo muito importante na vida de cada cidadão.

F.F. – Certo. É, pensando no rádio desde quando ele surgiu até os dias atuais, e com o surgimento dos meios de comunicação que você já falou, televisão, a internet, o senhor acha que aqui dentro da cidade, quando surgiu esses outros meios, o rádio perdeu espaço?

R.S. – Né isso que eu falei, perdeu, perdeu um pouco de espaço porque que nem eu te falei, tem muitos setores que só chegava a rádio né, e tem muita evolução da coisa a, é tão assim, tão rápida, porque tem muitas comunicação, muitas notícias que chega através das redes sociais e das televisões é, que o rádio não consegue chegar de imediato né. É, eu vivo, em rádio a gente sabe, muitas notícias que sai no rádio, no dia-a-dia são copiados justamente das redes sociais né, do, do, das internet, do, do, dos sites de comunicações porque eles buscam a informação mais precisa, busca a informação, são mais preparados para isso né. O pessoal que trabalha nos sites tem um pessoal já específico, é isso aí. Então, o, o, o rádio ele tem, tem essa, tem, tem esse favor devido a, as, as televisões, aos canais de televisões, a, as redes sociais porque sempre é, eu que vivo no rádio no dia-a-dia a gente vê que a gente busca sempre muitas informações, tá certo que a gente também procura fazer uma coisa né, que não seja é de segunda, ou seja, que não seja buscada nas redes sociais, a gente busca inovar a cada dia, mas as redes sociais tem sido muito importante para que você adequado e qualifique cada vez mais a programação de uma emissora.

F.F. – Certo. É, você acha que os movimentos políticos que existem aqui dentro da cidade, econômicos, eles são importantes? E eles modificam o funcionamento do rádio?

R.S. – Tem modificado muito. A questão da política que não era para ser assim, a política, a, a, as emissoras de rádio deveria ser individuais, ela não deveria né, deixar a política influenciar né, e aí eu fiquei até um pouco afastado de rádio devido isso, porque hoje na nossa cidade, infelizmente não é, as emissoras de rádio não se pode falar mal de político nenhum, que seja municipal, que seja a nível de estado né. Porque infelizmente os donos de emissora deixaram se levar pela politicagem, deixaram influenciar a política dentro das emissoras de rádio, e hoje um profissional do rádio, ele não pode

demonstrar todos os erros que acontece na nossa cidade, nem tão pouco na Paraíba, porque é proibido pelo poder público, pela administração é do estado, pela administração da, da cidade. Então, acho que os donos de emissora de rádio deveria não é, é dar mais, dar mais espaço é, é, aos seus profissionais né, dar mais liberdade, porque hoje o profissional do rádio em Cajazeiras é, não pode mais falar o que deveria falar, né, a gente tem exemplo de alguns companheiros que perderam seus empregos devido esse tipo de coisa não é, ele vai tentar abordar um assunto que é, que é favorável a população, e aí recebe reclamação do, do, do, do dono da emissora, as vezes uns não aceitam e aí finda ficando desempregado. Então acho que, que a política não deveria influenciar tanto como vem influenciando nas emissoras de Cajazeiras.

F.F. – Certo. É, nós sabemos que muitas das notícias e informações que elas são transmitidas pelo rádio, elas são fornecidas pela população. A população ela liga, ela dá uma informação, ela reclama, ela faz um apelo. Você acredita que esse papel atribuído pela população, ele seja importante para o rádio? E as pessoas hoje em dia, elas ligam, elas contribuem com as informações da mesma forma que antigamente?

R.S. – Contribui muito, porque veja só, né, não são, é, é, é, tem muitos fatores, muitas coisas que só quem sabe realmente é a população que vive no dia-a-dia. Vamos supor, o problema da sua rua, o problema da rua de qualquer pessoa tem muita, muitas vezes que a administração não consegue chegar. E ali a pessoa acha o caminho mais perto né, para que chegue ao denominador comum, ou seja, para as pessoas que possam resolver através do rádio. Ou seja, é a ligação do ouvinte para uma emissora de rádio, para um programa é, que seja político, que seja esportivo, ele, ele, ele ajuda muito né, a, a, a resolver o problema, porque através do rádio chega as notícias onde quer que seja a pessoa que possa resolver. Então é muito importante o trabalho da população né, os representantes, a gente, hoje em Cajazeiras tem muitos representantes de bairros é, que traz essas informações, até mesmo os presidentes de associação de bairros, que sempre estão ligando para as emissoras de rádio, buscando a solução, e o rádio ela não, o rádio não resolve, mas a gente costuma dizer que sempre encaminha a solução para que possa ser resolvido.

F.F. – É o intermédio da população não é. É, o senhor acredita que a história da cidade de Cajazeiras, ela pode ser contada através do que se escuta no rádio?

R.S. – Deveria ter não é, num, num, a, a história de Cajazeiras infelizmente, até mesmo quando a cidade completa é, faz o seu aniversário, a gente não vê um programa específico, uma coisa específica para contar a história da nossa cidade. É, acredito que tem muita gente mais jovem, pessoas que tem o interesse de saber qual é, qual foi a, a, o caminho da cidade, mas infelizmente hoje eu acho que as emissoras de rádio deixa a desejar. Deveria ter, ter, na semana do município deveria, as emissoras de rádio montar um programa para trazer pessoas do passado, pessoas que acompanhou a cidade, pessoas que sabem né, do que aconteceu na cidade por mais, infelizmente isso não tem acontecido, as vezes, muitas das vezes a, o aniversário da cidade passa um pouco

apagado, faz uma festinha na praça, chama a população não é, comemorou. Mas comemora aquilo que até mesmo, a gente que somos mais jovens não sabe o que, o que é a cidade, então deveria ter mais espaço, deveria trazer a história de Cajazeiras, deveria ter um museu para contar a história, e aí a gente vê que isso não vem acontecendo na, na, na nossa imprensa cajazeirense.

F.F. – Ok. Quais os tipos de programas de rádio que você mais costuma escutar?

R.S. – Olha eu sou fanático, eu, eu gosto de escutar o rádio sempre de todos né, eu escuto um pouquinho de música, escuto um pouco de política, mais sou fã mesmo no, no esporte né, até porque a minha área, foi a área que eu, a área que eu trabalhei alguns, alguns tempos né, sou fã da área do esporte, mais eu acompanho o rádio o dia todo né, que seja esportivo, que seja, que seja político. Agora aquele fato que eu te falei, o programa político hoje está perdendo assim a crença, está perdendo na evolução devido isso, devido muitas coisas erradas, os profissionais não poder abordar devido né, a política que tem influenciado muito dentro da imprensa.

F.F. – Voltando para o Programa do Rádio Vivo ou Boca Quente que eu trabalho em cima deles dois, teria algum, alguma notícia que você ouviu, que você lembre que tenha escutado no rádio e que tenha ficado marcado? Você ficou sabendo através de um desses dois programas?

R.S. – Olha são dois programas que hoje eles são concorrentes e, porém, muito ouvidos né. É, não tem só uma, tem várias, tem várias, tem várias histórias, porque através, eu acho que esses dois programas na nossa cidade tem é, trazido coisas boas, como também notícias ruins né. Mas assim, no momento eu não tenho assim pra te dizer pra você, essa notícia mim chamou atenção. Não, eu tenho escutado sempre atentamente, né, as entrevistas, as, as, as, as notícias políticas, mas é, pra eu te falar assim, essa notícia me chamou atenção não, sempre chama todas, porque trabalham profissionais altamente é, altamente profissionais que é qualificado, né, no Rádio Vivo, como também no Boca Quente, mas pra eu te falar assim, tem esse, isso que me chamou atenção não, chama atenção sempre todos, porque eu sou um fanático do rádio, e sempre estou a escuta das notícias que passam no dia-a-dia.

F.F. – Certo. Você conseguiria imaginar a cidade de Cajazeiras sem as emissoras de rádio?

R.S. – Como assim? Eu não entendi.

F.F. – Você consegue imaginar Cajazeiras hoje em dia sem nenhuma rádio...

R.S. – Sim.

F.F. – Existindo?

R.S. – Não, não cheguei pensar isso. Mas eu acho que, não só Cajazeiras. Eu acho que, cidades é, do tamanho que é a nossa cidade sem uma emissora de rádio, eu acho que

isso deveria ser, um, um sofrimento tremendo para a população. Porque através do rádio, do que a população busca, a solução de muitas coisas, não é, e uma emissora de rádio é muito importante para uma cidade. É, eu não chego a imaginar, eu acho que uma cidade que nem a, a nossa de Cajazeiras, deveria ter uma coisa mais avançada, como já vão, já vem lançando aí o nosso companheiro Petson Santos, com o Diário do Sertão. Deveria ter um canal de televisão, a nível é, não só pela internet e sim, canal aberto, não é, uma cidade que tem, que é polarizada por Cajazeiras e Sousa, são, são as duas cidades maiores aqui do Alto Sertão da Paraíba, e a gente sente a falta é, disso aí. Então, eu acho que se não, se não tivesse, a emissora de rádio numa cidade do tamanho de Cajazeiras, eu acho que a gente ficaria pra trás quando diz respeito às outras.

F.F. – Ok. E pra concluir a nossa entrevista, a partir da sua vivência enquanto ouvinte, enquanto já radialista também, colaborador direto e indireto do rádio, como, a partir de que perspectiva você me contaria a história da cidade de Cajazeiras, pensando no que se ouve no rádio?

R.S. – Olha, da história de Cajazeiras, é, é, a, a, a nossa cidade do que é, do que você quer me perguntar, do que?

F.F. – Qual a visão, como você consegue, você vê a cidade a partir do que você escuta? Uma cidade mais voltada pra parte política, pra, pra parte cultural, a parte histórica?

R.S. – Não eu vejo hoje, a nossa cidade voltada demais, para, para o lado político, que nem eu, eu te falei, a política influenciou muito na nossa emissora de rádio, e que nem eu te falei, deveria não só, não só focar a política, deveria focar o, o, o, a história da nossa cidade, é buscar a, a solução para algumas coisas é, é que, que a gente ver que precisam a cidade hoje, a nossa cidade de Cajazeiras, a gente vê que mesmo com toda a evolução, mais ainda é carente em muitas as partes de alguma coisa, e infelizmente hoje foca muito a política, principalmente agora que estamos bem próximo aí a uma política. É, até mesmo agora na Copa do Mundo, os canais de televisão a níveis nacionais focava muito a Copa do Mundo, e as nossas emissoras de rádio não deixaram de faltar a pitadazinha da política, né, sempre focando a política da nossa cidade. Mas acredito que, com, com a evolução do tempo, isso que a gente espera, que, os proprietários de emissora de rádio, eles possam é, ver melhor a importância do que é uma rádio, uma emissora de rádio na nossa cidade, né, é, eles deixam influenciar a política dentro da, da, da emissora de rádio e as vezes perde o brilho da programação da emissora.

F.F. – Ok. Muito obrigada pela entrevista, e será de grande importância para o meu trabalho.

R.S. – Um abraço pra vocês, e desejo muita sorte aí, na, no trabalho e na caminhada é, de cada dia de vocês que fazem essas pesquisas, buscando né, a solução, buscando o conhecimento e isso é muito importante para a população.

F.F. – Obrigada.

Entrevista: 02/07/2014

Cajazeiras, 02 de julho de 2014, entrevista com o Professor Rubismar Marques Galvão, a cargo da pesquisadora Francisca Edna Claudia Ferreira, para o trabalho de monografia O rádio como instrumento de memória em Cajazeiras.

F.F. – É, para começar professor Rubismar, eu queria lhe perguntar qual a importância do rádio aqui para a história da cidade de Cajazeiras?

R.G. – Olha veja bem, o rádio ele foi importante para a comunidade de Cajazeiras, para a história de Cajazeiras, porque ele se transformou no principal instrumento né, digamos assim de, de comunicação das pessoas, ou o principal instrumento de divulgação, é, é dos fatos que aconteceram, não só de internacional, nacional, regional e local. Até porque antigamente, até porque antigamente antes de chegar aqui em Cajazeiras a televisão, existia no rádio é, aqueles noticiários de forma tradicional, né, de forma tradicional. Que o, o único que existe é o de sete horas da manhã, que existe na Rádio Alto Piranhas, tradicionalmente ainda existe. Sei que tem um locutor dando as notícias, local, regional, nacional e internacional, né, que é dado é, é, por Arnaldo Lima, ainda existe esse programa. É, é o único que existe ainda. O que existe hoje são aqueles programas, principalmente programas mais políticos, voltado para discussão de questões é, é, é, da cidade mesmo, da comunidade, ou de alguns fatos da região. Escuta-se tipo a questão do calçamento que está faltando, alguém liga, esse tipo de coisa, essa interação. Então veja bem, então naquele momento né, naquele momento o, o, o rádio foi muito importante no sentido de ser o principal instrumento é, em que as pessoas, principalmente digamos assim, as pessoas que não tinham acesso a outros tipos de comunicação, a outros meios de comunicação tipo assim, é digamos assim nos anos sessenta, quando foi instalado aqui em Cajazeiras as duas emissoras de rádio né, essas pessoas não tinham, por exemplo é, é, é acesso a, a, a, ao jornal, ou a revista, ou aos livros digamos assim né. Então principalmente o jornal, o jornal que vinha de Fortaleza, ou vinha principalmente de João Pessoa, essas pessoas tinham o rádio como é, é um meio para que elas conhecessem o que estava acontecendo não só na cidade, mas na região, no Brasil e no mundo, então era o rádio era o principal instrumento de divulgação. Um outro dado interessante, é por exemplo, fazer a história de Cajazeiras a gente teria que fazer, ou teria que passar pelo rádio, só um detalhe, só que os arquivos do rádio né, principalmente no que diz respeito as notícias locais, eles foram todos destruídos né, foram todos destruídos. Aí, ou seja, no dia-a-dia, as notícias voltadas no dia-a-dia, isso foi destruído. Até porque é, os proprietários dessas emissoras de rádio né, com algumas exceções, eles não tem muita tradição no que diz respeito a guardar arquivo para um, um, servir num futuro a algum historiador, alguma coisa. Mas de qualquer forma, não sei se tem né, por exemplo, é alguns pronunciamentos principalmente no que diz respeito aos políticos não só de Cajazeiras como do estado da Paraíba, talvez o rádio ainda contenha algum desses pronunciamentos, que eles são extremamente enriquecedores para a história não só de Cajazeiras, mas para a história do estado da Paraíba. Então é, foi muito importante, eu acho extremamente importante é, a, a, o rádio

para a história de Cajazeiras, para a história, para a construção da história, ou seja, em determinado momento o rádio também, digamos assim, foi um instrumento no qual as pessoas, é participavam desse processo de construção da história de Cajazeiras.

F.F. – Certo. É, o rádio quando ele surgiu, ele era um meio de comunicação que estava voltado para a elite, depois ele com o tempo, se popularizou e se tornou um veículo de massa. O senhor acredita que essa mudança foi ou é a garantia da existência dele atualmente?

R.G. – Com certeza. Por exemplo, hoje, hoje, em boa parte quem escuta né, muito mais o rádio, principalmente pessoas que no estamento da pirâmide social, são aquelas pessoas digamos, a população de um modo geral, mais aqueles segmentos menos abastados. Até porque é, é, até porque apesar de cada vez mais a internet ela ter um acesso mais amplo né, para o conjunto da população cada vez mais, mas hoje prioritariamente né, ou seja, essas camadas mais populares, elas escutam muito o rádio, ela escuta muito o rádio, até porque o rádio pra ela ainda constitui um meio importante de comunicação. Por exemplo, como é que uma pessoa semianalfabeta, que não tem muita instrução acadêmica, essa pessoa não se inseriu ainda nesse mundo da internet. Então ela tem o rádio como o que? Como um elemento, um instrumento para ela ter conhecimento do seu mundo, do que se passa no mundo. E principalmente isso as pessoas dão muito mais valores, principalmente é, é, das coisas locais. Ou seja, é, alguém que está lá na, na, na periferia da cidade ela quer saber se vai chegar ou não o calçamento lá na sua rua né, ela quer saber porque está faltando a água, ela quer saber, por exemplo, se é funcionária do estado, do município, principalmente do município, ou de alguma coisa, quer saber se, se, se vai chegar o, se o calçamento chega, se quando é que vai sair o pagamento da prefeitura, então ela tem no rádio esse instrumento de se inteirar das coisas da comunidade. Então o rádio é muito importante. Então no, no início efetivamente o rádio ele era muito voltado para as elites na medida em que essas pessoas eram, tinham condições de obter esses equipamentos né. Quando esses equipamentos se popularizaram né, e isso chegou à periferia, e na periferia, as pessoas da periferia elas não tem acesso, elas não tem acesso, por exemplo, a outros instrumentos de comunicação, tipo o jornal, ela tem no rádio esse, esse instrumento né, esse meio de ela digamos assim, se inteirar não só de sua comunidade, mas do mundo de um modo geral.

F.F. – É uma forma dela também procurar uma melhora pra ela se ela não tem acesso a outro meio. É, se não tivesse acontecido essa mudança o senhor acredita que o rádio ainda estaria entre os meios de comunicação com a mesma força que ele tem hoje?

R.G. – Não, eu acho que não. Eu acho que não porque hoje é, é, principalmente nas cidades menores do que Cajazeiras, quem escuta mais o rádio, quem escuta mais o rádio são, é efetivamente essas pessoas menos abastadas da sociedade né, principalmente na periferia que a força do rádio é muito grande, é muito grande. Você vai vê que, por exemplo, você chegar numa casa, numa casa é, é, é, numa casa digamos assim, classe

média, você vê muito pouco alguém com o rádio ligado, é muito pouco alguém com o rádio ligado. Mas você chegar numa casa da periferia, numa casa de alguém da periferia, você vai ver que o rádio ele, ele está é, está muito mais presente, é ele está muito mais presente, ou seja, no dia-a-dia daquela pessoa, não só com relação aqueles programas digamos assim jornalísticos, políticos, mas o programa de um modo geral, por exemplo, escutar um, um cantador de viola, escutar um programa de, de, de, de...

F.F. – Programas da igreja.

R.G. – Não, principalmente aqueles de, de forró né, aqueles programas mais sertanejos, um Disk Jovem, Disk Jovem sabe, esse pessoal, pode olhar que quem escuta mais são as pessoas da periferia, as pessoas da periferia. Então, se, eu não diria que teria acabado, eu não diria que teria acabado, mas teria uma força bem menor que se tem hoje. Tá certo.

F.F. – É, o rádio ele é um meio de comunicação marcante aqui dentro de Cajazeiras, qual o grau de importância que a população cajazeirense estabelece para o rádio?

R.G. – Pera aí, tem uma coisa que eu acho mais importante [silêncio]. Sim, isso daqui eu acho que é a pergunta mais importante, o rádio é um meio de comunicação marcante, qual o grau de importância que a população cajazeirense estabelece para o mesmo. Olha, eu acho isso a coisa mais importante que eu vejo no rádio hoje, é justamente que o rádio ele segue, principalmente nessa população é, é, da periferia, na população da periferia, os extratos chamados mais, na pirâmide, na pirâmide da sociedade menos aquinhoadas, essas pessoas tem no rádio o seu instrumento ou canal de reivindicação, é um canal de reivindicação. E por que que ela utiliza o rádio como canal de, de comunicação, seu instrumento de reivindicação, daquilo que ela necessita? Porque em primeiro lugar, essa população evidentemente ela tem muito dificuldade em digamos assim, de chegar, de chegar a, por exemplo, o caso de chegar aos ouvidos da prefeitura, ou seja, a, a, a sua reivindicação ela ser escutada e ser ouvida né, prefeito tomar conhecimento, o prefeito ou a prefeita tomar conhecimento, ela tem uma dificuldade imensa, até porque ela tem uma dificuldade até de se expressar, e até porque também o, o, digamos assim os intermediários na comunidade que seria, por exemplo, os vereadores né, os vereadores, é ou muitas vezes não dão muita importância aquela reivindicação e não dão muita importância, não dão muito interesse naquela reivindicação, até porque muitas vezes estão muito atrelados digamos assim ao poder municipal que é, é, não serve como um instrumento de persuasão da comunidade, da periferia no que diz respeito a prefeitura não, eles não servem, ou não fazem muito bem esse papel, e aí no caso, e aí no caso, a população utiliza o rádio para servir como um instrumento de fazer, de fazer chegar o que, a sua voz, a sua reivindicação né, a sua reivindicação. E como é que isso funciona, bem interessante como é que isso funciona hoje nas cidades do interior. É, veja bem, e a população ela já é sabedora disso, ela sabe que a, a reivindicação que ela faz chega muito mais rápido ou a prefeitura, é muito mais resoluta em resolver aquele problema quando ela liga duas, três, quatro, cinco

vezes para o rádio, do que se inventar de fazer um abaixo-assinado, aquela coisa e me parece que, para eles não resolve muita coisa.

F.F. – Ou procurar diretamente.

R.G. – Ou procurar diretamente não resolve muita coisa. Então eles têm hoje no rádio, como esse instrumento, como mecanismo que eles se utilizam para fazer valer os seus interesses no sentido de chegar, por exemplo, um calçamento. No dia-a-dia aqui em Cajazeiras eu escuto os programas, boa parte dos programas de rádio aqui em Cajazeiras, e no dia-a-dia o que acontece é isso, ou seja, quando alguém quer reclamar que o esgoto está estourado, ele não vai na prefeitura de jeito nenhum, ele não vai na prefeitura, que seria o correto, ir na prefeitura, colocar a sua, a sua reclamação, no setor competente ou qualquer coisa, colocar a sua reclamação e esperar pela prefeitura para resolver o seu problema. Ele não faz isso. Por que ele não faz isso? Porque ele sabe que não vai chegar, na intensidade e no desejo, ou seja, na rapidez que aquele problema merece, não chega de forma alguma. Então ele se utiliza do rádio, ele se utiliza do rádio, ele se utiliza do rádio para as mais diversas reivindicações né, é o esgoto, é o calçamento, ele quer saber se vai sair o garantia safra, ele quer saber qual é a data do pagamento é dele, ele reclama porque está atrasado o pagamento, e uma série de reivindicações que ele faz através do rádio. E por que que ele sentiu é, que o rádio é importante? Porque ele sabe que isso tem uma repercussão negativa para o gestor, negativa para o gestor, de tal forma e isso é tão verdade que os gestores né, que os gestores tem hoje uma coisa que é inovadora, inovadora no sentido que é uma coisa nova, que é o chamado Rádio Escuta, ou seja, existe em Cajazeiras, não só a nível que faz isso para o Governo do Estado, mas para, para, para a Prefeitura, não só nessa gestão, mas nas gestões anteriores existia, existe uma coisa chamado Rádio Escuta. O que é o Rádio Escuta? É uma pessoa que é paga, para acompanhar, eu conheço alguns deles, é paga para acompanhar os programas de rádio da cidade, nas emissoras de rádio. Existe não só o Rádio Escuta do Governo do Estado, como existe o Rádio Escuta do município, é. E a população já sabe disso, já sabe disso. E esse Rádio Escuta qual é o objetivo? Ele mapeia as reclamações da população, ele mapeia, ou seja, aquilo que a população se reclama mais, ou reclama mais, a prefeitura tenta então dar, dar uma solução para a reivindicação daquela população, tá certo. Ou seja, veja que nível, digamos assim, de, de, de, de, de, de maestria né, de, de, de criatividade que a população chegou, ou seja, alguém telefona, reclama então do seu esgoto, em coisa quase que imediata, tá ouvindo a prefeitura, ouvindo aquilo para tentar então resolver. E no momento em que, por exemplo, no momento, no momento em que, isso se avoluma a prefeitura busca dar uma resolução, resolver aquele problema, porque se não aquilo é extremamente negativo, é negativo para a população. Agora um dado interessante que olhei com relação a isso. Quem faz isso em Cajazeiras, de um modo geral, é justamente a população da periferia. O segmento chamado médio, ele não faz isso, mesmo, mesmo, com problemas também. Por exemplo, as ruas hoje de Cajazeiras, na periferia, na chamada periferia, ela é muito mais calçada do que, do que umas áreas do centro, né, do que alguns bairros digamos assim, mais nobres. A minha rua foi calçada a dois, três

anos passados, certo, a dois, três anos passados, e é uma rua bem localizada, por perto da rodoviária. E tanto eu observando e conversando com algumas pessoas, e, em alguns percursos que eu fiz ali pela periferia, existe calçamento hoje que você nem imagina. É evidente que isso é uma estratégia eleitoral né, do gestor. Primeiro lugar, um, um, um, uma casa é desses bairros digamos assim, de classe média, ela tem, ocupa um espaço maior, quando você pega uma rua, digamos assim numa classe média, é, nesses bairros de classe média, você, numa rua você tem dez, doze casas, porque os muros são largos, são grandes, ou seja, a frente da casa é muito, é grande. E isso significa traduzindo, ter menos voto. Você consegue menos nesse segmento, ou seja, resolve o problema de menos pessoas, se for calçar essas áreas do que na periferia. Periferia como as casas são estreitinhas de três, quatro metro, significa dizer que uma casa de um bairro mais nobre aí, equivale a cinco, seis casas da periferia. E não só isso, porque também né, a população da periferia ela não, ela não tem digamos assim, muito, muito, não seria preconceito, digamos assim, não tem muito papa na língua né. Ela, ela, liga mesmo, ela liga mesmo, certo, ela liga. Você entendeu isso aí, essa história. Então hoje a periferia, o pessoal, a população da periferia, das periferias, entendeu que o rádio é o mais importante instrumento de reivindicação.

F.F. – Utiliza como uma ferramenta.

R.G. – Como uma ferramenta, para que seus interesses, interesses né, chegue, seja resolvido, seja então resolvido. Então eles usam isso em Cajazeiras muito forte, ou seja, quando alguém, é, é, é quer falar que o calçamento está danificado ele não vai na prefeitura não, liga logo para o rádio. E é uma coisa tão interessante que ele faz o seguinte, é mais ou menos diz assim, eu escuto muito isso, ou, ou, ou Marcos Rodrigues, que é lá de Ipaumirim, ou Marcos Rodrigues quando é que sai, quando é que sai o, o pagamento da Prefeitura de Cajazeiras? Coisa incrível. Olha, quando é que vai sair o pagamento do Bolsa Família? Então eles ficam ligando, ou seja, o rádio, eles querem que o rádio dê a informação. E muitas vezes o locutor diz, diz mais ou menos assim, é Maninho, Maninho que é o ouvidor da Prefeitura de Cajazeiras, Maninho está, está na escuta, então daqui a pouco ele deve entrar em contato conosco, ou então ei Maninho liga aqui para Prefeitura, é para o rádio, liga aqui para o programa, dê alguma informação a respeito disso, ou seja, uma coisa imediata. Em poucos minutos depois, alguém da prefeitura digamos assim, vai e responde. Agora imagina o seguinte, se essa pessoa fosse numa prefeitura para olhar algum, reivindicar alguma coisa sobre, não chegava.

F.F. – Possivelmente ela seria ouvida, porque é a realidade.

R.G. – Exatamente, não seria ouvida. Olha o pagamento está atrasado, eu quero saber por que está atrasado? Olha, interessa a, a, a, a prefeitura naquele momento, isso não é só em Cajazeiras não, em todas as rádios, em todas as cidades do interior, interessa a prefeitura naquele momento é dar uma resposta que para o ponto da vista da prefeitura seja, seja satisfatória, que aí imediatamente alguém da prefeitura dá essa resposta. Se

essa pessoa fosse lá na prefeitura não teria nenhuma, ela não sabe nem como chegar lá, não teria nenhuma resposta a respeito disso, então o rádio hoje muito importante principalmente para os segmentos mais populares, no sentido de ser o grande instrumento, é, é de força que eles tem para fazer valer então os seus interesses. É o aspecto mais importante que eu vejo no rádio hoje assim, para essa população, principalmente a população da periferia, é um instrumento, um instrumento de reivindicação. Agora, é evidente em determinado momento, o que a gente vê é que alguns programas podem está então atrelado a algum determinado grupo político e etc., mais o que acontece com o rádio é digamos assim, a emissora de rádio o que ela censura, muitas vezes o que ela censura é o radialista fazer um comentário digamos assim, que seja negativo a, a prefeitura, ou ao prefeito ou qualquer coisa, a respeito de um determinado assunto. Mais não, não trava, que é costumeiro e eu escuto o rádio, digamos assim não censura quando a pessoa, quando a pessoa faz uma determinada pergunta, ou faz uma determinada reivindicação ou faz uma determinada crítica, certo. É, é, é, ele não corta, costumeiramente pode até cortar numa outra situação, mais costumeiramente eles não cortam. O que acontece muito, ou seja, e que eu, e que eu escuto e vejo muito né, o que acontece muitas vezes é que, mesmo sendo feita então aquela crítica né, sem importante ponto de vista jornalístico, mais em determinado momento o radialista que está à frente daquele programa ele não dá repercussão aquele fato, ele não dá repercussão aquele fato. Imediatamente ele saia para outro assunto, ele não dá repercussão naquele fato porque não interessa a emissora que se dê repercussão aquilo que foi denunciado, nesse caso não é, muitas vezes a gente diz assim, tá na foia, tá na folha de pagamento digamos assim. Tá, ou seja, está um tanto atrelado a um determinado esquema, determinado esquema político.

F.F. – É, o rádio desde que ele surgiu até hoje aos dias atuais junto é, com o, o desenvolvimento do rádio veio o surgimento dos outros meios de comunicação como a televisão e a internet. O senhor acha que o rádio perdeu espaço na cidade quando surgiu a televisão ou/ e principalmente a internet que ela tem uma grande força hoje em dia?

R.G. – Não, eu.

F.F. – E a população hoje em dia, ela escuta o rádio com a mesma frequência que antes apesar do surgimento desses meios de comunicação?

R.G. – Não, eu não diria que, eu diria que o rádio, e aí é, não só foi o rádio, mais a imprensa escrita ela perdeu muito com relação à internet, a televisão, etc., né perdeu muito. Por exemplo, quando em Cajazeiras não tinha televisão, né não se tinha televisão, é o rádio era muito escutado a noite, era muito escutado a noite, certo, inclusive existia tão forte ainda o rádio, naquele tempo era muito forte, muito mais do que hoje que boa parte desses programas políticos que a gente tem, que é nesse horário por volta do almoço, por volta de meio dia até três horas da tarde por aí, quatro horas, esses programas eram também realizados a noite. Então a televisão, a chegada da televisão acabou duas coisas no interior, os cinemas, né, acabou, acabou os cinemas e

com relação ao rádio fez diminuir principalmente no horário noturno, fez diminuir é, a frequência com que as pessoas escutavam o rádio, a gente não pode negar isso de forma alguma, não pode negar isso de forma alguma. Mais é evidente que o rádio ele mantém uma força, é uma força é, é, é importante, né, no interior, até porque o rádio, em primeiro lugar, o rádio ele dá a notícia local, a televisão não dá, né, no que diz respeito à notícia, não dá a notícia local, né, ou seja, é a televisão ela tirou uma boa parte da audiência no que diz respeito, por exemplo, é porque as pessoas começaram a ter um hábito que antes não se tinha muito de assistir muito mais televisão, por exemplo, as novelas, o Jornal Nacional, digamos esse tipo de coisa, mais perdeu, a gente não pode negar isso, não é, mais ainda mantém uma força substancial no interior.

F.F. – Certo. É, em cima do que o senhor falou com relação a, a, a administração municipal e estadual, usar o rádio como uma forma não é, de estar ligada a população para resolver os problemas que existem no município, no estado, o senhor acredita que os movimentos políticos/partidários aqui da cidade de Cajazeiras eles influenciam ou interferem no funcionamento do rádio?

R.G. – Não sem dúvida, sem dúvida, né, sem dúvida isso não só agora, mais isso vem de muito tempo, né, isso vem de muito tempo. E até porque uma boa parte das emissoras de rádio, né, quando uma nova parte das emissoras de rádio, elas, você pode olhar, em, em algum canto elas vão ter sempre alguma população com algum grupo político, né, ou seja, porque principalmente o rádio ele é importante, né, é ele é importante na discussão que se faz sobre as coisas locais, né, ou seja, quando o político ele quer se expressar para a população de Cajazeiras e da região ele se utiliza de que? Ele não vai se utilizar da televisão porque aqui não chega né, não tem um canal local, com notícia local. Ele se utiliza então, ele se utiliza do rádio, e é por isso que eles têm, digamos assim, é uma preocupação é, em colocar o rádio vinculado aos seus interesses, isso tanto faz da oposição como faz da situação, sempre comumente eles tem então esse interesse.

F.F. – É, as notícias e informações que são transmitidas pelo rádio, elas são fornecidas pela população, algumas das notícias. Quando a população, a, a população liga, reclama, ou então quando o repórter vai à população, pede informação, faz alguma matéria. Esse papel atribuído pela população é importante, dela está ligada, dela é, ajudar as notícias, ajudar ao rádio a construir essas notícias, é importante esse papel da população?

R.G. – É importante, e a população sabe, é sabe, sabe até disso né, digamos em boa parte. Tem algumas coisas curiosas, por exemplo, no rádio, eu não sou ligado ao rádio no sentido de está lá dentro, mais se você conversar com alguém, por exemplo, que faz programa jornalístico, muitas vezes esse pessoal chega no programa e eles não tem muito o que, o que dizer não, ou seja, quem vai fazer a pauta daquele dia, que ele chama de pauta, quem traça a pauta daquele dia é quando eles abrem então, é quando eles abrem então o rádio, o telefone, para o público. E aí começa, ou seja, basicamente o cara não tinha muito, não teve tempo de preparar qualquer coisa, e quando chega no dia,

é na hora do programa é quando ele ao abrir ao telefone, e muitas vezes eles ficam instigando né, que a população fale né, com esse objetivo, até digamos em preencher até o tempo, né. E de um modo geral as pessoas escutam digamos esse rádio, esse rádio local, porque elas estão é interessadas não é notícia do seu local, ou seja, as pessoas tem curiosidade com relação a isso, eles tem digamos assim, sede de saber o que é que está acontecendo na sua comunidade e aí a força do rádio. A força do rádio é isso aqui, ou seja, me diga uma coisa, o que é que interessa uma pessoa digamos assim, lá da, da, da, da zona rural, ou mesmo da periferia, essa pessoa que não tem muita, digamos assim instrução do ponto de vista acadêmico, esse tipo de coisa, o que é que interessa, por exemplo, o que é que está acontecendo lá na Síria? Lá no Oriente Médio? Não interessa a ela muita coisa não, agora sim, ela tem interesse do que está acontecendo na sua comunidade. E é importante que ela tenha interesse né, porque de certa forma se ela conseguir então separar o joio do trigo né, ela vai conseguir digamos assim, ter uma capacidade maior, inclusive de fazer suas escolhas né, a escolha dos seus candidatos, tá. E isso chega através de que? Chega através do rádio, ou seja, se não tivesse o rádio, uma pessoa que é uma boa parte, isso é uma realidade de uma parte da população, da periferia, de Cajazeiras digamos assim, se não tivesse o rádio, como é que essa pessoa ia ter acesso a essas informações local? Que a internet não é uma realidade ainda para essas pessoas.

F.F. – Elas ficariam desconectadas do mundo.

R.G. – Claro, de sua realidade. Então o rádio, a força do rádio é nesse sentido. É evidente quanto mais se aprofunda, é digamos assim essa história da internet, boa parte das notícias, inclusive das notícias locais, é colocada hoje nos blog, né, tá lá, a pessoa vai lá. Mais tem gente que não tem, digamos numa boa parte, eu acho que mais, é, é as pessoas hoje em Cajazeiras, eu diria o seguinte, elas sabem as notícias local, eu acho que, esses blog representa em torno de quinze a vinte por cento, eu diria que oitenta por cento, ela ainda sabe através do rádio, veja, da notícia local, e é o que interessa a essa pessoa. Certo?

F.F. – Certo. É, o senhor acredita que a história da cidade de Cajazeiras pode ser contada através do que se ouviu e do que se ouve nos programas de rádio? Existe algum fato que o senhor tenha marcado na memória do senhor, que enquanto ouvinte, tenha escutado nos programas do rádio?

R.G. – Olha, é, é, é possível nessa história de contar a história da cidade de Cajazeiras através do que se ouviu, que se ouve nos programas de rádio, dá muito trabalho, mais digamos assim, é, é possível isso né, é possível mais é uma coisa que a gente tem que buscar na chamada História Oral mesmo como é que se vai fazer esse tipo de coisa tá. Mais é possível, ou seja, é, é tem gente que é capaz digamos assim, de, de, de historiar os acontecimentos de Cajazeiras através dos programas de rádio, não é, de um modo geral, tá certo. É no que diz respeito a fato importante da história que eu tenha ouvido né, eu acho que são inúmeros né, são inúmeros e a gente tem muitas vezes é, é sabedor

disso através, através do rádio né, por exemplo, é, é [silêncio], é determinados episódios que aconteceram em Cajazeiras que eu soube, de um modo geral a gente sabe através, através do rádio. Do dia-a-dia a gente escuta isso né, não sei. Tem tantos fatos importantes que a gente soube através do rádio, né, por exemplo, um que foi recentemente, que casualmente eu estava é, ouvindo o rádio né, lá em casa, estava ouvindo a Rádio Alto Piranhas, porque eu fico com o raidinho e fico passando de, de uma emissora para outra, quando uma tá, uma tá num intervalo comercial, eu já passo para outra, tudo, mais uma coisa que em determinado momento eu tomei um choque, foi justamente a renúncia de Léo, o prefeito, uma coisa recente. Saiu na Rádio Alto Piranhas, coincidentemente, coincidentemente eu estava escutando a Rádio Alto Piranhas.

F.F. – Sim, o senhor soube dessa notícia no rádio?

R.G. – Dessa notícia através do rádio. Ou seja, foi uma bomba que, que foi soltada aqui em Cajazeiras. Então de um momento para outro a Rádio Alto Piranhas, que em Cajazeiras foi quem primeiro deu essa notícia.

F.F. – Pegou toda a população de surpresa?

R.G. – De surpresa. De surpresa. Ou seja, como é que isso se multiplicou assim rapidamente? Foi o rádio que fez chegar não é, o rádio que fez chegar. É outras notícias, por exemplo, a explosão que aconteceu recentemente a uma cerca de três, quatro anos, ali perto do Açude Grande, ali aquela explosão.

F.F. – Nos Remédios.

R.G. – É, é, aquele negócio dos fogos tudo, o rádio que imediatamente chegou. É uma série de notícias. Que eu acho pena disso tudo é que, é, é que isso, você não tem digamos assim, até porque seria mais fácil você não ter registrado em fitas, né, todos esses programas, você não tem, isso é descartado no dia-a-dia, basicamente é descartado no dia-a-dia.

F.F. – É, o senhor consegue imaginar a história da cidade de Cajazeiras sem as emissoras de rádio que existem aqui hoje em dia? A cidade perderia muito enquanto a informação?

R.G. – Mais sem dúvida, ou seja, eu não sei como é que seria então Cajazeiras, como é que o pessoal da periferia ia fazer chegar o calçamento lá, sem ter esse instrumento de persuasão né, instrumento de pressão que eles tem na, na, no rádio né. Como é que eles iriam fazer valer esses seus interesses, né. Então era muito difícil, né, como é que seria. Eu acho que não teria os mesmos desdobramentos, Cajazeiras seria uma outra Cajazeiras né, até no sentido que digamos assim, os políticos que iriam ficar digamos assim, mais blindados, mais blindados, e não iriam ter esse instrumento de pressão que é o rádio, fazer valer então os seus interesses, os da população. Ou seja, eles tem no, no rádio um instrumento de pressão, não é, o principal instrumento tá.

F.F. – Certo. É, a partir da vivência do senhor enquanto ouvinte, colaborador direto ou indireto do rádio, como o senhor me contaria a história da cidade? A partir de que perspectiva o senhor me contaria a história da cidade de Cajazeiras?

R.G. – Eu diria o seguinte, é, é, eu partiria dessa perspectiva do, do, do rádio ser um instrumento de pressão da população, principalmente da população é, da periferia né, para como a, a, para com digamos assim os poderes né. Principalmente o poder municipal e estadual, é, ou seja, isso é tão importante quanto instrumento de pressão, que eu vou repetir, eu já coloquei, que eles criaram uma coisa que, isso é muito, muito recente, essa história do rádio escuta, o que é que significa? Dizer que esses políticos né, digamos assim esses detentores de cargos públicos, eles sabem da importância que tem o rádio né, para a população, e que a população escuta né, escuta. E ele sempre tem que ter, que ter o cuidado, por exemplo, o que acontece que muitas vezes, é, é, é, eles tem digamos assim algumas pessoas, muitas vezes para dar a resposta aquilo que alguém chegou e ligou para lá né. Tem o Rádio Escuta e tem gente já, digamos assim predeterminado para se alguém ligar demais atingindo, é, é, a administração municipal ou estadual, tudo já tem gente então, para defender a administração daquela colocação que são feitas, que foi feita. Tá certo?

F.F. – Certo.

R.G. – Mais eu acho que hoje a coisa mais importante no rádio, é essa daí, ou seja, um instrumento de pressão que a população usa para fazer valer é os seus interesses, os seus desejos, né, ou seja, o que ela precisa né. Então, eu, digamos assim, é, eu contaria a história de Cajazeiras a partir disso aí, eu acho que é o aspecto mais importante do rádio, dessa utilização do rádio, como um instrumento de pressão da população, ou seja, né abaixo assinado, isso não chega através, eles não vão atrás dos vereadores, dos deputados nem nada. Mais eles vão muito direto, aí você pode olhar que aí, digamos assim não tem é, é digamos assim uma pessoa ou grupos de pessoas intermediando entre a, a população e os poderes constituintes, o que existe é um, um instrumento chamado rádio, que faz essa intermediação. E por isso.

F.F. – Esse instrumento hoje em dia é o que ocupa o lugar que no caso, no caso não, que é dever dos vereadores, que eles é quem teriam que estar ligados ao povo levando as necessidades do povo para a administração, para o prefeito não é, então hoje esse Rádio Escuta ocupa o lugar que seria de função dos vereadores, que eles não.

R.G. – Conectados, poderiam estar ligados. Dos vereadores. É, ou eles não fazem porque não querem, ou não fazem porque não pode, porque muitas vezes estão atrelados ao poder municipal. Então a população digamos assim, ela passa por cima, ela sobrepõe a eles, porque ela sabe também que não adianta, que é jogar é, digamos assim é, conversa no mato, não é, fora. Então eles perderam a paciência e vão direto ao rádio, e aí está a força do rádio, eu acho que alguém tem que fazer um trabalho sobre isso, esse papel do rádio, papel de um trabalho mais extenso digamos assim sobre isso mais

profundo, o papel do rádio como instrumento de pressão, como instrumento de persuasão.

F.F. – Certo. É, obrigada pela entrevista do senhor que será de grande importância para o meu trabalho.

Entrevista. 12.06.2014

Cajazeiras, 12 de junho de 2014, é, entrevista realizada com o Senhor Luiz Severino da Silva, o conhecido.

L.S. – Vulgo Luiz Massaroca.

F.F. – Massaroca, é, a cargo da pesquisadora Francisca Edna Cláudia Ferreira, para o trabalho da minha monografia “O Rádio como instrumento de memória em Cajazeiras”.

F.F. – Para começar Senhor Massaroca eu queria perguntar ao senhor, qual a importância que o senhor vê do rádio aqui para a história da cidade de Cajazeiras?

L.S. – Do rádio?

F.F. – Sim.

L.S. – Minha filha é muito importante, minha filha. Porque essas, essas emissoras de Cajazeiras, já resolveram vários problemas dessa cidade. Você sabe que, aqui tem umas emissoras de rádio que fazem muito pelos mais pobres. Eu já vi exemplos dessa cidade, de emissora, duas horas arrecadar trinta mil reais, para resolver tantos problemas que alguém não resolveu. E essa emissora resolveu. Que quer dizer, isso é muito importante para Cajazeiras. Ter uma emissora nesse nível. Várias emissoras você vê, tem esse programa de, o, o Boca Quente, tem esse programa de Dunga, que é um programa muito ouvido, um programa que ele pede muito para quem mais precisa. Quer dizer minha filha, eu estou vendo uma coisa nessa cidade que isso não existia. Você sabe que essa Difusora também hoje está fazendo cinquenta anos de existência, você sabe da história né?

F.F. – Sei. Sei.

L.S. – Quer dizer que é cinquenta anos de coisa boa, cinquenta anos de cultura, cinquenta anos ajudar a quem mais precisa, o mais pobre. Porque você vê, você vê esse Boca Quente é exemplo, você é exemplo dessa cidade, isso é muito importante. É isso que eu digo a você minha filha, que eu vejo, eu vejo tanta coisa boa nessa cidade. Eu moro aqui minha filha, eu cheguei aqui no dia dois de dezembro de mil novecentos e sessenta, eu sou de Teixeira, eu sou de Teixeira da Paraíba, eu sou paraibano. Mas depois que eu cheguei aqui minha filha, graças a Deus, muito bom. A cidade. Cheguei aqui a cidade era pequenininha, mas graças a Deus está crescendo. Hoje você sabe na história, da sua história do seu livro, é a cidade que está mais crescendo no estado da Paraíba é Cajazeiras. A evolução é muito grande. A evolução é muito grande. Essa cidade, a evolução é muito grande, porque você vê minha filha essa cidade, você anda aqui, você vê o tanto de loteamento que tem, vão fazer casa, fazer residência, fazer primeiro andar, terceiro andar, aqui a cidade graças a Deus é só, é só evoluindo, é só crescendo. Quer dizer isso que não é uma benção de Deus, você está vendo que hoje tem uma grande, essa grande universidade, tem curso de medicina, você, isso é uma coisa muito

importante, formar minha filha vários médicos nessa cidade, que aqui não existia nada disso não é minha filha. Quer dizer que hoje nós estamos vendo uma cidade, uma cidade que tem cultura, que tem trabalho, tem os estudantes maravilhosos, tem umas pessoas maravilhosas, um do seu nível. Você está aqui me entrevistando, isso é muito importante. Isso aqui ninguém tinha. Se não tivesse essa universidade aqui nessa cidade, aqui nesse bairro, se não tivesse curso de medicina, curso de professor, de tudo, quer dizer que você não estaria me entrevistando, isso é muito importante, é uma cidade que está só crescendo, do loteamento ao estudo, a universidade. Você vê já, tem Universidade Santa Maria, tem várias universidades nessa cidade, já tem essa escola técnica que o governo está fazendo a escola técnica, quer dizer que vai formar várias pessoas num é assim, quer dizer que já tem a escola técnica lá do outro lado da rua, quer dizer que, aqui a Cajazeiras é uma cidade abençoada por Deus. É uma cidade que está só crescendo.

F.F. – Certo. E, o senhor é um ouvinte do rádio, desde pequeno o senhor escuta o rádio, o senhor gosta de ouvir o rádio?

L.S. – Minha filha eu ligo o rádio desde 1973. Eu ligo quase todos os dias. Graças a Deus minha filha, eu não sou nada, mais a, a, as minhas participações graças a Deus, é vista por toda cidade, por todo país, porque o povo gosta muito das minhas entrevistas. Porque, como é seu nome?

F.F. – Edna.

L.S. – Edna. Edna eu não posso Edna, fazer uma denúncia que, que não tenha veracidade. Porque todas, todas as minhas entrevistas, dessa cidade, eu só faço a denúncia que você, você for jornalista você vê aqui, e vê o fato. Num é assim. Graças a Deus, porque, porque que hoje, hoje as minhas participações nessa cidade é ouvida por médico, você vê essa cidade, eu pouco, eu pouco Edna, ando na cidade de pé, eu tenho que andar de carro, o povo puxa aqui, o povo puxa para acolá, Massaroca para aqui, para acolá, porque graças a Deus, eu tenho audiência. Maçaroca você é meu ídolo, Massaroca eu sou seu fã, a cidade todinha me adora, isso é bom para mim né, quer dizer que eu fico muito feliz, a minha esposa tem é raiva de andar mais eu [riso]. Meus amigos, médico, doutor, engenheiro, Massaroca, o comércio. Massaroca vem para aqui, vamos conversar, porque eles veem a minha cultura. Minha filha eu sou analfabeto, eu não vou dizer a você que eu sei ler. Mas, mas minha filha eu nem estudei, nem fiz universidade, mas sou formado na escola da vida, porque o interessante é você ter a sua cultura. Porque você tendo a cultura, porque tem, tem muita gente que é formada mais é burro, não sabe ir para uma emissora, não sabe fazer uma entrevista. Eu, minha filha, você está me entrevistando, uma jornalista, eu estou fazendo a minha vez, porque eu estou dizendo o que eu sou. Eu não vou fazer uma coisa que eu não sou, porque você vê aquele professor Rubismar, a pessoa da Leia Livraria, é um grande empresário, o homem trouxe você na minha casa, ele teve o prazer de trazer você na minha casa, porque sabia, não vou levar em Massaroca porque Massaroca é uma cultura, você vê é

uma cultura viva. Edna, eu já dei entrevista aqui em Cajazeiras em emissora, eu parei a cidade todinha, parei a Rio do Peixe, parei as cidades tudo vizinha para me escutar, o velho Massaroca. Eu já dei entrevista minha filha, eu no programa de Manoel Neto, de doze horas, eu parei a cidade, lá, lá ele disse, olha Massaroca, até a data de hoje eu já entrevistei muitas pessoas, mas até hoje você está batendo o recorde, de tanto, meu notebook, cheio de tudo, de tanta coisa boa, porque Massaroca, inclusive ele me chamou de novo, eu disse não por enquanto não Manoel, deixa dar um tempo, né assim [riso], vamos dar um tempo. Porque minha filha, você sabe, que rádio é uma coisa complicada, eu ligo para uma emissora hoje, amanhã eu ligo para outra, porque eu não posso ligar para um só. O povo, inclusive as emissoras de Cajazeiras, minha filha eu dou audiência, porque quem me diz é o dono das emissoras. Ele disse Massaroca as tuas participações dão audiência, porque tu, tu é uma pessoa que tem cultura, tu, tu faz a denúncia em cima de uma realidade. Eu fazia. Sabe Edna que não existe né Edna. Porque que a minha entrevista tem crédito? Por causa disso. Já fui chamado para ser entrevistado em Sousa, na emissora de Sousa, inclusive eu, eu tenho uma entrevista para o jornal de Sousa, vieram aqui. Massaroca, eu que quero que você vá lá em Sousa, lá para nossa emissora, para você ser entrevistado, você é um homem muito grande, eu estou aqui em nome da emissora, para você ser entrevistado lá Massaroca. Eu vou. Mas eu nunca fui. Edna eu tenho filho em Sousa, eu tenho filho que tem mercado lá em Sousa, mas, eu ando sempre lá em Sosua de vez em quando, mas, inclusive ele disse Massaroca você disse que vinha, você não vem, inclusive eu disse eu vou. Eu acho que nesse final de mês eu vou em Sousa, na emissora de Sousa. Porque graças a Deus minha filha, o povo gosta muito do velho Massa, eles me chamam, já botaram um apelido, o velho Massa, porque ele vê a minha cultura, ele vê o meu trabalho, da minha cidade.

F.F. – Certo. É, o rádio quando ele surgiu, é, no Brasil, ele surgiu voltado só para elite, para as pessoas que tinham dinheiro...

L.S. – Justamente, justamente. Endinheirado.

F.F. – Porque não tinham dinheiro para comprar o aparelho o, a população. Só que com o tempo ele passou a, ele se tornou um veículo de massa, ao invés de só a elite ouvir, todo mundo ouvia.

L.S. – Ouvindo. Porque você, você sabe, minha jovem, hoje o nosso país está desenvolvido, o nosso país você sabe que uns anos aqui atrás, só quem existia uma televisão colorida era os ricos, os milionários. Porque um pobre não podia possuir um carro, não podia possuir uma televisão, você soube da história, um pobre não podia possuir nada, só quem tinha era a elite, os mais ricos. Hoje um pobre, você pode chegar em qualquer loja aí, um cidadão de bem, você pode chegar numa loja, você pode comprar um carro que quiser a prestação, você compra televisão daquele grandão, cinquenta polegadas a prestações, quer dizer que o pobre está igual ao rico, não tem quase nenhuma diferença.

F.F. – Aí o senhor acredita que essa mudança do rádio ao invés de ser só para elite, e tornar para todo mundo, para massa, é a garantia dele existir até hoje? Se não tivesse acontecido essa mudança do rádio ser um, um, um veículo de informação que todo mundo escuta, ele ainda existiria até hoje?

L.S. – Existia não. Você sabe que hoje, eu, isso aqui minha filha eu vou explicar a você, isso aqui, essa, essa bondade, agora nós vamos tocar em política. Essa bondade desse país, evoluiu depois que o Lula foi presidente, que o Lula deu vez e voz a cada um de nós, você sabe que não existia isso. Hoje, o Lula depois que ele, que ele, que ele governou esse país e hoje que está governado por essa, essa Dilma, essa pessoa maravilhosa, essa pessoa digna, sei que vai se eleger novamente, porque minha filha esse país, esse país, não porque você é feminina não, esse país noventa por cento era para governar a feminina, porque a feminina tem cultura e sabe onde está o problema das pessoas. Mas muitos machão político, pensa que é o dono do mundo, não existe. A sociedade deste país tem que, tem que investir mais na feminina, para ser deputada federal, para ser governadora, ser senadora, porque eu vejo onde essas mulheres estão governando, a evoluência dessa cidade. Você está vendo com essa doutora Denise, essa cidade está uma cultura, essa mulher não tem um adversário, essa mulher é todo mundo de um jeito só, isso é bom, não tem puxa saco, não tem, isso, isso não é importante? Uma mulher você vê ela no meio da rua, esperando o motorista dela, governando uma cidade maravilhosa, porque a cidade de Cajazeiras é uma cidade maravilhosa, uma cidade que tem muitas coisas boas, não é minha filha, num é assim? A gente tem que, a gente tem que levar o caso para cima de si, por mim e pelos outros, porque muita gente minha filha não vê o trabalho que essa mulher está fazendo nessa cidade, uma cultura. Quer dizer que uma feminina, hoje está existindo uma coisa que não existia, hoje está existindo muita coisa boa nessa cidade, isso é muito bom para essa cidade.

F.F. – Certo. É, e com relação essa mudança do rádio se tornar popular, para ser ouvido por todo mundo, o senhor acredita também se não tivesse acontecido essa mudança, ele ainda existiria como um meio de comunicação com tanta força, já que existem outros meios de comunicação como internet, televisão, jornal?

L.S. – Minha filha você, minha filha o rádio hoje, o rádio é, você sabe que o Congresso Nacional, o terceiro, o terceiro ídolo deste país é o jornalista. Você sabe que o jornalista hoje é o terceiro ídolo do país. Porque, quer dizer é, é, que a comunicação hoje, é o terceira coisa do mundo, ou seja, primeiro o senador, o senado, a corte. Você sabe minha filha hoje o rádio, hoje teve uma grande evolução, evoluiu muitas coisas boas, muitas coisas maravilhosas, você vê todo mundo tem seu raidinho, você vê eu tenho meu raidinho, onde eu estou escutando o programa, estou escutando, passo uma emissora, passo para outra emissora, para ver o que está acontecendo nesse país. Porque quando eu ligar para emissora, eu vou dizer o que eu estou dizendo. Olhe, eu assisto, aqui eu tenho duas televisão no meu quarto, o jornal, o jornal, eu gosto muito de assistir o Jornal Nacional, porque minha filha quando eu sei uma coisa no rádio, você acha que o jornal falou, porque o Jornal Nacional quando ele dá um erro pequeno, depois ele

volta ele pede desculpas, foi assim, assim, assim, não foi do jeito que eu falei. Quer dizer que no mesmo instante ele revira as coisas que, que falou errado, num é assim. Quer dizer, é a mesma coisa do rádio, o rádio quando o jornalista faz alguma coisa que não está na orçamento deles, eles volta para trás, meus amigos num foi assim, assim, assim, eu disse uma coisa que, que não valeu. Olha como isso é bom. Olha minha filha, o rádio está cada dia, está evoluindo as coisas. Você vê, a televisão, hoje a televisão, hoje já, já, já está tudo digital, num é evolução nesse país?

F.F. – Com certeza.

L.S. – A internet é uma coisa muito importante, você vê acontece um acidente no Rio de Janeiro, na internet você está vendo tudo, olha aqui na Paraíba, em João Pessoa, em Campina Grande, no país. A internet está amostrando tudo, quer dizer isso aqui não existia não é, é parte do jornalista, parte do televisor, do jornal, porque a internet, é outra coisa muito importante neste país, é muito importante a internet, porque você vê muitas coisas, você vê minha jornalista, eu nunca vi na minha vida, você escolar, você estudar por uma televisão, hoje você está vendo né, até se informa de frente uma televisão né. Sem você nem ir lá.

F.F. – É verdade.

L.S. – Eu vejo que, eu vejo o estudo das televisão, os professores fazendo, dando aquelas aulas, essas pessoas que tem cultura estudando. Isso não é importante. Quer dizer, que isso não existia. Se não fosse a televisão, nem o rádio, nem a internet essas coisas não existiam, né filha, quer dizer a evolução deste país. Que este país cada vez está evoluindo, cada, cada dia está evoluindo. Quer dizer que a gente, a gente como ser humano, a gente tem que investir nas coisas que, como ela é, você não pode, você não pode fazer uma coisa minha filha que não existe. Eu não posso, você está me entrevistando aqui, eu não posso dizer uma coisa que não existe, e graças a Deus, eu, eu tenho essa idade todinha, eu nasci em 1948, mas o meu documento é de 51, porque quando eu fui me casar, que eu me casei em 70, quando eu me casei, você sabe antigamente era tudo feito na mão, não é que nem hoje que eu chego no cartório, é tudo no computador, é tudo na internet, tá, tá, tá, tá, já sai, já sai prontinho né. Hoje em dia não existe, é na mão, é naquela máquina velha de vídeo, puxando um toc, toc, toc, toc, hoje, hoje, hoje minha filha evoluiu tudo, não é assim. Você chega num cartório, você vai se casar ou fazer um documento você, você já viu minha filha. Antigamente jornalista, você ia fazer um título de eleitor você passava, você passava um mês para vir, hoje você recebe na hora. Não é assim. Um casamento civil você recebe na hora, tudo é na, tudo é quentinho na hora, quer dizer que tudo mudou não é minha filha, mudou dez mil por centos. Quer dizer que tudo mudou dez mil por cento. Quer dizer que é a cultura, quer dizer que esse país é só desenvolvendo, só cultura desenvolvida, desenvolvida, desenvolvida. Hoje nós estamos como nós estamos não é minha filha. Com essas coisas boas nessa cidade.

F.F. – É, é verdade. E o rádio ele é um meio de comunicação marcante aqui na cidade. Qual o grau de importância, qual a importância que o senhor vê que a população aqui da cidade dá para o rádio?

L.S. – Há, dou tudo. Você chega aqui minha filha, você chega hora meio dia num tem um rádio nesta cidade que não esteja ligado nos programas. Pode ser qualquer programa. Aqui em Cajazeiras tem quatro, cinco emissoras de rádio, todo mundo bota, todo mundo está ligado. Os rádios são uma cultura. É uma cultura, é um meio de muitas coisas boas. Você não venha dizer que rádio, rádio hoje neste, aqui em Cajazeiras, aliás, no mundo inteiro, o jornalista minha filha, hoje é o primeiro lugar do mundo, do meu pensar. É o primeiro lugar do mundo. Porque tudo no mundo, o rádio falou, o rádio falou, para que o rádio está dizendo, quer dizer que já sai, tudo que você aqui vê no globo, aqui do nosso Sertão Nordestino sai no rádio. E você sai passando para as pessoas. Mesmo que se um dia o rádio chegar a mentir, você sai mentindo do mesmo jeito, porque o rádio disse. Ah mais foi mentira do rádio, ela escutou falando você, se for mentira é do rádio. Não é assim.

F.F. – É, pensando no rádio desde quando ele surgiu até hoje, é, depois do surgimento do rádio, como a gente conversou, já veio a televisão, veio a internet. O senhor acha que aqui dentro de Cajazeiras, quando surge a televisão e a internet, o rádio ele perde espaço?

L.S. – Perde não.

F.F. – Ele não perdeu espaço?

L.S. – Não perde. O rádio minha filha, o rádio nessa cidade é a coisa mais importante do mundo, olha minha filha, olhe você pode, você pode sair aqui depois de, de, de onze e meia para doze hora, que todo mundo está com os rádio ligado, pergunta se tem televisão? Tem não. Primeiro lugar o rádio. O rádio, hoje, hoje, bem nessa cidade e aqui no sertão nordestino, o rádio minha filha, é nota dez. É o primeiro lugar nessa cidade é o rádio. Porque o rádio é quem traz muitas coisas boas. Porque o rádio faz um apanhando do jornalista, da cidade, do sertão e da Paraíba para passar meio dia no jornalístico para você escutar tudo. O que você está dizendo é que eles já pegaram em João Pessoa, Campina Grande, Guarabira, quer dizer você sabe minha filha, o rádio é, o rádio através de tudo, não é assim. Porque o rádio, eu tenho certeza menina, que esse, esse rádio nunca vai, o rádio nunca vai perder espaço. Eu tenho certeza que não vai perder espaço, porque o rádio é, no meu modo de pensar, é nota dez.

F.F. – Então a população aqui da cidade ela escuta o rádio da mesma forma? O senhor acredita que a mesma frequência de antes, do começo, ainda resistiu?

L.S. – E mais, evoluiu. O rádio está escutando, tem, o rádio hoje minha filha, tem cem por cento de audiência do passado, hoje ele tem cem por cento. Porque antigamente minha filha, não era no seu tempo, quando era no meu tempo, não existia rádio, tinha aquele raidinho ABC dos anos passados, só quem tinha o rádio era o rico, era dinheiro,

muito dinheiro. No passado você sabe que não existia televisão, não existia carro, no meu tempo. Você vê um carro uma vez na vida. Hoje, hoje a, evoluiu tanto que você sabe, todo mundo tem uma moto, todo mundo tem um carro, todo mundo tem, tem um televisão, um guarda-roupa bom, todo mundo pode comprar. Acontece que você, precisa ser controlado, agora minha filha para o desmantelado você sabe que num tem tanto né, o cara olha minha filha. Você vê, eu sou aposentado, minha mulher é aposentada, graças a Deus, e eu peço a Deus todo dia minha filha, de onde eu sou minha filha, eu passei a minha vida foi trabalhando na roça. Criei seis filhos maravilhosos, que eu me orgulho de ter meus filhos, porque eu tenho filho com quarenta e três anos de idade, eu já tenho bisneto, graças a Deus eu sou um muito feliz, eu sei, eu sei minha filha, que a gente tem problema com a família, mas o velho Massa sempre gosta de botar ordem na casa. Os meus filho mais velho me ouve, quando eu digo uma coisa ele vai escutar o que eu estou dizendo, e muitas vezes quando não escuta, com os dias ele vem, meu pai o que o senhor me disse dois, três dias aqui atrás eu estou vendo, o senhor estava certo. Por aí você vê, quer dizer, isso é uma cultura. Graças a Deus, eu minha filha, eu me orgulho, eu, se eu chegar a fechar os olhos, hoje, minha filha porque ninguém sabe o dia de amanhã né, você sabe que muita gente, muitas pessoas maravilhosas, está, hoje está aqui, amanhã não está não é assim, não é assim minha filha?

F.F. – Desse jeito.

L.S. – Eu vejo gente minha filha que não pode vestir nem uma roupa, pisando todo mundo, minha jovem isso não existe, nós somos iguais, está certo nós não somos iguais às vezes na cultura, você é formada, no estudo. Mas se todo mundo pensasse que nem eu penso, quem nem você pensa, e muitos pensam, o nosso Brasil era outra vida. Você sabe minha filha hoje, hoje neste país o que está acabando com as crianças, é essa droga. Está acabando com nosso país, essa droga está acabando nosso país, está destruindo o nosso país. Não é minha filha, não é? Você sabe, eu como pai de família, eu não minto para você não minha filha, eu tenho filho com isso na minha família, eu sei, sei o que eu estou passando, passo, porque já internei esse meu filho em Juazeiro, já no Crato, Campina Grande, João Pessoa, Sousa, já gastei com o filho uma fortuna, mas minha filha é uma doença sem cura. Minha filha para você hoje ser hoje um dependido da química, dessa química amaldiçoada, para sair é muito difícil, e tem uma coisa minha filha, e é pai de família que tem quatro filho. Aí eu tenho que chegar junto com todos eles porque, porque eu não vou deixar meu nego, eu preciso formar menos um filho meu. Quer dizer minha filha, graças a Deus, porque é que Deus me abençoa? Tudo, tudo minha filha, tudo para mim é fácil. Eu digo a você minha filha, graças a Deus tudo o que eu quero eu consigo na minha vida, porque o meu senhor Jesus me abençoa, me protege. Porque os meus filhos me beija no meio da rua, pode ser onde eu estiver me cheira no meio da rua, homem, mulher não tem esse negócio não. Porque minha filha, eu faço alguma coisa pelos meus filhos. Eu digo a você minha filha, eu não posso minha filha, Massaroca não pode, ter uma casa, e meu filho pagar aluguel. Eu conheço pai de família que filho paga aluguel ao pai, minha filha isso não existe. Isso é o maior crime

do mundo. Eu tenho seis filhos, graças ao meu senhor Jesus, cada um tem uma casa para morar que o velho Massa deu. Ninguém paga aluguel, isso não é bom filha?

F.F – É com certeza.

L.S. Não é bom. Quer dizer que isso, isso para um pai não é uma benção de Deus? Você ter seu filho que não paga aluguel. Eu tenho uma filha minha, não formou-se porque não quis, mas ela, ela terminou os estudos dela. Minha filha vá para a universidade, vá faça um curso para médico, mas não quis. Eu vou fazer o que? Olhe minha parte eu fiz, não é minha filha? E estou fazendo, ela é uma mulher jovem com trinta e dois anos de idade, quer dizer que não está em tempo? Minha filha vá estudar minha filha. Faça um curso na universidade, vá estudar, faça alguma coisa minha filha, você ser uma pessoa na vida. Você não vai ter seu velho pai toda vida, um dia eu vou desaparecer como é que você vai ficar? Tá certo, eu, o que eu tenho graças a Deus, dá para a gente ir vivendo, tem nosso salário, tem minhas coisas, tem meus negócios, dá para a gente ir vivendo, mais minha filha, mas quando o velho desaparecer como vai ficar sua vida? Você tem que caçar o seu meio de vida, estudar que nem muitos estão fazendo não é minha filha? Porque no dia que o velho viajar, porque a gente, a gente minha filha, a gente tem a morte como certeza, não é assim? Porque não adianta minha filha, eu digo uma coisa a você, se eu tiver de fazer por meus filhos, eu tenho que fazer em vida. Depois que morrer minha filha, não vai adiantar o que? *Nada*. Duas coisas, nem caixão tem gaveta e nem mortalha tem bolso. Num é assim?

F.F – É verdade.

L.S. – Porque você leva o que? Você leva nada. Mas tem gente que não enxergar os filhos, que não enxergar a família. Eu tenho, eu tenho uma sobrinha minha, que eu vi a situação de uma sobrinha minha, a bichinha vivia bolando para lá porque o marido não ganhava quase nada, eu disse minha filha quer saber de uma coisa, vem morar numa casa minha. Agora você não vai pagar aluguel não, porque eu estou vendo sua situação. Essa, essa é minha funcionária que cuida da minha casa. Tio, eu não posso fazer de, fazer uma coisa, na casa do senhor. Eu sou, minha filha eu sou diferente dos outros. Você está vendo aqui, aqui é minha casa. O que tem na casa da minha esposa tem mais do que eu tenho na minha casa. Porque eu, eu vivo, eu moro aqui só, mas por quê? Porque eu gosto de assistir televisão, minha mulher não gosta, minha mulher é evangélica, minha mulher num gosta, muitas que eu gosto ela não gosta. Não minha filha é o seguinte, você vá lá, na sua casa que eu moro na minha casa. Aqui é minha casa e lá embaixo é a casa dela. Não é assim? Porque eu não estou ouvindo nem nós briga, nem nós temos, não é assim? Quer dizer que é uma coisa de Deus. Mas viva minha esposa. Sou casado a quarenta e quatro anos, com ela. Minha filha é poucos homem que fala bem da esposa, você sabe da história. Porque a minha mulher se fosse para eu casar com ela, eu casava todo dia. Porque eu sou casado com uma mulher maravilhosa. Porque isso é bom, porque eu digo a você minha filha, a minha mulher é tudo, tudo, que nós conseguimos nós dois, eu, nós não vive juntos, a nossa, a nossa

união. E outra filha, nós é, nós é, nós somos independentes de duas coisas, de uma coisa, ela tem os negócios dela, eu tenho os meus negócios. Ela mexe com um capital, eu mexo com meu capital. Quer dizer, a minha mulher minha filha, eu nunca dei, eu nunca dei a minha mulher um biquíni. Tudo ela consegue para viver a vida dela e dar aos filhos, que isso não é importante? Quer dizer minha mulher é uma mulher independente, por isso, porque que nós somos, porque que nós nos damos bem? Por causa disso. Massaroca me dê cinco reais, dez reais, não, nunca pediu. Que às vezes, muitas vezes eu falo é dinheiro emprestado a ela, interessante né. Minha mulher às vezes é quem me ajuda. Fátima de dê tanto aí, na hora velho. Agora velho tem pagar não é compadre. Se não pagar o coco é seco. Eu tenho que pagar não é comadre. Pode ser mil, pode ser dois, pode ser dez. Se arrumar tem que pagar. Porque é o mesmo caso meu. Porque que nós vive bem? Porque nós temos aquela união de ser humano. Porque disse, não Massaroca não mora na mesma casa da mulher, claro. Mas a nossa convivência, é uma convivência de Jesus. Porque, porque, a minha esposa, eu me orgulho do que eu digo, acabei de dizer a você, eu me orgulho, se fosse casar agora, eu casava todo dia. Porque já, já disse tudo, não é assim?

F.F. – É verdade. Pronto. É, o senhor acha que os movimentos políticos que acontecem aqui dentro da cidade, políticos e econômicos, eles são importantes para o funcionamento do rádio? E aqui dentro da cidade esses movimentos que acontecem na política, modificam ou alteram esse funcionamento que acontece dentro do rádio?

L. S. – Olhe minha filha, a política hoje neste país, é muito complicado. Você é exemplo, você é uma mulher que está se formando, já é formada?

F.F. – Não, eu me formo agora.

L.S. – Tá se formando, você vê o nosso país, o nosso país hoje, o nosso país, os piores pilantras são os políticos. Minha filha não é todos, não é minha filha, vamos discriminar as coisas, você, você vê, o esse, esse, esse, esse Barbosa expulsar, expulsar advogado hoje do TSE. Expulsou aí através da polícia para fora, botou ele para fora, porque ele queria existir uma coisa que não existia. Hoje nós temos uma corte maravilhosa com aquele Joaquim Barbosa, aquele homem foi exemplo do mundo, aquele ser foi exemplo do mundo, porque você vê, você sabe minha filha, você nunca viu um rico na cadeia, você está vendo caba que, que desviou bilhões e bilhões, está, está na grade, o bicho com a cara do tamanho do mundo, em tempo de morder todo mundo, hoje está lá *preso*, esse cara que, esse cara que desviou o dinheiro da Petrobrás agora num sei quantos milhões, está preso. O negão mostrou exemplo aí, vá lá para o xilindró filha da mãe. Agora minha filha, eu acho uma coisa errada esse pilantra, que eu chamo é pilantra minha filha, que ele está tendo o seu dinheiro, o meu dinheiro, o dinheiro da nação, porque o dinheiro não é dele. Esse dinheiro se arrecada do imposto que você paga, que eu pago, porque nós come, nós se alimenta, nós paga o imposto, isso, esse dinheiro vai para lá. Para esses caras que tem um poder aquisitivo, aí tem o poder de desviar tudo, botar tudo na conta deles e gasta com a família, isso existe minha filha, isso é uma

coisa, esses, esses caras devia, devia terminar como começou, o, a justiça devia confiscar tudo o que eles tinham. Olha rapaz você não arrumou com o trabalho, você tirou do, você tirou do bem do povo do país, isso aqui não é seu, nem é meu, é do povo, é desviar e botar lá. É isso que eu falo minha filha, que eu vejo muitas coisas assim nesse ponto. Os políticos, agora minha filha não é todos os políticos que é desse jeito minha filha, você sabe não é, a gente tira a maioria, mas tem uma equipe de gente aí, você sabe minha filha, você sabe essa cidade, você vê passa quatro anos, lá alguma vez vem um político aqui, agora está aparecendo todo mundo. Porque minha filha, você sabe, quanto um político ganha mesmo minha filha? Ganha uma fortuna. É brigando, meu povo, meu povo não, meu povo minha conta bancária que eu quero subir lá para cima. Que é o que eles fazem, não é assim. Não é assim? Os políticos é, é, você. Eu vejo exemplo de muita coisa. Você faz um concurso público, mesmo na federação, um filho do deputado se, se, passar no outro dia está empregado. Um filho de um juiz, se passar no outro dia está empregado. Um filho de um senador, já arruma emprego no outro dia, porque já passou no concurso público. Eu vejo, eu, eu conheço pobre que passou no primeiro lugar, nem um emprego não chamou ainda, porque o pobre, o pobre minha filha sempre é discriminado, até para concurso público o pobre é discriminado. Não, não é todos, mais a maioria desses empregos valiosos.

F.F. – Há influência.

L.S. – Há influência, não é, não é assim? Chama o filho de fulano de tal, doutor fulano de tal, deputado fulano de tal, senador fulano de tal, não é assim? Aí você que tem um estudo na frente do dele, você fica de fora. Eu conheço gente que passou no concurso federal, nunca trabalhou. Os bancários nunca trabalhou. Os caba filho de papai, filho de mamãe, filho de gostosinho está trabalhando nos bancos, e o pobre que passou não tem vez e voz para trabalhar, porque eles não enxergam. Enxerga a maioria, a maioria desses políticos enxerga nós como lixo, só que nós para votar mesmo, para se engrandecer, para ficar lá em cima. E nós ficar o q? Eu digo a você minha filha, eu digo a você minha filha, eu, eu tenho exemplo de vida, por quê? Eu tenho uma filha minha, essa que nós estava conversando agora, esse que não se formou-se, fez só terminar. Ela trabalhou quinze anos no estado, foi funcionária. Minha filha faça um concurso minha filha, porque se você for concursada, ninguém mexe com você. Não pai, você sabe. O que aconteceu? Eu sou ligado ao Deputado José Aldenir, quando houve a mudança de governador, o que foi que ele fez? Botou José Aldenir para fora, ele botou ele para fora. Está vendo o que acontece? Se ela fosse concursada? Tinha saído? Não.

F.F. – Tinha ficado.

L.S. – Não tinha ficado? Eu peço a minha filha como jornalista, faça jeito de você, confiando em Deus, se formar e fazer um concurso público, porque que nem você né. Agora eu não sei, Ave Maria, Ave Maria mexe no que é alheio, aí não é minha filha. Mas, no seu trabalho direitinho como médica, ou como professora, ou como engenheira, ou como qualquer coisa, você estando concursado ninguém mexe com você.

F.F – Então a, a, o senhor acha que a política aqui dentro de Cajazeiras ela modifica o, o, altera o funcionamento dentro do rádio?

L.S. – Muita coisa.

F.F. – Ela influencia?

L.S. – Muitas coisas, influi em muitas coisas. Eu tenho exemplo de político aqui em Cajazeiras muitos anos. Minha filha e eu comecei a votar em mil novecentos e sessenta e pouco, estou com muitos anos, a minha idade que comecei e a que estou né? Quer dizer que muitos anos que eu voto não é? Mas eu já vi, minha filha de político a gente só vê boi voar. Mas a gente já viu tudo filha, já viu tudo. Porque os políticos hoje, hoje nesse país, os políticos hoje quem está dominando esse país. Porque eu quero votar num, acabou. Eu conheço político aqui em Cajazeiras que levou aqui milhões de voto dessa cidade, só vem aqui atrás, atrás de novo pra que minha filha? Iludir os mais fracos. Porque minha filha você sabe como muitos políticos aqui, se elege através do dinheiro, os mala preta. Não é assim? Porque o, o pequeno não pode ver um nota de cem, duzentos contos, trezentos conto. Chega aqui numa casa tem oito, dez mil, tem oito, dez votos. Minha filha eu vou lhe dar quinhentos conto. Aí esse que trabalhou aqui pela cidade a vida toda o voto dele não vai ver, vai ver aquele. Minha filha eu já fui candidato uma vez. Eu fui candidato.

F.F. – O senhor foi candidato a vereador?

L.S. – Eu tenho exemplo. Sim, a vereador. Eu tirei trezentos votos na época. Eu tirei duzentos e noventa e seis votos, foi quase trezentos votos na época. Agora minha filha, eu não vou dizer a você, quem votou em mim, votou de livre e espontânea vontade. Minha filha eu fui o único candidato deste país, que fui candidato com dinheiro no bolso. Que muita gente me ajudaram. O povo mandava deixar dinheiro aqui com um envelope aqui na minha casa para me ajudar na minha campanha. Eu tenho uma mulher que eu devo muito a ela, essa de Zé Claudino, que ela pagou para mim, ela pagou na época, faz muitos anos, ela pagou o moto táxi para eu andar a zona rural todinha, na minha campanha todinha para me ajudar, não é uma ajuda muito grande, não é uma ajuda grande? Não é uma ajuda grande?

F.F. – É sim.

L.S. – Fez tudo por mim. O povo me dava dinheiro. Eu fui candidato com dinheiro no bolso. Interessante. O povo diz não porque eu gastei todo na política, não. Os caba diz, oxente Massaroca, tu é dono desse mercado e não acabou nada. Eu fui um candidato. O meu comércio eu não podia, o comércio da minha filha, a minha filha é quem dominava o comerciazinho aqui, como é que eu ia dar ao povo. Eu sou da roça cara. Não, mas os políticos gasta tudo. Mas minha filha homem sério, pouco gasta numa campanha. Você tira pelo Deputado José Aldemir, num sei se você conhece José Aldemir. Esse homem tem trabalho. Esse José Aldemir é uma pessoa maravilhosa. Tem muito trabalho nessa cidade, tem muitos serviços prestados. Uma coisa minha filha, ou você, você para se

eleger hoje, ou você tem que ter muito dinheiro ou muito trabalho. Porque o povo já, o povo minha filha estão esperto. Esses políticos que lê um, o povo só vota por dinheiro. Disse não, porque a justiça improibe de dar dinheiro, não improibe não, se você quer dá dinheiro quem vê você dando? Como é que vai pegar você dando dinheiro pro povo? Não, num pega não cumpade, e ajuda e acabou. Agora moça, Zé Aldemir é um deputado, vários políticos se elege com trabalho e por dignidade. O caba que dizer, o caba que disser que comeu de José Aldemir um centavo está mentindo. Agora na saúde, minha filha eu digo a você que eu sou testemunha, na saúde ele gasta tudo na saúde pra lhe ajudar, quer dizer minha que já é, num já muita coisa. Pra um político já muita coisa. Quer dizer, por que que José Aldemir tira 50, 40 mil voto? Porque, e a votação dele minha filha nunca vai cair, porque eu, eu, eu digo a você jovem, eu tamo junto com ele a muitos anos, com Zé Aldemir. Eu sou um candidato independente, eu sou, eu sou uma pessoa independente, eu voto em quem eu quero, luto com quem eu quero, dependendo do meu trabalho, e minha filha, eu tô, eu tô com 50 ano que planto roça. A minha casa, eu mostro até meu quarto cheio de ruma aí, isso foi do ano passado, então o quarto é cheio você vê aí, você se admira mais, Massaroca é, é fogo mesmo, porque minha filha? O meu filho precisa de se alimentar as vezes. Pai, você vê eu tenho um bujão de gás pra manter meus filhos, o bujão de pai secou, vá buscar minha filha. Agora tem que pagar né minha filha, num pode dá dado. O custo, agora um filho meu paga só o custo. Porque eu tenho um bujãozinho pra manter os meus filhos. Porque é só o custo pro bujão de gás é trinta e quatro real minha filha, você vai pagar trinta e quatro, só que eu pago quarenta real, quer dizer que eu tenho pra manter meus filhos num é assim minha filha. A, um feijãozinho as vezes num tem, pai, tenho filha, tem, eu tenho os garrafão cheio, eu tenho oito, dez sacode arroz, cinco fardo de açúcar, tem cinco, seis caixas de óleo, tudo eu tenho na minha casa, mas pra manter os meu filhos. Quando precisar tem. Num é assim, num é bom assim? Porque, graças a Deus me abençoa, tudo que eu quero vem as minhas mãos. Eu sou uma pessoa que minha filha, graças a Deus, a minha mãe, eu tenho uma mãezinha parece uma santa minha mãe, parece uma santinha. Se você for na minha casa você, mais rapaz isso é a mãe de Massaroca? Minha filha, é uma santa, veve com minha esposa, meu pai morreu, meu pai em sessenta, sessenta e oito, ela, essa mulher mora mais eu, eu tenho nove irmão, mais nenhum deu, deu por mal feito minha mãe morar mais eu. Elas, eles pedem não eu vou levar mãe pra São Paulo, que eu tenho um bocado de irmão em São Paulo, aí eles, aí ela num sai de perto dele, só saio de perto de meu filho quando eu morrer. Agora quando eu morrer. Não senhora. De meu filho aqui eu não saio de perto dele. Quer dizer que eu num sou uma pessoa abençoado. Olha minha filha, se você tem uma família maravilhosa, tem uma mãe abençoada, tem uma mulher abençoada, quer dizer que você quer o que na sua vida? Saúde, graças a Deus eu tenho saúde, graças a deus, sou diabético eu não vou negar, mas eu num controlo né minha filha, eu num controlo. Porque o diabético é uma doença complicada, muito grande, mas você sabendo dividir, você dura muita coisa, dura uma vida né, agora se eu for beber, for farrar, for tudo aí eu num, num é assim? Aí você num vai aturar nada. Nada. É isso, minha vida é, minha vida é um livro aberto, porque eu sou um homem feliz, sou um homem abençoado, sou um homem abençoado de Deus, porque eu tenho

de Deus tudo que eu quero, eu consigo minha filha, porque se você, se você morasse perto de mim, você ia vê as popular aqui tudo me adora. Todo mundo gosta de mim, eu fui, eu, eu tenho um candidato aqui de frente a minha casa, eu num pode votar nele, eu votei num amigo meu que morava, Lindemberg, aqui nessa rua ele tirou duzentos e sessenta voto. Da outra vez ele só tirou cinquenta e três voto, quer dizer que num evoluiu. Eu graças a Deus, o povo gosta muito de mim, aqui você, aqui nunca falta gente pra conversar comigo, a gente vê aí, aqui nunca falta gente, bater um papo comigo. Aqui é cheio de gente de tarde conversando comigo. Porque minha filha, graças a Deus eu sou uma pessoa de Deus, eu tenho nada contra ninguém, minha filha, se eu num puder te ajudar, eu num vou te atrapalhar, jamais. Eu peço a meu vereador, dá as coisas pro povo, as vezes precisa de mim, Massaroca eu tô precisando de medicamento, isso assim, assim, assim, um remédio, uma coisa, eu vou lá e entrego, olha vereador, e tá resolvendo né minha filha. Quer dizer, é claro que, é claro, confiando em meu Senhor Jesus, que na próxima campanha, quer dizer, quer dizer que ele vai, ele vai tirar mais vot, num é assim minha filha. Porque o político, tem político que só quer comer, num faz nada por ninguém, mas esse vereador que mora aqui perto de mim, Antonio Galego, ele parece o SAMU, porque é gente de noite e dia, e meu vereador Lindemberg vai fazer o mesmo trabalho, porque eu gosto de ajudar a quem mais precisa. Tá certo que eu preciso, mas tem gente que precisa mais do que eu, num é assim, num é minha filha. Tem gente que precisa mais do que mim, né? Mais e, eu sou abençoado, eu sou aposentado, a minha mulher é aposentada, o que nós ganha dá pra fazer a nossa ferinha e aqui acolá ajudar meus filhos. Num é assim? Quer dizer que eu sou o que? Abençoado. Num é assim. Eu não posso, se eu me queixar minha filha é de barriga cheia, num é (risos)?

F.F. – É verdade, tem que agradecer.

L.S. – Tem que agradecer ao meu Senhor, é a meu Senhor Jesus.

F.F. – É, o senhor enquanto ouvinte do rádio, enquanto participante, o senhor sabe que muitas das notícias, muitas das notícias que são transmitidas no rádio, elas são é, informadas pela população.

L.S. – Lógico, lógico.

F.F. – Aí o senhor liga pro rádio, o senhor faz uma denúncia, o senhor faz um apelo.

L.S. – É um apelo.

F.F. – O senhor acha que esse papel da população enquanto colaborador com a informação é importante?

L.S. – Muito importante. É muito importante. O rádio, o rádio minha filha num morde ninguém, aquele microfone num morde ninguém. Você pode, você pode chegar lá, você pode ir ao vivo, tanto faz, ligar, porque você vê, eu, eu graças a Deus, eu moro aqui, aqui nas Popular desde, aqui mesmo eu moro desde setenta e quatro, aqui, nessa casa

aqui. Minha filha é o seguinte, eu vou dizer a você. Porque, os políticos gosta muito de mim, eu não, minha filha muitas coisas aqui eu consegui pra esse bairro, praça, já consegui calçamento, pedindo, porque você sabe moça, você no rádio todo dia pedindo uma coisa, o político se abusa, esse cara tanto pede rapaz, vamo fazer pra ele deixar de pedir. Essa praça aí, eu pedi trinta e dois anos, essa minha rua aí, que eu tenho essa horror de casa aí, minha filha, eu, eu pedi trinta ano. Pense aí você pedir uma coisa trinta ano. Quer dizer que, o político num se abusa. Hoje aqui minha, hoje aqui num, num, num, nós precisemo de um grande investimento, o cemitério da Zona Norte, porque? Um chegou pra mim pra dizer, Massaroca tu pede tanto esse cemitério porquê? Meu filho, porque nós precisa. Porque tu, quando morre um pobre aqui, quando morre um pobre, chega no cemitério eu, Antônio Galego e Zé do Barraco. Muito pouca gente lá. Muitas vezes eu, eu já fui, eu de pobre aqui, o coveiro tem que pegar a asa do caixão porque não tem quem bote dentro do buraco. Agora quando morre um caba endinheirado aí vai o mundo todinho. Oh e, você sabe filha, muita gente num é sadio, tem um problema na coluna, na perna, e sendo aqui perto o povo num vão? Quer dizer que vai mais gente, não aqui pertinho, aqui na Zona Norte, aqui todo mundo vai né, no cemitério. Se eu morrer vai ter que levar pro cemitério, vai fazer o que? Quem nunca andou, olha minha filha, nós temos de morrer, nós tem o dia de nascer e o dia de morrer, ninguém morre antes da hora não, ah fulano morreu, morreu porque tinha o dia de morrer, é perdido. Isso aí, você num precisa, você num tenha nem dúvida. Você tem o dia de nascer e o dia de morrer, isso aí, isso aí só Deus empata, só Deus. E você tem de viajar minha filha, você tira pelo exemplo daquele caba do Rio de Janeiro, o avião lotado, lotado cheio de negócio de São Paulo, aí deixou a bolsa lá em cima da mesa de, daquele negócio tudo lá, o avião teve que descer, fazer ele descer, e o avião foi se embora e ele ficou. Quando ele chegou em casa que ligou a televisão o avião tinha caído, pronto, acabou morreu todo mundo. Quer dizer que ele não tinha que morrer naquele dia num é verdade minha filha. Eu, minha filha você só morre no dia e na hora. Chegou o dia minha filha, você só Deus, você, você tem que viajar pra seu caminho, seu caminho do céu, ou de algum canto, mas se você minha filha, fizer na terra boa coisa, você recebe boa coisa, se você, você colha o que você plantou. Se você plantou feijão, você colhe feijão. Se você plantou ruindade, você vai colher ruindade. A gente, a gente tem que entregar a Deus minha filha o que é bom, tem que dá a meu Senhor, meu Senhor quer o seu coração. Eu tenho um exemplo filha, eu tenho um amigo meu que passou, passou muitos anos andando na missa, todo dia ele botava, ele botava uma pedra no pé de juá. Com três ano, ele, ele, ele chegou, isso é uma história, ele chegou na beira do cacimbão tinha um bicho morrendo de sede, ele pegou aquela água do, mas rapaz como é que pode, o animal tá na beira do cacimbão, em tempo de cair dentro, ele pegou o que tinha comprado no domingo e deu água o bicho, eu vou saber quantas pedra tem dentro desse buraco, quando ele olhou só tinha uma pedra. Oh minha filha, o favor eu num nego nunca, agora minha filha eu peço a você, é melhor você ter, é melhor você ter pra dar do que pra você pedir num é assim? Do que pedir num é assim? Porque isso é muito importante minha filha, Deus, Deus quer de você o coração, as vezes você é mal criada, faz de tudo com a população, mas o coração é de Deus. Deus é o dono do

mundo, o caba chama um nome, que num tem que acabe de nome, num tem quem acabe o nome no mundo. Olha outro dia chegou um caba com, aí o senhor disse, meu filho vamo, mas senhor o senhor chamando tanto do nome, aquele ali ta chamando nome é do coração pra fora, aquilo tá rezando de falsidade, num é assim. Olha minha filha, isso é exemplo no mundo, você é uma jovem, você é uma criança, você tem idade de ser minha, quantos anos minha filha tem?

F.F. – Vinte e sete.

L.S. – Pois é, eu tenho filha com vinte e seis anos né, eu tenho bisneto, quer dizer que eu já tenho neto da sua idade, quer dizer minha isso é uma benção de Deus, eu dou graças a Deus todo dia, porque ele faz por mim e por minha família. Eu se eu, meu Senhor me abençoa, me protege, proteja meus filhos, meus filhos, meus netos, minhas pessoas que arrudeia a mim, e quem num arrudeia também. Que eu num penso minha jovem só em mim, eu penso em mim e no meu vizinho. Eu num penso só em mim, isso num existe filha, eu penso num sei no quilo de carne também, eu num penso só no arroz e água não, isso não existe. Mas tem gente minha filha que pensa diferente, só, só quer, só pensa em si, você tem que fazer por você e os outros, que Deus está no seu coração. Se você tiver um coração de maldade, claro que você vai colher maldade, num vai colher falsidade, mas se você tem um coração de Deus, felicidade que te protege, Jesus vai, vai te proteger todo tempo. Tudo pra tu, que nem o velho Massa, tô com sessenta ano pra mim, pra mim eu não posso minha filha, hoje eu digo a minha filha, eu sei, eu passei muita dificuldade por ser um caba da roça num é fácil num é minha filha, mas eu, hoje eu me sinto um homem realizado, realizado porque minha filha só em eu ter uma aposentadoria até eu morrer, a minha mulher comer até morrer, nós dois, nós trabalha pra sobreviver, num é uma benção de Deus. É uma benção de Deus, porque minha feira, até o velho bater as botas, o cartão o dinheiro cai no dia num é assim minha filha, fazer a feira e ajudar um filho meu se precisar. Quer dizer que eu não posso me queixar, se eu me queixar é de barriga cheia num é assim, aí graças a Deus é o que eu digo a você.

F.F. – Então, é, é, o Senhor acredita que a população, as pessoas ela, elas contribuem com essas informações da mesma forma que antigamente, elas contribuem muito, ou elas diminuíram, não ligam tanto, não se preocupam tanto

L.S. – Hoje minha filha, hoje minha filha essa população, hoje você sabe que a população, você sabe que hoje, hoje tem muito meio de comunicação né minha filha, tem televisão, tem o, tem o telefone, tem, tem até o, tem os telefones você quer ligar, ligar pro telefone, olhe mensagem, eu vejo né ligando nas mensagens, tudo existe né minha filha, antigamente nem telefone num tinha, você sabe que num tinha. Hoje é tudo é, tudo, tudo tem fácil. Tem internet, tudo é fácil. Você quer ligar pro rádio, você liga pela internet, o caba lê as mensagens num é assim. Porque mudou tudo num é. Quer dizer que a população, feliz de nós se não tivesse esse rádio, essas emissoras de rádio no país, pra denunciar as coisas erradas, a televisão, a internet, tudo é assim, tudo hoje é,

hoje é a coisa evoluiu dez mil por cento de hoje, que antigamente você, você, o seu pai, ou sua mãe, pra se formar hoje tinha que ir pro Recife, ir pro Rio de Janeiro, porque aqui, isso aqui não existia num é assim, num é. Aqui não tinha nada, só a cidadezinha magra e acabou. Você sabe que esses mais velhos, esses médicos curucos que nem eu que já tem sessenta ano de idade, formou-se no Rio de Janeiro, no Recife, aqui antigamente num tinha nada num é assim. Nem em João Pessoa num tinha formatura em João Pessoa pra médico, hoje, hoje você tá aqui dentro de casa. Quantos médicos num já tem aqui formado, aqui na universidade. Quantos de médicos jovens, eu mesmo, eu mesmo minha filha digo a você, digo e num peço segredo, eu fiz a minha, a minha prevenção da minha próstata, eu fiz com um jovem médico, uma criança, vinte e poucos anos, ele, ele foi quem fez a minha biopsia da minha, da minha próstata. E aí meu filho, velho, meu velho tô bom, você aqui tá beleza. Um jovem, antigamente você tinha que fazer com um caduco, que aqui num tinha médico, poucos se formavam aqui nera, num é assim minha filha. Hoje você tá vendo um médico jovem, chegou, eu me, eu me, eu fui me receitar com um médico lá do Uiraúna, um jovem, uma criança, o médico parou até o povo pra conversar, e o povo dizia, esse homem num vai parar de conversar não? O médico disse eu quero, seu Massaroca, qualquer dia eu vou pra conversar com você na sua casa. Ele gostou tanto de conversar comigo, Massaroca, com você seu Massaroca eu passo com você o dia todinho conversando com você. Dei o telefone e ele ligou, e aí Massaroca como é que tá você, eu tô bem. E o remédio deu certo? Deu certo. Um jovem de vinte e poucos anos de idade, uma criança, ele é do Uiraúna, mas tá morando em Sousa, o pai dele, conheço o pai dele, isso num é bom. Porque onde eu chego graças a Deus, onde eu chego a, o meu papo, o povo gosta da minha conversa. Eu acho que você tá gostando da minha conversa. Eu acho que se você num, você num, se você não tiver gostando eu você fazer o que?

F.F. – Não, não.

L.S. – Eu tenho que conversar né filha, eu acho que você tá entrevistando e eu tenho que dizer a coisa, a coisa como ela é. Eu não posso falar nem de menos, nem de menos nem demais.

F.F. – É verdade.

L.S. – É o que eu faço minha filha. Eu, essa cidade de Cajazeiras, pra mim é uma cidade abençoada, tem milhares amigos, onde eu chego eu sou bem recebido, eu sou bem aceito, em qualquer, em qualquer repartições, eu tenho muito crédito graças a Deus, onde eu chego tanto, tanto faz eu ir como mandar o bilhete, tanto eu telefonar, eu, o meu crédito, os meus filhos onde eu chego, filho do Massaroca pode vender sem medo que, se ele num pagar eu pago. Quantas vezes eu paguei conta de filho, pago com todo prazer. Filho meu num deve a ninguém, porque se dever eu pago, porque eu não quero meu nome, ah o filho de Massaroca, não senhora, num pode fazer isso. A meu filho você comprou, você tem que pagar. Porque meu filho o credo, o seu credo é muito, é muito importante pra você. Muitas coisa que tá acabando com este país também, desse

tanto de cartão de crédito, tá, tá acabando com o credo do povo, do mundo. Se eu ligo a televisão você vê a bagaceira. Caba empenhado coitado, sem dormir de noite, chega, chega num canto eu tenho um cartão de crédito, compra uma televisão, no outro canto um celular, aí sai comprando, dividi em tantos pagamentos, tem o cartão de crédito, aí minha filha, aí no fim, aí tá, tá no pé da goela. Num é assim, eu vejo na televisão. Duas coisas que eu não uso, esse tal de cartão de crédito, inclusive eu tenho uma continha no banco, aí o rapaz disse seu Massaroca, ele gosta muito de mim o gerente lá, Massaroca, seu Massaroca aqui tem uma coisa pra você e me ofereceu, aí eu disse, eu digo uma coisa a você meu filho, se você me oferecer esse bicho eu, eu vou dá baixa na minha conta. Não seu Massaroca, vou dá baixa na minha conta, porque eu não vou usar uma coisa que, isso num existe. Isso é, isso é que tá acabando com o povo, acabando com o povo. Que muita gente minha jovem, muita gente, num sabe usar.

F.F. – É verdade.

L.S. – O cartão é pra quem sabe usar. Você, você, estuda no que você ganha. Se você ganha mil real você tem que comprar menos de seiscentos, pra sua roupa, pra seu calçado, mas não eles surrupeia tudo, sarrapeia tudo, e fica devendo. Eu digo que eu vejo na televisão, vejo pela internet. Conta de banco também é a mesma coisa bancária, você vê, esse país, os bancos pra lhe pegar é muito fácil, pra lhe emprestar o dinheiro, pra você botar um dinheiro lá, pra negociar, você paga meio por cento, pra lhe emprestar é doze, dez, doze por cento, num é assim. Quer dizer que é acabando com sua vida. Aí se você num se ingressar na vida, você vai se estragar, você e seu crédito, num é assim. Aí minha filha, a gente, a gente muitas coisas, tem que pensar. Na sua vivência, o seu, o seu cada dia, o seu passamento de cada dia. Você, você pense, você pense no dia de hoje, e no de amanhã. Não, eu, eu vou comer um, vou comer um quilo de carne hoje, eu vou botar tudo no fogo, se não vai comer, num bota nem quilo, amanhã num, você comer tudo hoje, amanhã você vai comer d'água, num é assim. E você, se você dividindo as coisas direitinho, num é assim minha filha, é o mundo, o mundo é esse, você que é jovem, que é uma criança, tá se formando agora, logo, logo, isso aí, isso pra você é um exemplo de vida, se você disser eu conversei com um velho em Cajazeiras, com Massaroca, é um exemplo de vida. Eu dei aula, eu dei aula, eu, eu lá no jardineiro, o Demoley, é o Demoley é dos Maçons, lá tinha uns cem Demoley, minha filha eu dei uma aula, ficou na história lá, eu passei duas horas conversando lá, todo mundo batendo palmas, seu Massaroca você, é o maior homem do mundo, isso não existe. E pra você vê, eu não sei lê. E se eu soubesse ler, diz aí a história aí como é. Diz aí a coisa.

F.F. – O senhor tava longe. É verdade.

L.S. – Se eu soubesse ler eu estava no Jornal Nacional, no Jornal do Congresso, diz aí como era a história.

F.F. – É, o senhor acredita que a história da cidade de Cajazeiras ele pode ser contada através do, do que se ouve nos programas do rádio?

L.S – É muitas coisas, é muito importante.

F.F. – O senhor, o senhor tem algum fato que o senhor considere importante, que o senhor ouviu no rádio e, sobre a história da cidade de Cajazeiras?

L.S. – Tenho, tem muitas histórias. Tem muita história verdadeira.

F.F. – Uma que o senhor diria que é importante pra história da cidade que o senhor ouviu no programa do rádio.

L.S. – A coisa minha filha, eu acabei de dizer a você agora, a coisa mais importante do rádio que nem eu vejo é ajudar a quem mais precisa. Eu acabei de dizer a você, já vi programa de rádio arrecadar trinta mil real pra ajudar uma pessoa, pra ajudar um, um Seguro Safra que o prefeito num pode pagar, e isso arrumou, arrumou trinta mil real dentro de duas horas. Quer dizer minha filha, não é uma história. Já vi muita gente arrumar passagem de avião, de, de, de, de ônibus pra São Paulo, pra Bahia. História do rádio, quer dizer que isso num é uma história verdadeira, uma história beleza. Quer dizer que o rádio é quem mais contribui, é quem mais tem a história pra contar. Porque através, se não tivesse o rádio? Se não tivesse aquele jornalista, o que será? Porque você saí pela rua, vão dizer vá trabalhar vagabundo, vá trabalhar, que você é pago. E o rádio é uma história verdadeira. E o rádio minha filha quando falta uma coisa, você vê esse rádio, esse prefeito dessa cidade, dessa região tem mais raiva do rádio do que tudo no mundo. Porque, porque tá estragando o nome dele não é assim? A estrada, o prefeito num tá pagando pra ninguém, o pagamento está atrasado, quer dizer tá saindo no rádio. Quer dizer que a população está ouvindo aquilo dali, vamos pagar esse povo porque o rádio está acabando comigo, num é assim? Eu digo a você minha filha, eu, eu já fiz mais de milhões de denúncias nesses anos que eu vivo lutando pelo rádio, mas toda denúncia dele teve velocidade, teve, teve como é que diz, teve sucesso. Que eu nunca liguei pro rádio pro caba num vê fazer o trabalho. Vai pra Massaroca que lá, lá a coisa que ele tá dizendo é verdade, num é mentira, vamos lá rapaz. Já arrumei muitas coisas pra aqui, já arrumei mercado, já arrumei caixa d'água, isso aqui foi arrumado eu e a população. Ligando pros emissora de rádio, isso aqui minha filha, essa caixa d'água era bem miudinha, nós vivia morrendo de sede, aí eu meti o pé no rádio, eu pedi os deputados, minha filha, se eu disser uma coisa a você, você num acredita. Eu fui o único aqui em Cajazeiras, eu digo e num peço segredo, eu fui o único defensor que deu, que deu um de sacerdote, dentro da Assembleia do Estado, Luiz Massaroca, que lá só entra de paletó, eu entrei com o paletó do guarda, um bem grandão, quando eu vesti o paletó ficou aqui, eu tive que dobrar assim pra dentro. Eu dei, eu dei um discurso tão grande lá, lá na Assembleia, no pleno da assembleia, eu com o microfone da assembleia, aí os deputados tudo bateram palma e disse, aonde esse caba é vereador a cidade deve ter muito orgulho, aí eu disse, eu não sou porra nenhuma pô, eu não sou nada, e você num é vereador. Vereador? Meu amigo eu sou o homem da população Cajazeiras. Com mês e pouco começou o serviço da caixa d'água, que é através de pedir, quer dizer inclusive tem uma história verdadeira, porque um dia desse eu tava contando aqui, o Deputado Edir

Tavares, ele disse no rádio, o velho Massaroca até o dia de hoje, foi o único, o único que deu discurso na assembleia do Estado foi Massaroca, pedindo essa caixa pras popular, e ele agora é deputado e eu sou testemunha da coisa. Quer dizer que até o paletó, o paletó ficou bem grandão né, os homão desse tamanho, e eu botei o paletó desse tamanho, porque lá só entra de paletó né, na assembleia só entra de paletó, e eu entrei de paletó, descí até uma bicha, hoje, hoje é tudo moderno né. Antigamente no passado era tudo diferente né, o bicho de rodar até chegar embaixo. E o meu caso é esse, já fui pra, já fui aqui pra falar com Ronaldo, falar com ele cara a cara, falei pra liberar os conjuntos, ele liberou esse conjunto aqui pra todo mundo, olha tudo num é cultura, tudo é cultura. Eu e Antônio Galego fizemos a reunião e Zé de Almir me deu a passagem. Disse vão pra Assembleia do Estado falar com Ronaldo, e eu fui lá e, eu mais Demundier e, nós resolvemos o problema. Nós não resolvemos o daqui, mas o de lá foi resolvido, todo mundo tem seu documento, tem seu, ou escritura, mas tem na mão. No dia que quiser vender sua casa tem o papel pra passar, aqui ninguém tem não, porque você sabe que aqui, o nosso governo, no tempo de Cássio Cunha Lima, mandou nós fazer o levantamento aqui, e até hoje num chegou nada aqui, num sei quantos anos, nunca chegou, nós fomos tudo fazer esses papel, fizemo, todo mundo fez os papel, inclusive eu vou até dá uma entrevista sobre esse trabalho, que foi o que eu acabei de dizer, ele fez negociar, levou todos os documentos daqui nosso, pra mandar tudo na linha, tá com mais de cinco ano esses documentos, e nós esperando. Agora nós não vamos passar uma vida toda esperando uma coisa que, uma coisa que num existe, ele devia ter dito, se ele queria fazer um levantamento pra vender as ação, tivesse dito rapaz. Disse que ele vendeu foi as ações das terras. E nós dancemo. É o caso que eu tô falando a você. Você tá fazendo uma coisa, a coisa como ela é, porque eu não posso dizer uma coisa filha que não acontece e que não aconteceu, eu tô dizendo e acha, porque o jornalista é aquele que faz a pergunta, o ouvinte tem que responder o que estou lhe dizendo, isso é muito importante.

F.F. – É, quais são os tipos de programas que o Senhor mais costuma escutar no rádio?

L.S. – Todos.

F.F. – O Senhor escuta...

L.S. – O programa de Aluísio Lima, o programa do rádio no meio dia, o Boca Quente é o mais importante, o Rádio Vivo é o mais importante, o Bom dia Notícias é o mais importante, aqui eu escuto todos.

F.F. – O Senhor está ligado no rádio o dia todo.

L.S. – Escuta, escuta aí, eu tenho esse raidinho aqui, o meu rádio aqui, meia hora em cada rádio. Eu assisto meia hora nesse, meia hora, que eu tô a pá de cada um deles. Eu não, eu não, porque tem gente que, não eu só ligo, não, eu ligo em todos. Porque você num pode dizer que, a minha opinião é de todos emissora de rádio.

F.F. – Você escuta todas as emissoras?

L.S. – Escuto cada uma um pedacinho. Porque minha filha eu não posso escutar só uma só, eu não posso fazer isso. Mas a parte que eu gosto de escutar mais, as vezes é o Boca Quente. É quem, quem mais toma meu tempo. Assisto uma parte do Rádio Vivo, a tarde você sabe que tem aquele programa da Rádio Oeste, escuto muito aquele programa de Chagas Amaro, de Dunga, Jocerlan, escuto muito aquela parte também, gosto muito de jornalístico, porque o Rádio Vivo, aquele programa de, de, de Parabólica Política, com J França, eu gosto muito daquele programa, porque é um programa verdadeiro, diz a coisa como ela é, tem um tal de um besouro mangangá que num é brincadeira, aquele besouro tá capotando, o J disse que ele tá no Rio de Janeiro, tá pesquisando tudo, quando vier é com gosto de gás, o besouro mangangá quando vier, vem com força, isso num é bom? É isso que eu falo.

F.F. – É, então é, em cima do Programa Rádio Vivo que eu tô fazendo meu trabalho, é tem alguma notícia que o Senhor tenha escutado no Programa Rádio Vivo, no ano de 2009, se o Senhor tiver alguma lembrança e que tenha ficado marcado na memória do Senhor?

L. S. – Minha filha, eu tenho muitos programas na mente, não tenho só o Rádio Vivo, porque é, na época, tem, tem uma pessoa que eu clamei muito, no Rádio Vivo, Alberto Dias. Pedi muito, eu tinha muita vontade, para aquele rapaz ser jornalista. Em 2009 ele, ele não era jornalista ainda. Isso aí, ele era motorista. Isso eu pedi a Deus, eu tenho fé em Deus, meu Senhor Jesus, meu Padim Çiço, meu Frei Damião, que Alberto é muito meu amigo, que Dr. José Antônio levasse esse rapaz pra ser jornalista. Hoje você tá vendo, Alberto está disputando um dos melhores radialistas dessa cidade. Hoje ele agradece a mim. Eu cheguei a pedir a Dr. José Antônio. Dr. José Antônio dá uma vez ao Alberto, faz o Alberto jornalista, não Massaroca vai chegar a vez dele, hoje tá vendo né minha filha. Quer dizer que é isso que me marca, que em 2009 eu pedi muito a, eu já pedi muito a Dr. José Antônio fazer aquele rapaz jornalista, a coisa que mais me marcou foi isso, hoje eu estou vendo esse menino disputando, Massaroca, Massaroca você é meu ídolo Massaroca, hoje eu gosto de Massaroca a muito anos, Massaroca pediu muito pra eu entrar, hoje está disputando não é assim? Quer dizer que pra mim é um orgulho ter essa pessoa maravilhosa lutando por essa cidade.

F.F. – Pronto. É, o Senhor consegue imaginar a cidade de Cajazeiras sem as emissoras de rádio?

L.S. – Ah, é sério. Minha filha as emissoras de Cajazeiras sem esses jornalistas é zero, jornalista é zero, porque a força dessa cidade é os rádios. Tudo, tudo que a gente quer consegue através do rádio. Programa, programação, problema, rua desmantelada, o lixo na cidade, essas emissoras de rádio é quem faz esse trabalho, que eles escuta, olha esses administradores eles tem o rádio ligado minha filha, nesses programas. Porque vê a população ligar, ei rua fulano de tal, rua fulano de tal, vamo ajeitar.

F.F. – Tá antenado no que tá...

L.S. – Através das emissoras, se tirasse essas emissoras era neutro, se tirasse as emissoras aqui desse Sertão Paraibano tinha muita coisa desmantelada.

F.F. – A cidade de Cajazeiras então ela perderia muito enquanto informação.

L. S. – Ave Maria perde noventa, cem por cento. Porque essa cidade não pode estar sem rádio, sem a internet, sem nada. Porque graças a Deus eu fico muito feliz em ter essas emissoras de rádio pra lutar por cada um de nós, num é assim minha filha? Nossos bairros, o lixo na rua, um negócio desmantelado, um cano derramando água, derramando água na cidade, liga pro rádio, pouco mais o caba da Cagepa vem a equipe pra, se não tivesse o rádio? Tinha isso? Num é assim. Aí isso aí, essas emissoras de rádio é um bem maravilhoso nessa cidade. Esse Rádio Vivo eu adoro essa emissora de rádio também. Eu quero um bem a, porque eu gosto muito do Rádio Vivo e do Boca Quente. E o programa de Aluísio Lima que eu gosto do programa de Aluísio que é um danado, um danado. Pois é minha filha, você gostou?

F.F. – É, pra terminar, a última pergunta, é a partir do, da vivência do Senhor enquanto ouvinte, enquanto colaborador, que o Senhor colabora muito pra informação, é conhecido dentro da cidade, o Senhor liga, o Senhor denuncia, o Senhor pede, é como é que o Senhor contaria a história da cidade de Cajazeiras?

L. S. – Minha filha eu conto a história minha filha, porque graças a Deus as emissoras de rádio, eu sou bem-visto em todas elas. Com elas eu não tem diferença, e não escolhe participação minha, escolhe as dos outros, menos minha. O Zé Cavalcanti, esse empresário Zé Cavalcanti, ele já autorizou, achava melhor cortar a entrevista dele de que Massaroca, que eu sou ouvinte de Massaroca. Quer dizer, o dono da emissora é meu ouvinte, quer dizer que, quer dizer que isso pra mim não é uma honra?

F.F. – É, com certeza.

L.S. – Ele disse, olha Massaroca, eu já disse os meninos, se é de cortar, se é de cortar, o seu raciocínio, corta o meu. Quer dizer que já disse tudo? Ele já disse tudo né. Eu falo tempos e tempos e eles nunca cortaram minhas participações. Disse não, isso aqui é ouvinte do dono, isso aqui ninguém, eu digo a você o que eles passa pra mim. Que os, Massaroca, você é ouvinte do dono da emissora. Quer dizer que eu não posso cortar seu raciocínio, jamais cortar o seu raciocínio, porque você é ouvinte do dono, pra eu cortar você, tem que cortar o dono, aí pra onde eu vou? Pra rua. Num é assim? E tanto faz a Alto Piranhas de Dr. José Antônio, eu chamo Dr. José Antônio porque ele é professor, Dr. José Antônio, Zerinho meu amigo maravilhoso que é meu ouvinte também, milhares de ouvintes dessa emissora, a Patamuté, você sabe Marcos Rodrigues da Arapuã, muito meu amigo. Massaroca você tá me dando muita saudade, o que mata não é faca, não é, você tá me matando de saudade. Isso num é bom? Quer dizer que, eu fico feliz nessa cidade com tanta coisa boa. Pois é você terminou, gostou da minha entrevista?

F.F. – Eu quero agradecer ao Senhor e dizer que a entrevista do Senhor será muito importante para o meu trabalho e terminamos nossa entrevista.

L. S. – Você gostou da entrevista?

F.F. – Gostei, gostei sim.